



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**REPRESENTAÇÃO DE MATERNIDADE EM MULHERES SEM
FILHOS – UM ESTUDO EXPLORATORIO**

BEATRIZ MOSCA RIVERA

**Orientador de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL**

**Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL**

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia da Saúde

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia da Saúde conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente às participantes desta pesquisa que confiaram em mim e se disponibilizaram para falar de assuntos tão pessoais de suas vidas, fazendo este projeto possível.

À minha família, em especial meus avós por todo amor, confiança, e sacrifícios, pelos valores e ensinamentos que me passaram e por acreditarem em mim, sempre me incentivando a seguir em frente. A minha mãe, pelo apoio incondicional, foi uma amiga, companheira, uma guerreira sempre ao meu lado. Sem eles esse sonho nunca teria sido realizado.

À minha orientadora, Isabel Leal, por todo apoio e compreensão.

Aos meus amigos, elo fundamental para que eu chegasse até aqui. Meu obrigado especial a Juliana, minha parceira durante toda essa caminhada. A Marcela, pelo apoio e toda ajuda principalmente nos momentos mais difíceis. A Claudia, pelo conforto e todos os ensinamentos de vida que aprendi ao seu lado. A Sara, minha irmã e companheira desde que entramos no curso de psicologia.

Ao meu namorado, Gustavo, por ter me proporcionado um bem estar psicológico de tanta paz, fundamental para a finalização deste trabalho.

A todos o meu muito obrigada!

“Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo”

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A não-maternidade é um fenômeno em crescimento em nossa sociedade ocidental, cada vez mais mulheres estão escolhendo investir em outros âmbitos de sua vida e decidem por não exercer a maternidade, principalmente quando hoje a mulher é a encarregada dos cuidados dos filhos, numa sociedade onde ser uma boa mãe significa abdicação e dedicação total em prol dos filhos. Objetivamos neste estudo compreender o motivo pelo qual as mulheres que não tiveram filhos optaram de forma voluntária pela não maternidade, focalizando na influência que a representação de maternidade pode ter tido nessa escolha. Para tanto, foram entrevistadas 16 mulheres a partir dos 45 anos – idade em que as chances de se ter filhos é muito reduzida – através de entrevistas semiestruturadas, utilizando a análise de conteúdo como técnica de análise de dados. Concluímos que a representação sobre o ser mãe, alicerçou o comportamento de não ter filhos, estas mulheres apresentaram percepções muito sobrecarregadas a respeito da maternidade e dos cuidados maternos, enfatizando mais os seus pontos negativos e suas desvantagens, além disso não tinham desejo de ser mãe e de exercer funções maternas.

Palavras-chave: Não-maternidade; Sem filhos; Representação de maternidade.

ABSTRACT

The childlessness is a growing phenomenon in our Western society, the woman are even more choosing to invest in other aspects of their lifes and are not choosing motherhood, especially when today the woman is in charge of the children's care, in a society which being a good mother means full dedication. In this study we aimed to understand the reasons why woman are choosing a childless life, focusing on the possible influence of the maternal representation may have in this decision. To this end, 16 women from 45 years old were interviewed – age which the chances to have babys are very low - through a semi-structured questionnaire, using the content analysis as data analysis technique. We conclude that the maternal representation of motherhood has influence in the childless behavior, these women present overload perceptions about the maternity and maternal care, focusing in its disadvantages, besides they did not want to have children and the desire to execute maternal's functions.

Key words: Childlessness; Childless; Maternal representation.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
REVISÃO DE LITERATURA	12
Razões para não maternidade.....	12
Representação de maternidade.....	16
Índices demográficos.....	20
REPRESENTAÇÃO SOCIAL	23
Representação social de Moscovici.....	23
A condição feminina.....	26
OBJETIVOS	29
METODOLOGIA	30
Participantes.....	31
Material.....	31
Procedimento.....	32
<i>Recolha de dados</i>	32
<i>Guião da entrevista</i>	32
Análise de dados.....	33
RESULTADOS	40
Razão para não-maternidade.....	40
Representação de maternidade.....	43
Representação social da maternidade.....	46
Condições gerais para maternidade.....	48
Sentimento associado a não-maternidade.....	51
DISCUSSÃO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69

REFERÊNCIAS71

ANEXOS.....75

INTRODUÇÃO

A não-maternidade é um fenômeno cada vez mais presente na sociedade contemporânea, os índices demográficos mostram que as mulheres estão cada vez mais tendo menos filhos, ou até mesmo não tendo mais nenhum, “*de fato, no mundo ocidental, a gravidez vai sendo um fenômeno cada vez mais raro, havendo uma diminuição sensível das taxas de natalidade a partir dos anos sessenta*” (Leal, 1997, p. 203). Essa variação do número de nascimentos sugere que a maternidade foi assumindo diferentes papéis na vida das mulheres ao longo do tempo e que esta mudança ocorreu junto com a abertura de um novo leque de possibilidades e de modos de vida antes desconhecidos, ou inapropriados para a mulher.

Para estudarmos a maternidade ou, neste caso, a não-maternidade, devemos ter em mente que este é um fenômeno multifacetado, influenciado por questões econômicas, culturais e políticas, portanto não podemos estudar a importância da maternidade e seus significados fora de um contexto histórico e sócio-cultural (Canavaro, 2001). No seu estudo sobre as mudanças nos padrões e experiências da maternidade, Scavone (2001) mostra que este é um fenômeno mais social do que propriamente biológico, já que é influenciado pela cultura e sociedade na qual acontece. Para a autora, por trás do fenômeno biológico da maternidade, existe uma gama de interesses políticos, econômicos, religiosos e sociais que a rodeiam.

Simone de Beauvoir (1967) em sua celebre frase “*ninguém nasce mulher, torna-se mulher*” (p. 9), defende que não é um destino biológico que define a forma que a fêmea humana se assume na sociedade. Seguindo esse mesmo raciocínio Leal (1995) afirma que o ser mulher não é uma condição biológica e sim uma condição que perpassa por uma Ordem Social que molda tanto os homens quanto mulheres antes mesmo deles se tornarem homens e mulheres e à mulher coube então a função social de ser mãe.

Com relação à maternidade não é diferente, o ser mãe também percorre pelo que é culturalmente imposto. Em seu livro *mães - um estudo antropológico da maternidade*, Kitzinger (1978) afirma que “*uma grande parte do que consideramos 'natural' na maternidade, de modo algum é natural, mas um produto da cultura, os processos naturais foram bloqueados por imperativos culturais*” (p. 18). O tipo de parto, a importância da amamentação, o desejo de ser mãe, os cuidados maternos e a própria relação com a gravidez, por exemplo, mudaram ao longo dos anos e dependem de cada contexto histórico (Scavone, 2001).

Apesar da experiência materna ter variado ao longo do tempo e dos contextos sociais, em quase todas as culturas ela ocupa um lugar de centralidade (Kitzinger, 1978), a maternidade é vista como um dever da mulher para com a sociedade, até porque é através dela que se perpetua a nossa espécie. Os filhos configuraram-se como uma consequência “natural” do casamento, qualquer mulher com capacidade reprodutiva tinha filhos sem grandes conflitos, pois era esperado que toda mulher tivesse o desejo de ser mãe (Badinter, 2010).

Por muito anos a mulher não teve escolha, mas sim o destino de ser mãe, podendo ser presenciado nos discursos sociais a necessidade de devoção e sacrifício feminino em prol de seus filhos e da família, como se esses valores fossem essenciais e inerentes à natureza feminina. Era então, inconcebível para a mulher o adiamento, ou pior ainda, a opção pela não maternidade. Essa associação entre feminilidade e maternidade pode ser presenciada até hoje, o papel da mulher e a identidade feminina continuam sendo, de certa forma, construídas em função da maternidade (Moura & Araújo, 2004; Gillespie, 2003; Trindade & Enumo, 2002).

Mas no século XX, a partir dos anos setenta em particular, o espaço da mulher tornou-se mais complexo, as mulheres tiveram acesso a uma contracepção eficaz, aspiraram conquistas de seus direitos e igualdade em relação aos homens, tiveram direito a educação e consequente acesso ao mercado de trabalho (Canavarro, 2001; Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Scavone, 2001), a maternidade deixava de ser o centro da vida feminina, surgindo para as mulheres uma variedade de oportunidades de vida desconhecida das suas mães. Dentre essas possibilidades a mulher podia escolher entre satisfazer seus desejos pessoais, casar e ter filhos, assim como, casar e não ter filhos, acompanhado ou não de uma vida profissional. O deveres maternos podem ter sido acrescidos, mas os filhos apresentaram-se como uma questão de escolha e não mais de destino (Badinter, 2010).

Junto com essa liberdade de escolha, foi permitido também um novo olhar sobre a maternidade e, por conseguinte, novas representações, no entanto, quanto mais exaustiva e cheia de sacrifícios é essa visão, mais conflituosa parece ser a decisão e negociação entre a mulher e a mãe. Tendo a realização da mulher expandido para novos horizontes que não a maternidade, o desejo de ter um filho pode entrar em conflito com outros desejos pessoais.

Cada cultura e sociedade tem uma visão do papel materno e este papel nas sociedades contemporâneas é carregado e cheio de obrigações. Dentro da visão do que é uma boa mãe, os deveres maternos não se limitam mais aos cuidados físicos da criança, mas também aos cuidados psicológico e social, a concepção do que é uma boa mãe está associada a sacrifícios e priorização das necessidades da criança, representando um trabalho integral e sem descanso (Badinter, 2010).

Apesar das possibilidades advindas junto com a modernidade, ainda existe uma grande desigualdade dos trabalhos familiares e domésticos, sendo as mulheres as mais sobrecarregadas, tanto do cuidado dos filhos, quanto das atividades domésticas. As mulheres além de mães devem ser boas esposas, devem ganhar o seu dinheiro e cuidar da casa. Talvez tenham conquistado um espaço antes dominado pelo homem, mas essa conquista lhe trouxe um custo alto: as exigências agora são ainda maiores. A mulher ideal tem que ter sucesso profissional, ser uma esposa atenciosa e uma mãe dedicada. Frente a tantas pressões e, atualmente, possibilidades de escolha, algumas decidem ser mães a todo custo, enquanto outras lhe viram as costas e encontram realização em outros âmbitos de sua vida.

Diante de tanto peso, é natural que a escolha de ser mãe seja um decisão pensada e ponderada e que algumas pensem duas vezes antes de assumirem esse papel, principalmente aquelas que não despertam esse tal desejo materno. Afinal, o projeto maternidade é um projeto de longo prazo (mínimo de 18 anos) que demanda a prestação de uma gama cuidados e de muito amor para um desenvolvimento sadio da criança e que requer antes de tudo que a mulher tenha, mais do que o desejo de ter um filho, o desejo de ser mãe (Leal, 1990).

Sendo assim, essa decisão pressupõe uma reflexão entre suas causas e conseqüências e aquelas que não tem o desejo pela maternidade colocam na balança as suas vantagens e desvantagens. É provável que diante dessa decisão, quanto mais intensa for a função materna ou a representação dela, mais difícil seja conciliar os desejos pela maternidade com os seus desejos de mulher.

É o momento de nos interrogarmos se a “pressão” a um comportamento ideal frente a maternidade não é o maior inimigo da própria maternidade. Qual a representação que essas mulheres que escolheram não ter filhos apresentam sobre o ser mãe? Será essa decisão perpassada somente pela falta de desejo ou também pelo que para elas representa a maternidade? Para tanto, para compreender melhor as razões que estão por trás da não-maternidade, é importante compreender primeiro como essas mulheres enxergam o ser mãe e as conseqüentes pressões impostas a este papel.

REVISÃO DE LITERATURA

Recaindo este trabalho sobre a compreensão das representações de maternidade em mulheres não-mães no âmbito da saúde, segue nessa primeira fase um revisão de literatura, onde se pretende enquadrar a temática exposta, trazendo as principais conclusões de investigação realizada nessa área. Esta revisão tem como principio mostrar os estudos que buscam as razões relacionadas com a não-maternidade, seguidamente de uma breve descrição das variáveis do estudo.

Razões para não-maternidade

É perceptível que, apesar da maternidade ser algo esperado que ocorra em algum momento na vida da mulher, tem existido uma tendência crescente entre elas em adiar, ou ate mesmo optar por uma vida sem filhos, alguns estudos apontam para esta direção como os de Abranches (1990), Barbosa & Rocha-Coutinho (2007), Shapiro (2014), Morrisette & Spain (1991), Gillespie (2003), Park (2005), Wagner (2000) e Tobin (1999), entre outros.

No âmbito do estudo da não-maternidade voluntaria, existem quatro linhas de pesquisas principais: (a) quem escolhe a não-maternidade; (b) razões para não-maternidade; (c) quais as consequências da não-maternidade; e (d) a estigmatização desse estilo de vida e as respostas a esse estigma. Neste estudo focaremos nos motivos que levam a não-maternidade com o foco nas representações de maternidade e sua possível relação a escolha de não ser mãe.

Em sua revisão de literatura sobre não-maternidade voluntaria Houseknecht (1987), encontrou em 29 estudos publicados entre 1971 e 1981, alguns motivos que contribuía para a decisão de não ter filhos, entre os mais frequentes, mencionado em 79% dos estudos, estava a liberdade da responsabilidade de criar filhos, liberdade de movimentos e maior oportunidade de auto realização. Em segundo lugar com 62% dos estudos estava o maior grau de satisfação conjugal e insegurança de mudanças na relação com a chegada de um filho. Seguidamente, em terceiro lugar, estavam as considerações acerca da carreira profissional e vantagens financeiras de permanecer sem filhos com 55%. Em quarto e quinto lugar estavam a falta de gosto por crianças e duvidas à respeito da habilidade de ser mãe, com 38% e 31% respectivamente.

Alguns estudos trazem a ideia de que a criação de um filho é vista de maneira conflitante com alguns desejos pessoais, sendo mantido o foco nos seus aspectos negativos. McAllister & Clarke's (1998) concluíram que mulheres britânicas associam a maternidade a uma grande responsabilidade, total comprometimento, sacrifício e ausência de egoísmo, para

estes autores a preocupação com a própria responsabilidade de criar um filho apresenta-se como um fator desmotivador para a maternidade.

A criação de um filho parece ser também conflitante com ascensão profissional e considerada uma tarefa de tempo integral, para Gerson (1985), existe uma ideia de que ou se tem sucesso no trabalho, ou se tem sucesso como mãe, refletindo a concepção de que os dois não podem existir. Num estudo mais recente Park (2005), encontrou que mulheres estão predominantemente vendo a parentalidade como conflitante com sua carreira profissional e atividades de lazer, tirando algo que hoje é considerado tão importante: a liberdade, além disso as mulheres alegam a falta de “instinto maternal” ou interesse por crianças.

A falta de um parceiro também parece influenciar na decisão de ter filhos, Graham et al (2013) acrescenta que as mulheres que não tem filhos ou não tem o desejo de ser mãe, ou não estão no relacionamento certo, ou num relacionamento em que seus parceiros não querem ter filhos. May (1995) concluiu que muitas mulheres sem filhos priorizavam mais ter um relacionamento íntimo com um parceiro, bastante tempo livre, bens de consumo e acima de tudo liberdade, em detrimento de um investimento na maternidade.

Além dos fatores psicológicos estudados, podemos considerar algumas mudanças sociais que influenciaram a aumentar os índices de não-maternidade, durante as últimas décadas do século XX houve diversas mudanças no âmbito dos valores e papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade. Dentre as mudanças mais significativas, as mais importantes para o nosso estudo são aquelas relacionadas com o lugar da mulher na sociedade e nas transformações que perpassaram seu papel e sua posição na sociedade.

De acordo com Giddens (2002), essas mudanças atingem de maneira relevante também a vida familiar, as formas de conjugalidade e conseqüentemente as concepções sociais de maternidade e feminilidade. São múltiplos os factores que levaram a mudança nas concepções familiares e a dissociação entre feminilidade e fertilidade e proporcionaram às mulheres outras opções além da maternidade.

Como afirma Bayle (2005), a família sofreu diversas transformações em razão das mudanças sociais, alterando sua estrutura a nível biológico e nos papéis de gênero. Da família nuclear do século XVIII, preocupada com a conservação dos bens e longe de ter uma função afetiva, chegamos a família nuclear doméstica fechada, com fortes laços emocionais e tarefas bem estabelecidas.

Com as mudanças na estrutura familiar a parentalidade vai sofrendo também alterações. A partir dos anos setenta um conjunto de fenômenos colocaram em cheque a família nuclear e a falência de um modelo configurado como “*casal e seus filhos coabitando*

na mesma casa, com papéis sexuais e tarefas repartidas e constituindo-se como unidades de produção e reprodução de valores, afetos e bens.” (Leal 2005, p. 363). Começou-se a falar de “crise da família”, esta já não representava os mesmos valores conservadores de antes e homem não tinha a mesma autoridade e centralidade.

Novas configurações de família foram surgindo, como as monoparentais, homoparentais, recompostas e começa a perceber-se um modelo preponderante de maternidade principalmente nas sociedades ocidentais contemporâneas em que observa-se o número reduzido de filhos e o aumento do número de mães que trabalham fora do ambiente doméstico (Scavone, 2001).

O movimento feminista começou a questionar essa concepção naturalizada da maternidade, reivindicando novas identidades femininas, uma maior inserção no mercado de trabalho e direitos mais igualitários. Essas reivindicações ofereceram às mulheres a oportunidade de viver sua sexualidade independente da reprodução, além de fornecer as bases para a formação de uma nova identidade feminina que não considera a maternidade como definidora e sim como uma escolha individual perpassada pelos diversos âmbitos da vida da mulher Scavone (1985).

Os avanços da medicina, no que diz respeito aos métodos contraceptivos, proporcionaram às mulheres a desvinculação da função reprodutiva biológica com a vontade de ser mãe e também permitiu que vivessem sua sexualidade em uma esfera além da reprodutiva. As mulheres passaram a ser protagonistas de suas próprias escolhas e puderam optar se querem ou não ter filhos e quantos querem ter e não mais tem a obrigação de cumprir um destino que lhes coube pelo simples fato de terem nascido mulher (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007). Esses avanços promoveram também a dissociação entre sexualidade e procriação, proporcionando que a conjugalidade fosse vivida na afetividade e nas escolhas pessoais do casal e não apenas nas obrigações matrimoniais, permitindo que a reprodução seja uma escolha do casal (Rios & Gomes, 2009).

Para Badinter (2010), a partir do momento que as mulheres passaram a ter o controle sobre sua fecundidade, quatro fenômenos emergiram nos países desenvolvidos: (a) declínio da taxa de fecundidade; (b) aumento da idade média para ter o primeiro filho; (c) aumento do número de mulheres no mercado de trabalho; (d) diversificação de modos de ser femininos, como mulheres que não se casam ou que não tem filhos. Desse modo, vemos que essa aquisição do universo feminino trouxe grandes transformações para a identidade feminina, graças a ela o mundo da mulher diversificou-se e a maternidade pôde ser uma questão de escolha.

Os avanços da industrialização e da urbanização levaram a mudanças sociais e econômicas que contribuíram para difundir a propagação de novas formas de comportamento e de consumo, proporcionando uma mudança no modelo tradicional de maternidade e oferecendo à mulher outras possibilidades além da maternidade. Além de mãe, a mulher passa a ter a oportunidade de estudar e de ingressar no mercado de trabalho, podendo optar por seguir uma carreira que lhe traga prestígio profissional e também benefícios pessoais (Patrias & Buaes, 2012).

As mulheres passaram a ter acesso à educação e conseqüentemente introduzem-se em um campo mais amplo de trabalho, a inserção nesse mercado por sua vez, trouxe uma mudança na concepção familiar e conseqüentemente na experiência da maternidade, já que isso passava a ser um dilema para aquelas mulheres que almejam uma carreira profissional qualificada, visto que ainda são elas que assumem a maior parte das responsabilidades parentais. Com mais acesso à educação e conseqüentemente ocupando maior espaço no mercado de trabalho, a decisão de ser mãe perpassa atualmente por uma reflexão mais racional, influenciada também por factores sociais, econômicos e profissionais (Scavone, 2001).

Atualmente percebemos que a escolha das mulheres em estruturar suas carreiras profissionais antes da maternidade tornou-se um fato cada vez mais comum. Entretanto, existe uma coincidência entre o período ideal para ser mãe e o período em que as mulheres estão ascendendo profissionalmente, e assim a maternidade é muitas vezes adiada.

Dessa forma, investir primeiramente em uma carreira profissional pode gerar dificuldades para a concretização deste projeto. Primeiramente porque postergar a maternidade pode significar um risco, visto que a partir dos 30 anos o sistema reprodutor feminino começa a envelhecer e torna-se cada vez mais difícil a maternidade. Em segundo lugar, existe um aumento do risco de má formação do feto e de doenças congênitas. Esta escolha pode portanto, gerar dificuldades para as mulheres que tem o desejo de ser mãe, aumentando o número das que adiam este projecto ou que até acabam por nunca realizá-lo (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007).

Vale salientar que além das diversas mudanças que ocorreram ao longo dos anos no âmbito sociocultural e nas configurações familiares, existem outros fatores que parecem influenciar também a escolha da não-maternidade como o nível educacional; melhores oportunidades de trabalho; e trabalhos privilegiados (Houseknecht, 1982), além de motivos mais individuais, como foco maior em estabelecer uma relação conjugal; desejo de ter tempo para descanso e lazer; dinheiro para bens de consumo e viagens; e liberdade (Park, 2005).

Representação de maternidade

O conceito de representação de maternidade usado no presente estudo foi o apresentado por Canavarro (2001) em seu livro *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, que a partir de conceitos emprestados da Psicologia Cognitiva, refere que a forma que agimos e pensamos está relacionada com as representações esquemáticas que temos da realidade. Qualquer perspectiva cognitiva, das mais racionais às mais construtivistas, atribuiria uma relação entre as crenças básicas sobre a maternidade e a decisão, ou não, de engravidar.

A não-maternidade é um fenômeno multifacetado, perpassado por diversos fatores, e existindo, portanto, muitas variáveis por trás desta decisão, como trajetória de vida, relação com os outros, relação conjugal, fatores sociais e etc, mas em grande parte também está associada ao significado que é atribuído à maternidade. Desse modo, é importante entender as representações, ou seja, o conteúdo dos esquemas cognitivos ligados à maternidade, para melhor compreender o comportamento, seja ele adaptativo ou não, de não ser mãe (Canavarro, 2001).

Como estas representações se formam? Como são processadas? Diante de uma visão mais construtivista a formação desse esquema de pensamento ocorre diante de uma realidade plural, subjetiva e dinâmica. Canavarro (2001) refere que a representação do que é ser mãe está relacionada a três tipos de fatores: desenvolvimentais; genéticos; e históricos e sócio-culturais.

Fatores de desenvolvimento

Os fatores de desenvolvimento estão relacionados com a história de vida de cada um, a vivência de suas experiências e o seu aprendizado ao longo de sua vida. Considerando a maternidade além do ponto de vista biológico no desenvolvimento da mulher, consideraremos a situação da maternidade como sendo uma situação relacional, na qual se sobressaem algumas relações específicas e significantes que tem um peso e uma influência na construção de sua representação.

Dentre as principais relações significantes estabelecidas durante a vida, a relação com a própria mãe (ou com a pessoa que desempenhou este papel) é considerada essencialmente importante, pois a mãe é, para toda mulher, a principal e primeira fonte do que é um modelo de afeto e cuidado materno. Segundo Soares (2001), a forma como a relação é estabelecida, como a mãe lida com sua filha e com o ser mãe, dão alicerce para a criação de uma base, na

qual a filha construirá as expectativas sobre o comportamento dos outros e o conceito de si mesma.

Outro fator relevante para a representação de maternidade é a própria experiência previa de gravidez e maternidade. Como neste estudo estamos analisando mulheres sem filhos, o relevante para esta representação se encontra na forma como o ser mãe foi vivido e esquematizado, seja da relação com sua mãe, com os irmãos, cuidando de outras crianças, etc. É importante ressaltar que, embora a real influência entre as experiências passadas e a forma como vai ocorrer o desenvolvimento futuro nunca será exatamente prevista, dada a complexidade das relações e da quantidade de variáveis que permeiam esse processo, é possível referir que “*a qualidade das relações que as mães estabelecem com os filhos tem algum poder preditivo em termos do seu desenvolvimento, embora não sejam o seu único determinante*” (Canavaro, 1999, p. 92). Podemos, portanto, prever que esta relação entre mãe e filha represente um peso e relevância no desenvolvimento e posterior representação de maternidade da mulher.

Badinter (2010), relata que existem fortes influências tanto da relação estabelecida com a mãe na infância, quanto da maneira como foi vivenciada e internalizada sua história de vida. Para aquelas mulheres que representam a experiência da maternidade de sua mãe de maneira negativa, por exemplo, provavelmente não irão querer reproduzir o que foi presenciado na infância com sua mãe, seja fazendo a escolha de não ter filhos, ou realizando sua maternidade de uma maneira diferente do que a experienciada.

No seu livro *will you be a mother?*, Bartlett (1994), defende que as experiências da infância podem influenciar mulheres adultas na decisão de ter filhos, mostrando que a maneira de enxergar a mãe e seus esforços feitos para criar, um, ou provavelmente mais filhos, pode levar as mulheres a uma insatisfação de repetir esse papel e até uma frustração pelos deveres e preocupações maternas que lhes foi atribuída por um modelo pelo qual elas não querem seguir.

Nesse sentido é importante lembrar que muitas mulheres também lembram como as suas mães as encorajaram a seguir carreiras profissionais e a conquistarem sua independência, sem necessariamente desencorajarem o casamento ou maternidade e mesmo assim suas filhas escolhem seguir caminhos nos quais não encaixam a maternidade (Donati, 2000). Podemos pensar que essa representação não é então formada apenas pela experiência concreta, mas pela interpretação e internalização que cada mulher tem dessa experiência.

Por último, destaca-se o âmbito profissional – que apesar de ter forte papel nos fatores históricos ligados à não-maternidade, relacionados principalmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho –, pode também ser visto pela sua dimensão pessoal. No momento em

que vivemos, a preocupação com a formação profissional e inserção no mercado de trabalho permeia a vida de homens e mulheres (Canavarro, 2001). No entanto, para as mulheres parece existir um conflito entre a maternidade e os objetivos profissionais, como se um tivesse que anular o outro, afinal, como conciliar os cuidados maternos – para ser uma boa mãe – e assumir grandes responsabilidades profissionais e longas jornadas de trabalho?

Os contornos profissionais podem influenciar na representação de maternidade de duas formas principais. A primeira ocorre pelo investimento que implica a inserção em uma bela carreira profissional, principalmente quando se tem a ideia de tudo ou nada, ou se é uma mãe dedicada que abre mão de uma carreira para o cuidado do filho, ou se é uma mulher com grande sucesso profissional. Por outro lado, em casos que a profissão exercida envolve um elevado grau de instrução, existe a tendência que a percepção de si própria seja pautada na valorização de dimensões intelectuais e que a realização pessoal seja alcançada fora do projeto maternidade (Canavarro, 2001).

Fatores Genéticos

No que se refere às características físicas e condições biológicas, apesar destes serem requisitos básicos para que seja possível uma gravidez, não são condições suficientes para que a maternidade aconteça de maneira adaptativa. Cabe aqui inserirmos a problemática do “instinto maternal”, é comum nos depararmos com associações de palavras como “impulso”, “necessidade”, “tendência” ligados à maternidade, demonstrando como ser mãe é considerado como uma motivação feminina fundamental (Canavarro, 2001).

No senso comum, com muita frequência associamos a maternidade a algo natural e instintivo, uma grande maioria das mulheres sentem e sentirão que é algo essencial para sua realização pessoal, principalmente para aquelas que vivem em um contexto social no qual a maternidade é muito valorizada. Ora, para aquelas que se sentem confortáveis inseridas no padrão da figura materna, o desejo de ter um filho pode ser tão forte e “natural” que traga a sensação de que é de fato algo inato a todas as mulheres (Canavarro, 2001).

No entanto, para Tobin (1999) a decisão pela maternidade deveria perpassar antes de tudo, pela compreensão de si mesma como um indivíduo separado, sendo capaz de fazer suas escolhas não conduzidas pelo que socialmente é esperado da mulher. Essa concepção da maternidade como algo “natural” não leva a uma escolha autêntica, visto que pode não ser reflexo do seu desejo real, e é exatamente esta capacidade de discernimento entre o desejo real e o desejo social de ser mãe, que é tão difícil ser tomada. As mulheres não nascem

necessariamente com a vontade de ser mãe dentro delas, podem nascer com a capacidade biológica, mas o desejo de exercer esse papel não é genético.

Em seu livro *o mito do amor materno*, Badinter (1985) questiona esse amor materno e a “naturalidade” desse sentimento alegando que não existe uma conduta universal, sendo na verdade os cuidados maternos frutos de uma construção social, perpassada por mudanças históricas, políticas e econômicas; a mulher nasce preparada para gerar uma criança, mas não necessariamente para amá-la, cuidá-la e protegê-la. Esse amor não é então instintivo e muito menos faz parte de uma tendência inata feminina, mas faz parte de um comportamento que varia de acordo com a época e os costumes de cada sociedade, sendo o amor materno, um amor construído e imperfeito como qualquer outro.

Fatores históricos e sócio-culturais

Como já foi referido, o contexto histórico e sócio-cultural no qual a mulher está inserida tem grande influência sobre a percepção de maternidade e das funções maternas. Em muitos lugares do mundo no decorrer da história, tanto na arte e literatura, era possível perceber a centralidade que a maternidade ocupava na vida humana (Canavarro, 2001).

A maternidade foi uma qualidade marcante na vida da maioria das mulheres por vários anos. Na mitologia antiga já existia uma figura arquetípica da mãe, marcada por sacrifícios e ao mesmo tempo pelo destino e dever de reprodução. Na época medieval o casamento e maternidade tinham um papel muito importante na vida da mulher, parte do propósito feminino na Europa medieval era de estender a linhagem familiar masculina, não existia a escolha de ser mãe, existia o fato de que a mulher seria mãe, a não ser que por esterilidade isso não fosse possível. A maternidade era vista inclusive como um traço que permeava a personalidade da mulher, aquela que não tinha a capacidade de gerar um filho era considerada “inútil”, quando não era capaz de prover um herdeiro, o adultério era até justificado, mostrando como o casamento estava intimamente ligado à reprodução.

Com o advento dos métodos contraceptivos, foi possível a separação entre sexualidade e reprodução, permitindo à mulher um controle maior do seu corpo e de sua vida, e a consequente escolha sobre a maternidade. As consequências do ponto de vista psicológico e sociológico são diversas, mas umas das que tiveram maior impacto foi a possibilidade da mulher ingressar no mercado de trabalho, algo que antes lhe era vetado, e assim se realizar em outros âmbitos de sua vida que não seja através da maternidade (Canavarro, 2001).

Todos esses fatores moldam o que se torna na vida adulta a representação de maternidade. Esta representação não é estática, é na verdade sempre dinâmica e sujeita a reformulações ao longo da vida, a partir da construção de novas relações, da vivência de novas experiências e da própria reconstrução de representações sobre este e outros temas. Consideraremos neste estudo as representações associadas com o que é ser mãe e sua função social, com a história de vida relacionada com esse papel e sua internalização, ou seja, o significado dessa experiência para o sujeito. Afinal, as mulheres que vão de encontro com esse desejo de maternidade e se esquivam dele, apresentam uma representação diferente daquelas que a querem a todo custo?

Índices demográficos

As alterações de maternidade representam uma parte muito importante do nosso estudo e no fenômeno da não-maternidade. Diante de tantas mudanças sociais supracitadas e de novas configurações familiares, sabemos que hoje as mulheres estão tendo um número menor de filhos, ou muitas vezes, não tendo nenhum. Nesse sentido, serão apresentados dados demográficos disponibilizados por fontes oficiais, no qual podemos observar as oscilações demográficas de alguns países nos últimos 60 anos.

	1950-1955	1960-1965	1970-1975	1980-1985	1990-1995	2000-2005	2005-2010
Portugal	3,10	3,19	2,83	2,01	1,51	1,45	1,36
Espanha	2,53	2,81	2,85	1,88	1,28	1,29	1,41
Itália	2,36	2,47	2,35	1,54	1,28	1,25	1,39
França	2,75	2,83	2,30	1,87	1,72	1,88	1,97
Alemanha	2,13	2,47	1,71	1,46	1,30	1,35	1,36
Áustria	2,11	2,78	2,04	1,60	1,48	1,38	1,40
Dinamarca	2,55	2,58	1,96	1,43	1,75	1,76	1,85
Noruega	2,60	2,90	2,25	1,69	1,89	1,81	1,92
Suécia	2,24	2,31	1,91	1,64	2,01	1,67	1,89
Finlândia	3,00	2,66	1,62	1,69	1,82	1,75	1,84
Reino Unido	2,18	2,81	2,01	1,78	1,78	1,66	1,88
Irlanda	3,42	4,07	3,82	2,76	1,91	1,97	2,00
Estados Unidos	3,33	3,40	2,02	1,80	2,03	2,04	2,06
Canadá	3,65	3,68	1,98	1,63	1,69	1,52	1,63
Austrália	3,18	3,27	2,54	1,91	1,86	1,75	1,89
Japão	3,0	1,99	2,13	1,75	1,48	1,30	1,34
Brasil	6,15	6,15	4,72	3,80	2,60	2,25	1,90

Fonte: United Nations - Department of Economic and Social Affairs.

Como podemos perceber, nenhum país da União Europeia atingiu o chamado “nível de substituição”, no qual prevê uma média de 2,1 filhos por mulher, para que desta forma a geração dos filhos possa substituir a de seus pais. Os países da Europa que conseguiram atingir taxas maiores de 1,7 foram França, Irlanda, Reino Unido e países da Escandinávia com média entre 1,8 e 2,0. No entanto, países como Portugal, Espanha, Alemanha, Áustria e Itália têm as médias mais baixas da Europa e não conseguiram atingir nem a média de 1,5 filhos por mulher. Existe, portanto, uma certa diferença entre a Europa do Norte e a do Sul, onde os países do norte apresentam taxas mais altas, mas a tendência para diminuição é geral, mesmo que se observe alguns aumentos da natalidade nos últimos anos.

Em grande parte dos países desenvolvidos as baixas taxas de natalidade são consideradas um problema de saúde pública, a não-maternidade já é uma realidade vivenciada por diversos países e tem crescido também na sociedade brasileira principalmente nos últimos quarenta anos. A proporção das mulheres que têm filhos decresceu significativamente da média de 4,72 filhos no ano de 1970 para a média de 1,90 filhos em 2005, não apresentando nenhum aumento ao longo dos anos. De acordo com dados estatísticos do IBGE (2009), houve um aumento de 3,1% de casais sem filhos, passando de 12,9% para 16% da população.

Os Estados Unidos, por sua vez, apesar de ter tido um pequeno decréscimo entre as décadas de 70 e 80, conseguiu manter-se acima de 2,0 nos anos seguintes e atualmente apresenta uma taxa de fertilidade de 2,06, muito próxima da esperada para a reposição da população. Já a Austrália e o Canadá não conseguem chegar a uma média satisfatória há algumas décadas e atingem hoje 1,89 e 1,63 respectivamente.

A cada dia mais numerosas, as políticas públicas de família são as armas mais utilizadas pelos governos na tentativa de mudar as taxas de fertilidade cada vez mais decrescentes. Seja através de licenças maternidade mais generosas; de horários mais flexíveis na esfera do trabalho; e de ajuda de custo na criação dos filhos, que proporcionam as mulheres uma maior conciliação da vida profissional com a familiar, os demógrafos demonstram que apesar de todos os esforços e incentivos feitos, a sua eficácia não é capaz de fazer as mulheres chegarem a taxa de 2,1 filhos.

Citemos aqui o caso das escandinavas que são privilegiadas por políticas em prol da natalidade há mais de 20 anos – e vale salientar que este é o lugar onde mais se divide igualmente as tarefas domésticas –, e ainda assim não conseguem atingir a média

desejada. No entanto, países como França e Irlanda, apresentam valores maiores e não se privilegiam nem da metade dos incentivos vividos pelas escandinavas.

No caso da Irlanda sabemos que existe uma forte influencia religiosa que não enxerga com bons olhos a não-maternidade e que proíbe incontestavelmente o aborto. Bem diferente é a França, onde o aborto é permitido desde 1975, os filhos sem casamento são vistos com naturalidade e as mães são antes de tudo mulheres com seus desejos e necessidades. Mas mesmo tão diferentes, estes países apresentam uma das taxas mais altas da Europa, ainda que não se beneficiem de politicas natalistas, pelo menos não há muito tempo.

A maternidade é percebida e valorizada de maneira diferente em diversas culturas e uma formula para se alcançar taxas satisfatórias de fecundidade ainda não temos, mas diante do que sabemos, podemos dizer que só as politicas de natalidade não são suficientes para levar essa media a índices desejados, a maternidade é um fenômeno complexo que envolve diversas questões e está intimamente ligada também a aspectos culturais e sociais.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Representações sociais de Moscovici

Como já foi supracitado, a importância do contexto e cultura são primordiais para definição dos cuidados e funções maternas. Hoje, diferente de muitos anos, cabe à mulher uma série de cuidados e exigências que sejam cumpridas para que se exerça o papel de mãe de maneira satisfatória. Os papéis sociais reservam às mulheres os cuidados intensos aos filhos, no entanto, cada vez mais presenciamos mulheres que decidem investir em outros âmbitos de suas vidas e adiam a maternidade ou que acabam por nunca realizá-la.

A concepção do que é uma boa mãe e das tarefas maternas não se formam por acaso, essa construção perpassa pela chamada representação social que temos do ser mãe. Para melhor compreendermos como essas concepções podem interferir no comportamento de não-maternidade, usaremos um conceito emprestado da Psicologia Social chamado de Representação Social desenvolvido por Moscovici.

Moscovici introduziu o conceito de representação social em 1961 no trabalho *la Psicanalyse: Son image et son public*, no qual tentou compreender como a psicanálise adquiriu uma nova significação pelos grupos populares, ao sair de um grupo fechado e específico. Dentro dessa nova perspectiva, Moscovici vai de encontro com os pressupostos positivistas e funcionalistas dominantes na época, que não explicavam a realidade juntando a ótica psicológica e sociológica, mas que defendiam que as leis que explicam fenômenos sociológicos eram diferentes das que explicam fenômenos psicológicos.

Nessa conjuntura, Moscovici adere a corrente de pensamento sociopsicológico e defende que no estudo dos fenômenos sociais deve haver a inclusão de conceitos psicológicos e sociológicos (Moscovici, 2007). Este autor se interessou em saber “como” e “porque” as pessoas partilham o conhecimento e a forma como este conhecimento é produzido e sustentado por grupos sociais específicos, dentro de uma determinada conjuntura histórica, constituindo uma realidade comum.

Jodelet (1989), principal colaboradora e continuadora do trabalho de Moscovici, define representação social como “*uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo pratico e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*” (p. 36).

Não existe separação entre o universo exterior e interior do indivíduo, o sujeito e objeto não são, por natureza, essencialmente distintos. Existe uma relação de um sujeito com

um objeto, nesta acepção a relação não configura-se como reprodução, mas como uma relação com o objeto que evolui uma atividade de construção e simbolização (Vala, 1993).

A representação social não é o reflexo autêntico e real de um objeto, a representação é a expressão de um sujeito e não só reflexo de uma realidade interna, é produto das relações complexas que o indivíduo ou grupo mantém com o objeto, relações estas que envolvem esquemas interpretativos e dados de ordem cognitiva e simbólica (Vala, 1993). Sob este olhar, a concepção de representação envolve a ideia de um sujeito simultaneamente autor e ator.

Seguindo este raciocínio Vala (1993) afirma que as representações são resultado da atividade cognitiva e simbólica de um grupo social e organizadoras das relações simbólicas entre os atores sociais, refletindo a situação desse grupo no que concerne às suas dificuldades, questionamentos e estratégias. Para Moscovici as representações configuram-se como: *“Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social”* (Moscovici, 2007, p. 21).

A finalidade de todas as representações sociais é então *“tornar familiar algo não familiar, ou a própria não-familiaridade”* (Moscovici, 2007, p. 54), nessa dinâmica de familiarização, as pessoas, objetos e acontecimentos são percebidos a partir de conceitos prévios, com os quais já nos deparamos no passado (Moscovici, 2007). A familiarização é um processo construtivo que envolve dois processos significantes: a ancoragem e objetivação, no qual o mundo não-familiar passa a fazer sentido dentro do nosso mundo familiar.

O primeiro corresponde ao processo de englobar as ideias que parecem estranhas em categorias comuns, ou seja, colocá-las dentro de um contexto familiar. Como refere Vala (1993) *“a gestão do fluxo de informações que atravessa o nosso cotidiano faz-se através da mobilização de uma estrutura semântica organizada em categorias”* (p. 362), conhecer algo significa então classificar e dar um nome a um acontecimento ou objeto.

Categorizar alguém implica em estabelecer uma relação negativa ou positiva com a pessoa ou o objeto a partir dos paradigmas já presentes em nossas memórias. Quando colocamos uma pessoa, objeto ou acontecimento dentro de categorias que nos façam sentido, automaticamente injetamos neles as características pertencentes dessa categoria (Moscovici, 2007).

Quando classificamos não estamos constando um facto, estamos atribuindo um valor a algo, estamos rotulando baseados num sistema de categorias já formulado. Esse sistema de

categorias, por sua vez, só ganha sentido a partir das representações sociais. Portanto, quando alguém se depara com um objeto, o pensamento sobre ele não tem como alicerçar uma taboia rasa, terá como referência esquemas e experiências anteriores já estabelecidas, através dos quais o objeto será pensado (Vala, 1993). As representações sociais contribuem então para construir a imagem que temos de um objeto, são elas que constituem as estruturas sociais, *“mas esta atribuição de sentido não funciona como algo exterior à estrutura social, ela é incorporada e objetivada na própria estrutura social”* (Vala, 1993, p. 365).

Coisas que não são classificadas ou que não tem nome, são vistas como estranhas e muitas vezes ameaçadoras para nós, por isso classificamos para dar nomes as coisas. O mecanismo de ancoragem é então, colocar algo estranho, e portanto perturbador, dentro de categorias apropriadas que nos façam sentido, transformando assim o estranho em algo familiar (Moscovici, 2007).

O processo de objetivação, por sua vez, diz respeito à forma como os elementos que constituem a representação se organizam e qual o caminho que estes elementos percorrem para adquirirem uma forma concreta e conseqüentemente se tornarem expressões de uma realidade coletivamente partilhada e percebida de maneira natural (Vala, 1993). Essa ideia de naturalidade foi uma novidade que Moscovici trouxe diante das teorias acerca dos processos perceptivos disponíveis no início dos anos 60, *“não só o abstrato se torna concreto através de sua expressão em imagens e metáforas, como o que era percepção se torna realidade”* (Vala, 1993, p. 361).

As representações convencionalizam os objetos, pessoas e acontecimentos, os enquadram em categorias pré-estabelecidas e partilhadas por um grupo de pessoas. Quando uma pessoa ou acontecimento não se enquadram ao modelo já determinado, nós o forçamos a assumir determinada forma, a encaixar-se a uma determinada categoria, ou seja, isso significa se tornar igual aos outros, *“a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido”* (Moscovici, 2007, p. 34).

Ninguém está livre dos efeitos dos condicionamentos impostos pelas representações sociais, elas são partilhadas por todos, influenciando na maneira de pensar de cada um, hoje é perceptível como a maternidade, ainda que seja uma questão de escolha, ainda está muito relacionada com o ser mulher, como se fosse parte inerente da identidade feminina, mesmo aquelas mulheres que não tem o desejo pela maternidade se questionam se devem ser mães ou não.

Não somos nós que construímos diretamente essas representações, não fomos nós que a pensamos, na verdade nós apenas a re-pensamos, re-citamos, elas são produto de uma série

de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo dos anos e que são resultado de sucessivas gerações. Assim, podemos pensar que a representação que temos de algo não é resultado direto da forma que pensamos, pois nossa maneira de pensar já é por si só dependente de tais representações (Moscovici, 2007).

Partido do pressuposto que as representações são construídas na interação dos sujeitos dentro de uma determinada cultura, podemos inferir que a representação acerca do que é ser mãe e suas tarefas, são um reflexo da sociedade que estas mulheres vivem e são influenciadas pelas relações e dinâmicas dessa sociedade. Para as mulheres, tentar escapar dessa realidade – predetermina por aquilo que é socialmente aceito como realidade – não é nada fácil. Uma vez difundido e aceito determinada maneira de pensar, esta constitui-se como integrante de nós mesmos, da forma como nos relacionamos com os outros, da maneira que os julgamos e nos relacionamos com eles.

A condição feminina

À mulher coube socialmente não só o cuidado dos filhos, mas a devoção e abdicação em prol deles, no entanto, apesar da maternidade sempre ter tido grande importância e ocupado um lugar central na vida da mulher nas sociedades ao longo da história, os papéis e cuidados maternos não foram os mesmos no decorrer destes anos. Na verdade, revisões históricas sugerem inclusive que a exaltação do amor materno seja um fato relativamente recente na história da civilização ocidental (Ariés, 1981; Badinter, 1985).

Em seu livro *o mito do amor materno*, Badinter (1985), relata como as crianças eram criadas por amas de leite por longos anos e que suas mães – apesar da grande taxa de mortalidade de crianças sobre esses cuidados – continuavam mandando seus filhos para os internatos. Essa realidade começou a mudar quando o foco ideológico descolou-se da autoridade paterna para a valorização do amor materno, que passou a ser valorado como natural e inato, além de ser favorável à continuação da espécie e consequentemente à sociedade, identificando a mulher no papel de assumir os cuidados com sua prole.

Para modificar o comportamento negligencioso da mulher perante os filhos, dois discursos se tornaram presentes, o primeiro econômico e apoiado em estudos demográficos, defendia a importância do número populacional para um país e alertava os perigos que um declínio populacional poderia causar. Já o segundo, livre de obrigações, deveres e com maior possibilidade de ser compreendido pelas mulheres, baseava-se numa nova filosofia, o

liberalismo, que aliava ao discurso econômico os ideais de igualdade, amor e felicidade (Badinter, 1985).

Desenhou-se para a mulher uma nova forma de relação com a maternidade, na qual os filhos transformaram-se no centro da atenção, a dedicação e devoção tornam-se valores essenciais da função materna e da concepção do que é uma boa mãe (Rocha-Coutinho, 1994). As representações sociais de maternidade levaram as mulheres a compreender aquilo que são e o que devem fazer como mães, através dos diversos discursos flutuantes na sociedade. Dialogar sobre a não-maternidade é falar de um lugar de negação de uma identidade que não se é, mas nas quais existem condições biológicas para o ser (Woodward, 2000).

Meyer (2003), ao estudar representações de maternidade a partir do conceito de gênero, afirma que nos constituímos como homens e mulheres através das mais diversas instituições e práticas sociais, num processo que nunca estará finalizado e completo. A própria forma de viver e de se constituir o masculino e feminino são múltiplas e perpassam pelo tempo, lugar e circunstância que ocorre. Seguindo este raciocínio, para Leal (1995) a definição de homem e de mulher é traçada por uma Ordem Social e logo que nascemos somos inseridos nela, antes mesmo de nos tornarmos homens e mulheres.

A maternidade configura-se como um dos aspectos da identidade feminina e não deveria ser vista a partir de um determinismo biológico, pelo contrario, deveria entendida pelo que é social (Souza & Ferreira, 2005), se a condição biológica do homem é incontestável, não é o que define a humanidade, *na medida em que o social corresponde a um afastamento máximo em relação aos mecanismos de regulação biológico, a especificidade humana começa com a aquisição da cultura* (Leal, 1995, p. 25).

Entretanto, a maioria das sociedades tentaram justificar a divisão de papéis sociais através da divisão sexual masculino/feminino pelo biológico, ou seja, a identidade feminina foi historicamente construída a partir da diferença de gênero, utilizando-se a condição biológica para definir o que é ser mulher a partir do outro – homem, onde assim fosse possível manter uma ordem vigente, na qual a mulher tem a função social limitada a maternidade e ao cuidado dos filhos no espaço privado (Beauvoir, 1967; Colling, 2004).

A divisão das tarefas domésticas e o cuidado dos filhos nunca foi repartida igualmente, o mundo feminino e masculino eram estreitamente diferentes e justificados pela identidade de cada sexo (Badinter, 2010), quando sabemos que trocar fraldas, brincar, dar carinho e beibrão não vem nos genes das mulheres de maneira diferente que vem nos homens (Leal, 2005). Apesar disso, vemos mulheres dispostas a disputar com os homens os mesmos

lugares na esfera pública e privada, enquanto que o mesmo não foi devolvido pelos homens no âmbito familiar na ajuda da criação dos filhos.

Toda cultura apresenta a representação social de um modelo maternal ideal que pode variar ao longo do tempo. Querendo ou não, esse modelo pesa sobre todas as mulheres, mesmo aquelas que não tem filhos. Umas o rejeitam, outras o aceitam, outras o contornam, mas ele permanece ali, embasando nossa maneira de nos definirmos perante a sociedade.

Dentro do que socialmente se considera uma função social materna encontra-se a mulher – mãe – capaz de criar filhos equilibrados e saudáveis, independente de suas condições e dos problemas que enfrenta, é de sua responsabilidade assegurar o bom desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo de seus filhos (Meyer, 2003). Esse modelo é ainda mais rigoroso atualmente, no mundo onde os deveres maternos não se limitam mais aos cuidados físicos da criança, mas também ao psicológico e social, a concepção do que é uma boa mãe está associada a sacrifícios e priorização das necessidades da criança, a maternidade representa um trabalho integral, sem descanso, transformando o seu exercício, nos dias de hoje, uma tarefa extremamente difícil e cheia de responsabilidades (Badinter, 2010).

Diante de tanta pressão, algumas mulheres pensam duas vezes antes de assumirem este papel, principalmente aquelas que não apresentam o tal desejo pela maternidade. Entretanto, com toda essa sobrecarga que perpassa a representação social de mãe, ou melhor, do que é considerado um boa mãe, é compreensível que muitas mulheres percebam essa função social de forma negativa e que busquem a realização pessoal em outros âmbitos de sua vida.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender as representações da maternidade de mulheres que não tiveram filhos por opção.

Foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as razões que levaram a não-maternidade;
- Perceber como estas mulheres se sentem com relação a não-maternidade;
- Compreender como a representação da maternidade pode influenciar no comportamento de não ter filhos

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em um estudo qualitativo de caráter exploratório centrado na compreensão da representação de maternidade de mulheres que de forma voluntária não tiveram filhos. Na pesquisa qualitativa o pesquisador estuda o fenômeno no seu ambiente natural, tentando compreendê-lo e interpretá-lo a partir do significado atribuído pelas pessoas. Nesse sentido, podemos interpretar que o método qualitativo está voltado ao âmbito mais profundo das relações, preocupando-se *com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes*” (Minayo, 2008, p. 21), não reduzindo os fenômenos à operacionalização de variáveis. O foco da pesquisa qualitativa está na singularidade de cada participante e no sentido que estes dão aos fenômenos vivenciados (Campos, 2004).

A pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva, os dados são coletados na forma de palavras e não de números. De acordo com Minayo (2008) *“o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”* (p. 21).

Como as descrições dos fenômenos estão carregadas de significados concedidos pelo ambiente e produzidos a partir de uma visão subjetiva de cada indivíduo, não podem ser mensurados através de dados numéricos, a interpretação dos resultados ocorre de maneira especulativa a partir da percepção do fenômeno num contexto, e não pode ser considerada vazia e sem consistência, pelo contrario, deve ser vista com coerência e lógica (Triviños, 1987). Desse modo, os dados são resultados de instrumentos em que seja possível interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos, ou seja, de identificar a forma particular que o fenômeno é vivenciado e o sentido que as pessoas dão a ele.

No que diz respeito à análise dos dados, é valido lembrar que na pesquisa qualitativa ocorre através de um processo indutivo, no qual não há preocupação em comprovar hipóteses. A partir dos dados obtidos os pesquisadores vão construindo as teorias de baixo para cima. Nas palavras de Bogdan & Biklen (1994) *“não se trata de montar um quebra-cabeça cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes”* (p. 50).

Participantes

O presente estudo conta com a participação de 20 mulheres brasileiras, que não tiveram filhos de forma voluntária – biológicos ou adotados –, não constituindo uma amostra representativa da população. As participantes foram parte de uma amostra de conveniência, selecionada de acordo com a intencionalidade da pesquisa em sistema bola de neve a partir do conhecimento de mulheres que não tiveram filhos e que tivessem a disponibilidade de relatar suas experiências acerca da não-maternidade.

A faixa etária escolhida foi a partir dos 45 anos e situa-se nos limites da possibilidade de ter filhos, e assim, na irreversibilidade da decisão de não ser mãe, lembrando que, embora seja raro, com os avanços da medicina ainda é possível em alguns casos ter filhos nessa idade. No que diz respeito à escolaridade, estado civil e religião, a amostra foi escolhida independentemente da classe social, do estado civil e das preferências religiosas das participantes.

Material

Diante do caráter qualitativo e exploratório desta pesquisa escolhemos por realizar entrevistas que nos permitissem obter informações detalhadas sobre o fenômeno estudado, sem deixar de lado a singularidade de cada participante. De uma maneira simplista, a narrativa consiste no relato de uma história fornecida por um indivíduo que conta sobre alguma experiência ou acontecimento de sua vida, seja no passado ou presente. Para Boldarine (2010), este método considera a subjetividade individual como um de seus instrumentos de pesquisa, proporcionando assim a oportunidade de dar voz à subjetividade dos entrevistados.

Portanto, como técnica de recolha de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada realizada pela pesquisadora, com o intuito de recolher informações acerca da representação da maternidade das participantes, compreender melhor a forma que estas vivenciam a não-maternidade e as razões que levaram a essa escolha. A entrevista é uma técnica de recolha de informação feita a partir de diálogos, individuais ou grupais, que tem como finalidade adquirir conhecimentos acerca de factos ou representações, no qual o grau de pertinência e fiabilidade é analisado tendo em conta os objetivos da investigação (Coutinho, 2011).

Para realização das entrevistas foi previamente elaborado um guião com perguntas sobre a história de vida, carreira profissional e trajetória conjugal da entrevistada, ao mesmo tempo que o pesquisador sentiu-se livre de ir além das respostas, caso achasse necessário.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas na íntegra e posteriormente submetidas à análise de conteúdo. Esta técnica de análise de dados consiste na interpretação do conteúdo da entrevista de forma que haja uma reinterpretação daquilo que foi dito e de forma que se atinja uma compreensão dos significados que vai além de uma simples leitura dos factos (Moraes, 1999).

Procedimento

Recolha de dados

A recolha de dados aconteceu no período de maio a julho de 2014 a partir de entrevistas individuais gravadas. As participantes foram informadas, desde o contato prévio feito por telefone, sobre o âmbito e objetivos da pesquisa e sobre todo o procedimento relacionado com a recolha de dados, incluindo o tempo médio de duração da entrevista e a gravação de toda a conversa. Foram esclarecidos também os assuntos que seriam abordados na entrevista, tais como informações sobre a vida conjugal e profissional da participante, e aspectos estes relacionados com o facto de não ter filhos. A participação foi totalmente voluntária e o contato feito à terceiros só foi realizado depois da autorização do mesmo para tal. Foi garantido o sigilo de identidade e de toda informação obtida através da entrevista e esclarecido que os dados recolhidos só seriam usados para fins de investigação.

De modo a assegurar a reprodução fiel do discurso, as entrevistas foram gravadas na íntegra com o consentimento das entrevistadas. As perguntas do guião serviram de base para que fosse abordado com as entrevistadas os assuntos concernentes com o presente estudo. A entrevistadora sentiu-se a vontade de intervir no momento que achasse necessário a fim de clarificar algum discurso ou explorar assuntos que não foram muito bem retratados pelas participantes.

No decorrer das entrevistas foi mantida uma postura de compreensão e empatia, agindo de forma a estimular o decorrer da narrativa, construindo uma situação na qual a entrevistada se sentisse confortável para falar do seu passado e de assuntos tão pessoais. Procurou-se dessa forma, facilitar a abertura e colaborar diretamente com a produção da narrativa.

Guião da entrevista

A fim de alcançar os objetivos propostos e esquematizar o estudo, foram realizadas algumas perguntas de partida que serviram como um guião para a entrevista e foi composto pelas seguintes perguntas:

Já sentiu vontade de ser mãe?

Quais os motivos que levaram a não maternidade?

Seu parceiro quis ter filhos? (pergunta feita para as participantes que tinham parceiro)

Em que momento da vida percebeu que não seria mãe?

Qual foi seu sentimento?

Como vivencia a experiência de não ser mãe?

Se arrepende?

O que é ser mãe para você?

Você considera que exerceu a maternidade em outras situações? Quais?

Sentiu alguma cobrança para ser mãe?

O que é preciso pra ter um filho?

As perguntas formuladas serviram para orientar a entrevista e como ponto de partida para as participantes elaborarem seu próprio discurso sobre o tema abordado. A entrevistadora fez as intervenções que julgou convenientes e necessárias para esclarecer o discurso das participantes e convidá-las a elaborar mais sobre uma determinada temática pouco abordada, ou explorar assuntos que não faziam parte do guião mas que surgiram no decurso da entrevista. Ao todo foram realizadas 16 entrevistas com duração variável de 30 a 90 minutos.

Análise de Dados

Depois de ouvidas todas as entrevistas na íntegra, todo seu conteúdo foi transcrito, inclusive os comportamentos não verbais como pausas, silêncios e risos. Posteriormente as transcrições foram minuciosamente revistas para correção de erros que por ventura tenham passado despercebidos no primeiro momento e para clarificação de algumas partes que, devido à gravação, não estavam totalmente claras. Na direção de assegurar o anonimato das participantes, foram mudadas ou omitidas quaisquer indícios que pudessem conduzir a identificação das entrevistadas, sem alterar em nada o conteúdo das entrevistas.

Como técnica de análise de dados utilizamos a análise de conteúdo, esta configura-se como a melhor técnica quando se pretende obter uma descrição exhaustiva dos fenômenos, sem a necessidade de formular hipóteses prévias, organizando os dados de forma sistemática de maneira que seja possível posteriormente organizar e classificar os sujeitos. Apresenta-se como uma ferramenta para compreender a construção do significado que os atores sociais externam através do seu discurso. A partir da perspectiva da teoria das representações sociais, a análise do conteúdo possibilita ao pesquisador o entendimento que o indivíduo tem sobre sua própria realidade e a interpretação que faz dos fenômenos a sua volta.

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, é a busca de outras realidades através das mensagens, caucionando o investigador para o que está escondido, para o “não-dito”. Para Bardin (2014), a análise de conteúdo é: *“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”* (p. 44).

O analista tenta compreender o sentido da comunicação e, principalmente, tenta desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem manifesta que está latente. A leitura realizada por ele não é unicamente uma leitura à palavra, mas uma leitura capaz de realçar um sentido que se encontra em segundo plano. Ou seja, atingir através de significantes e de significados, outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica e etc (Bardin, 2014).

No que tange às entrevistas, o objetivo da análise de conteúdo concerne em manipular as mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem, *“o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir, isso significa, deduzir de maneira lógica conhecimentos sobre o emissor”* (Bardin, 2014, p. 40). O analista confronta-se com um conjunto de entrevistas e o seu objetivo final é poder inferir algo, através de palavras, à

propósito de uma realidade representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social (Bardin, 2014).

A organização da análise se dá através de três etapas cronológicas (Bardin, 2014):

- pré-análise;
- exploração do material;
- tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase de organização, na qual são definidos os objetivos e estabelecidos o referencial teórico. É nela que são sistematizadas as ideias iniciais, de forma que seja desenvolvido um esquema para conduzir o desenvolvimento das operações sucessivas. Esta primeira fase compreende (Oliveira, 2008; Silva, 2013; Bardin, 2014; Triviños, 1987):

- Leitura flutuante: corresponde ao primeiro contacto com o material a ser analisado, o pesquisador deve permitir-se impressionar pelos conteúdos presentes no texto e deixar suscitar as primeiras impressões que aos poucos vão se tornando mais precisas;
- Escolha dos documentos: consiste na escolha do *corpus* de análise;
- Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura flutuante é possível a construção das primeiras hipóteses, ainda provisórias, sobre o objeto a ser estudado;
- Elaboração de indicadores: construção de indicadores precisos e seguros para interpretação do material coletado.

No que diz respeito à segunda fase da organização da análise, a exploração do material ou codificação consiste no processo pelo qual os dados brutos – a partir de um conjunto de regras – são transformados de forma sistemática em algo interpretável pelo pesquisador e agrupados em unidades para que seja possível atingir uma representação do conteúdo e um esclarecimento do investigador acerca das características pertinentes do texto (Bardin, 2014).

De acordo com Bardin (2014), a codificação ocorre em três fases principais:

- O recorte: escolha de unidades;
- A enumeração: contagem;
- A classificação: escolha das categorias.

Na primeira etapa os relatos são decompostos e em seguida recompostos de modo que se consiga a extração de significado e sentido do conteúdo. A escolha das unidades corresponde

ao recorte daquelas partes do texto, que sejam pertinentes aos objetivos da análise, em fragmentos do discurso manifesto que sejam correspondentes com as características do material a ser estudado e com as quais seja possível fazer inferências. Existem dois tipos de escolha de unidades: as unidades de registo e as unidades de contexto.

No que se refere as Unidades de Registo (UR) trata-se do recorte do texto que usamos para análise face os objetivos do estudo, como afirma Bardin (2014): “*é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial*” (p. 130).

As UR podem ser palavras, frases, temas, objeto ou referente, personagem, acontecimento e documento. Deve ser adotada um tipo de análise de registo pelo pesquisador, ressaltando que este deverá usar apenas um tipo de unidade durante a mesma análise, de forma que possam ser utilizadas regras de quantificação (Oliveira, 2008).

As Unidades de Contexto (UC) por sua vez, são segmentos do texto que fazem sentido por si só, consistem em recortes de dimensões maiores do que as UR, nos quais as próprias UR são extraídas. Estas dimensões das UC devem ser boas o suficiente para fazer compreender a significação exata da unidade de registo, a partir da qual será feita a codificação e classificação. As UC podem ser consideradas, por exemplo, a frase para a palavra ou o parágrafo para o tema (Bardin, 2014).

A classificação e escolha de categorias é feita a partir do agrupamento das unidades de registo de acordo com critérios que tragam um sentido e ordem, orientado pelo quadro teórico que sustenta a investigação. Classificar elementos em categorias “*impõem a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles*” (Bardin, 2014, p. 146). Cada categoria é então definida a partir do reagrupamento desses elementos de acordo com critérios bem definidos e a partir das suas características em comum.

A escolha de categorias pode ser realizada seguindo três modelos: o modelo fechado no qual o pesquisador decide *a priori* o sistema de categorias e os elementos são repartidos da melhor maneira possível de acordo com o referencial teórico já estabelecido; o modelo aberto em que as categorias são formadas *a posteriori*, sendo as categorias decididas no curso da análise; e o modelo misto no qual as categorias são selecionadas no início, mas podem ser mudadas pelo pesquisador em função do que for surgindo durante a análise (Silva et al, 2005; Bardin, 2014).

É certo que não existem questões de validades na análise de conteúdo, mas é suposto que o pesquisador certifique-se ao longo das etapas do seu processo que está medindo aquilo que se

propôs a medir. A forma de se garantir a legitimidade deste processo se dá através de cinco critérios utilizados para formar as categorias. Para que um conjunto de categorias seja então considerado válido, deve seguir os seguintes critérios fundamentais (Oliveira, 2008; Silva, 2013; Bardin, 2014):

- Exclusividade: um elemento não pode ter mais de um aspecto que seja susceptível de ser classificado em duas ou mais categorias;
- Homogeneidade: as categorias devem ser governadas por um único princípio de organização;
- Pertinência: as categorias devem estar adaptadas ao material e ao objetivo do estudo em questão, refletindo as intenções da investigação;
- Objetividade: as variáveis trabalhadas devem ser muito bem definidas pelo pesquisador, bem como os indicadores que determinam a entrada de um elemento dentro de uma categoria;
- Produtividade: as categorias devem reproduzir resultados férteis.

Com as categorias, subcategorias, unidades de contexto e de registo definidas podemos proceder a terceira fase da análise de conteúdo que é o tratamento e interpretação dos dados. O tratamento dos resultados obtidos corresponde então a fase que os dados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos, aqui são estabelecidos quadros de resultados a partir de operações estatísticas simples ou mais complexas e com as quais pode-se propor inferências e interpretações acerca dos objetivos do estudo, a partir do embasamento teórico que sustenta a investigação (Silva, 2013; Bardin, 2014).

É válido ressaltar que o pesquisador não deve se ater apenas ao conteúdo manifesto dos materiais de análise, é imprescindível que este tente também desvendar o conteúdo latente que eles possuem, para que assim seja possível aprofundar a análise e revelar as ideologias e tendências das características dos fenômenos sociais que estão a ser estudados (Trivinos, 1987).

Para realização da análise, os dados foram tratados de acordo com os pressupostos fornecidos por Bardin (2014), levando em consideração os critérios de exaustividade e exclusividade para a formação das URs, o que significa que esta foi inserida em apenas uma categoria ou subcategoria. As URs foram definidas por frases, para a UC utilizamos o parágrafo e a unidade de enumeração utilizada foi a frequência. As entrevistas transcritas foram inseridas no programa QSR NVivo (versão 2010), software desenvolvido para realizar

análise qualitativa dos dados, no qual foi possível classificar e organizar as informações com maior rapidez e rigorosidade, bem como realizar a codificação e categorização dos dados. Este programa além de facilitar a organização dos conteúdos codificados, facilitou o agrupamento das URs dentro das dimensões categoriais, gerando relatórios das ocorrências mais frequentes.

O *corpus* de análise foi constituído pela transcrição total das entrevistas. Foi realizada primeiramente uma leitura flutuante da qual foi possível o surgimento do primeiro plano de categorias, embasadas na literatura revista e nos conteúdos emergidos da própria narrativa, respeitando os critérios fundamentais citados anteriormente. Realizou-se, portanto, uma categorização do tipo misto, no qual as categorias foram selecionadas no início, mas houve a flexibilidade de modificação a medida que fazíamos a codificação em função do que foi suscitado pelo corpus de análise.

Tais categorias foram:

- Razões para não-maternidade;
- Representação de maternidade;
- Representação social da maternidade;
- Condições gerais para maternidade;
- Sentimento associado a não-maternidade.

As categorias de análise supracitadas estão descritas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Descrição das categorias e subcategorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO
1. RAZÕES PARA NÃO-MATERNIDADE	Inserem-se nesta categoria todas as URs que se referem os motivos relacionados com a decisão de não ter filhos
SUBCATEGORIAS	
1.1. Situação Conjugal	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a algum motivo de ordem conjugal
1.2. Idade	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem aos motivos relacionados com a idade.
1.3. Desinteresse	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que referem como motivo o desinteresse de ser mãe e de exercer funções maternas
1.4. Vida profissional	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a aspectos da vida profissional relacionados com falta conciliação, foco e realização com trabalho
1.5. Insegurança	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que referem a insegurança frente a maternidade
1.6. Condição Financeira	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que referem a falta de condição financeira e o desinteresse de mudança das condições financeiras em decorrência de filhos

2. REPRESENTAÇÃO DE MATERNIDADE	Inserem-se nessa categoria todas as URs que referem representações que as mulheres tem sobre a maternidade
SUBCATEGORIAS	
2.1. Atenção	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem uma visão da maternidade relacionadas com o cuidado e atenção
2.2. Sacrificio	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem uma visão de maternidade relacionadas com peso e sofrimento
2.3. Renuncia	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a uma visão da maternidade relacionadas com abdicação e priorização do filho
2.4. Encargo	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem uma visão de maternidade relacionadas com deveres e obrigações
3. REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MATERNIDADE	Inserem-se nessa categoria as URs que referem aspectos ligados ao que socialmente é representado como ser mãe
SUBCATEGORIAS	
3.1. Cobrança Social	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se relacionadas com o sentimento de cobrança para exercer a maternidade
3.2. Funções Sociais	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a concepção das funções designadas como maternas
4. CONDIÇÕES GERAIS PARA MATERNIDADE	Inserem-se nessa categoria as URs que referem a percepção os elementos necessários para se ter um filho
SUBCATEGORIAS	
4.1. Âmbito Pessoal	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem as necessidades relacionadas com o âmbito pessoal
4.2. Âmbito Profissional	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem as necessidades do âmbito profissional
5. SENTIMENTO ASSOCIADO A NÃO-MATERNIDADE	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem aos sentimentos relacionados com a experiência de não ser mãe
SUBCATEGORIAS	
5.1. Conflitivo	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a um sentimento conflitivo diante do não ser mãe
5.2. Não Conflitivo	Inserem-se nesta subcategoria todas as URs que se referem a um sentimento não conflitivo diante do não ser mãe

RESULTADOS

A análise dos dados realizada através da técnica de Análise de Conteúdo permitiu-nos tanto explorar os conteúdos que emergiram nas entrevistas, quanto possibilitou-nos analisar sua frequência e inferência de novas subcategorias, bem como, a definição das URs. Diante dos dados obtidos, ilustraremos os resultados encontrados de acordo com os objetivos propostos, ressaltando a relevância de cada categoria, sua análise frequencial e temática, para que assim, possamos posteriormente discutir os resultados encontrados neste estudo.

Razão para não-maternidade

Esta categoria vai diretamente de encontro com um dos objetos deste estudo, nela pretendemos enumerar os motivos que as mulheres trouxeram como relevantes para a escolha da não-maternidade. A análise realizada permitiu-nos identificar os seguintes motivos relacionados com a escolha de não ter filhos:

- Aspectos relacionados com a condição financeira;
- Aspectos ligados à insegurança frente a maternidade;
- Fatores relacionados ao desinteresse pela maternidade, incluindo a falta de desejo de ser mãe e de exercer as funções maternas;
- Aspectos ligados à situação conjugal, i.e., insatisfação com o casamento, não querer exercer maternidade sem parceiro, desinteresse do parceiro, medo de prejudicar a relação e falta de um parceiro;
- Aspectos relacionados com a idade;
- Aspectos ligados a vida profissional, i.e., foco na parte profissional, sentimento de realização com o trabalho e não conciliação com o trabalho.

Outro motivo foi trazido apenas por apenas uma entrevistada que tem uma história de vida peculiar na qual foi fruto de uma reprodução muito tardia e teve que cuidar dos pais desde muito cedo e relata que esse cuidado foi um dos motivos para não ter escolhido a maternidade. Esta UR foi inserida na subcategoria “outros motivos”, visto que foi trazido por uma única participante, a partir de uma história de vida particular.

A partir dos motivos que emergiram durante as entrevistas, foi realizada a codificação dos dados e ao final identificamos 15 URs referentes aos motivos que levaram a escolha da não-maternidade. Para reunir esses códigos em núcleos de sentido, criamos sete subcategorias que abrangessem todas as URs, sendo elas: situação conjugal; idade; desinteresse; vida profissional; insegurança, condição financeira e outros motivos. A Figura 1, a seguir, ilustra de maneira esquemática as subcategorias e as respectivas URs desta categoria. Para uma melhor visualização e focalização nas subcategorias principais, a subcategoria “outros motivos” não foi incluída.

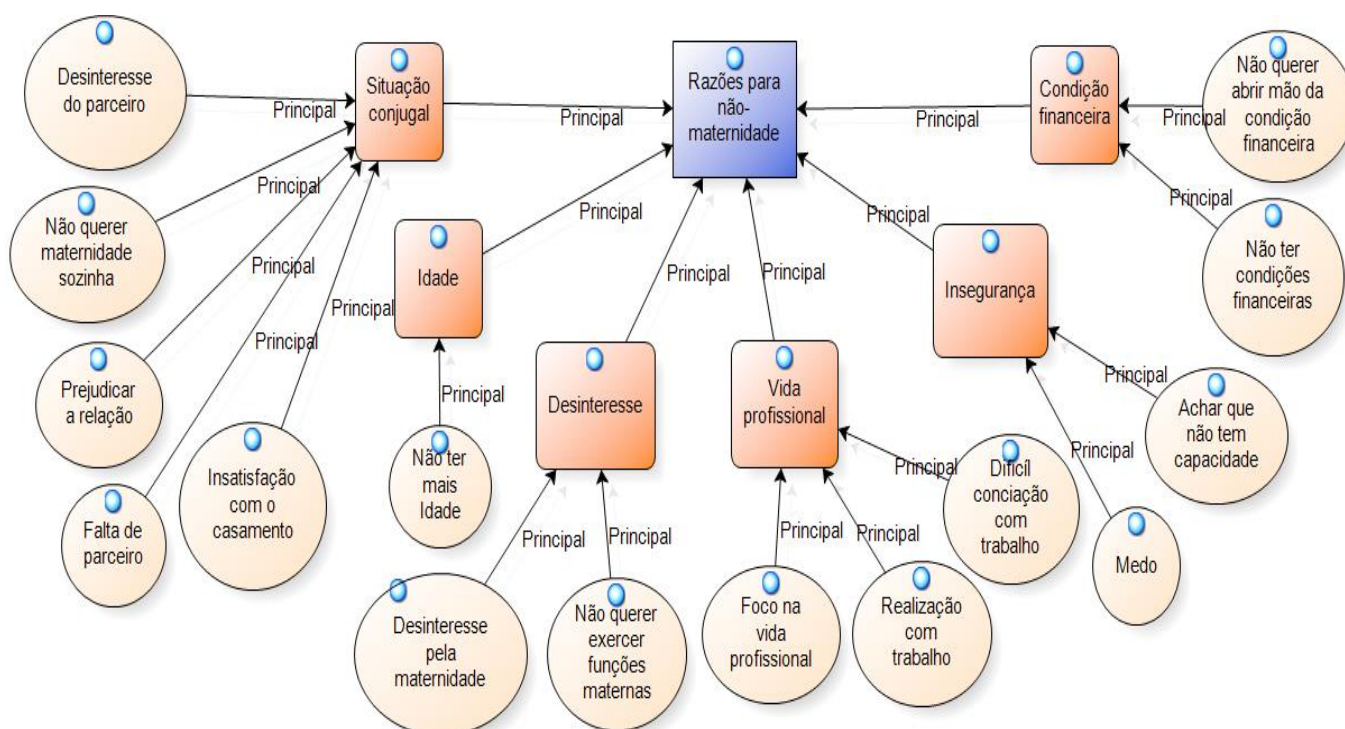


Figura 1: Esquema de codificação da categoria Razões para não-maternidade.

A análise frequencial das URs das subcategorias referentes a descrição dos motivos relacionados com a não-maternidade é apresentada na Figura 2 e 3. O primeiro gráfico permite-nos ver com clareza que os motivos mais referidos pelas participantes foram situação conjugal (31% de todas as URs) e vida profissional (19%), seguido de desinteresse, insegurança e condição financeira (todas com 19%) e por último a idade (6%).

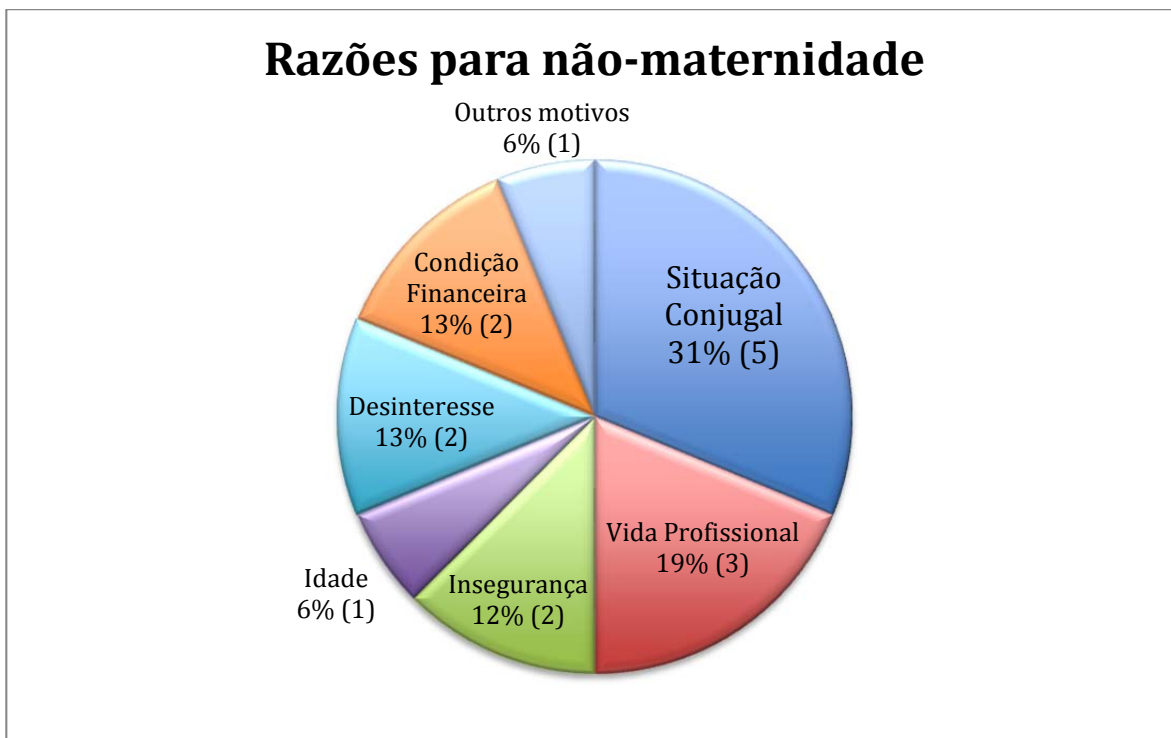


Figura 2: Descrição dos motivos para não-maternidade – Número total de URs de cada subcategoria.

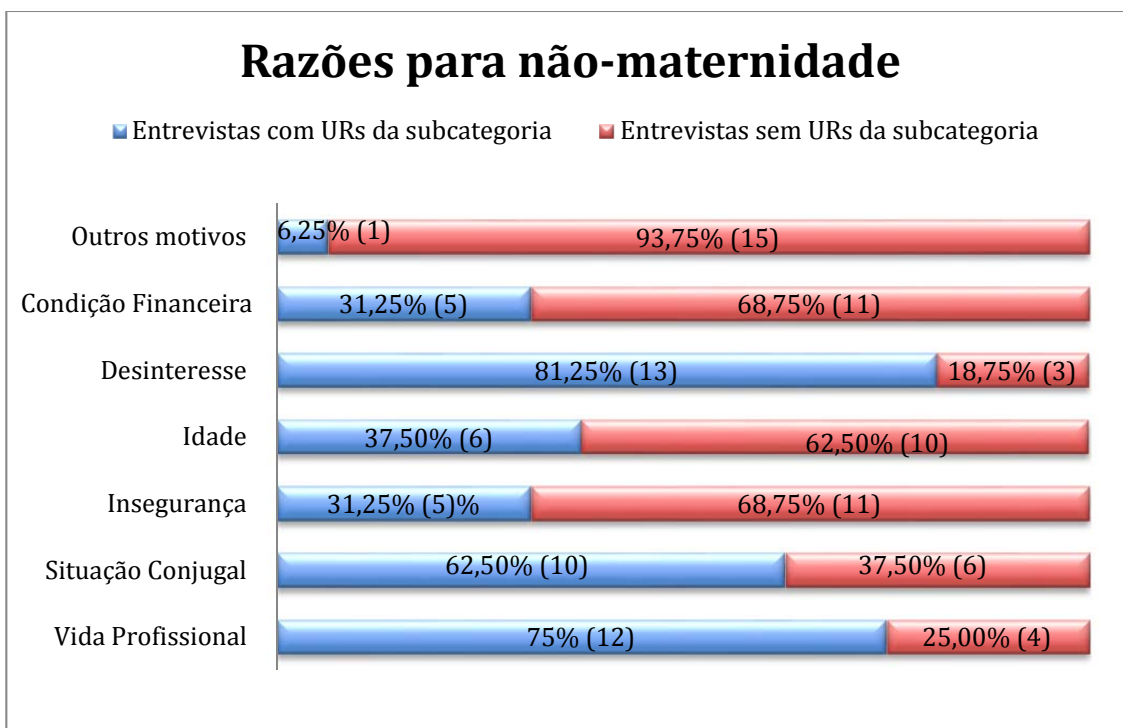


Figura 3: Descrição dos motivos para não-maternidade – Número de entrevistas com e sem URs de cada subcategoria.

É válido ressaltar, que apesar de ter sido a subcategoria com maior número total de URs, a situação conjugal só surgiu em 10 das 16 entrevistas (62,5%). Já a vida profissional, surgiu em 12 das 16 entrevistas (75%) e o desinteresse, surgiu em 13 das 16 entrevistas (81,25%), sendo a subcategoria mais mencionada. Significa isto que, apesar de ter sido abordada várias vezes pelos mesmos participantes, a situação conjugal foi menos mencionada pelo conjunto da amostra, do que os outros dois motivos. A Figura 3 permite-nos ter uma visualização mais clara das subcategorias mais mencionadas pelas participantes.

Representação de maternidade

Esta categoria também vai de encontro com um dos objetivos deste estudo, que é perceber qual a representação que as mulheres sem filhos tem sobre a maternidade. Esta representação é formada, segundo Canavarro (2001), por diversos fatores, como os desenvolvimentais, que incluem as relações significativas relacionadas com a maternidade, assim como, fatores históricos e questões de ordem genética. Para categorização identificamos o que é considerado ser mãe pelas participantes, ou seja, como elas percebem o conhecimento da função social de mãe a partir da experiência vivida, relacionada com este papel. Colocaremos nesta sessão os atributos referentes à percepção do que é ser mãe e durante a discussão teceremos algumas relações com as histórias de vida trazida por algumas participantes.

A partir das percepções que emergiram durante as entrevistas, codificamos 14 olhares sobre a maternidade que corresponderam às 14 URs referentes a esta categoria, são elas: difícil; peso; prisão; trabalhoso; abdicação; priorizar o filho; altruísmo; amor; cuidado; dedicação; doação, educar; não poder errar; e responsabilidade.

Dividimos estas URs em quatro subcategorias: sacrifício; renúncia; atenção e encargo. Para “sacrifício” consideramos as URs que referiam a um sofrimento, a uma ideia de privação e de peso em torno da maternidade. Para “renúncia” usamos palavras que trouxessem a ideia de abrir mão de algo, de priorização do filho em detrimento de si mesma. Para “atenção”, por sua vez, englobamos URs que retratassem o zelo, o cuidado e dedicação, assim como a necessidade de doação e de dar sem receber em troca. Por último, para “encargo” consideramos as URs que expressassem uma obrigação de mãe, a ideia de incumbência e de responsabilidade. A Figura 4 ilustra de maneira esquemática as subcategorias e as respectivas URs desta categoria.

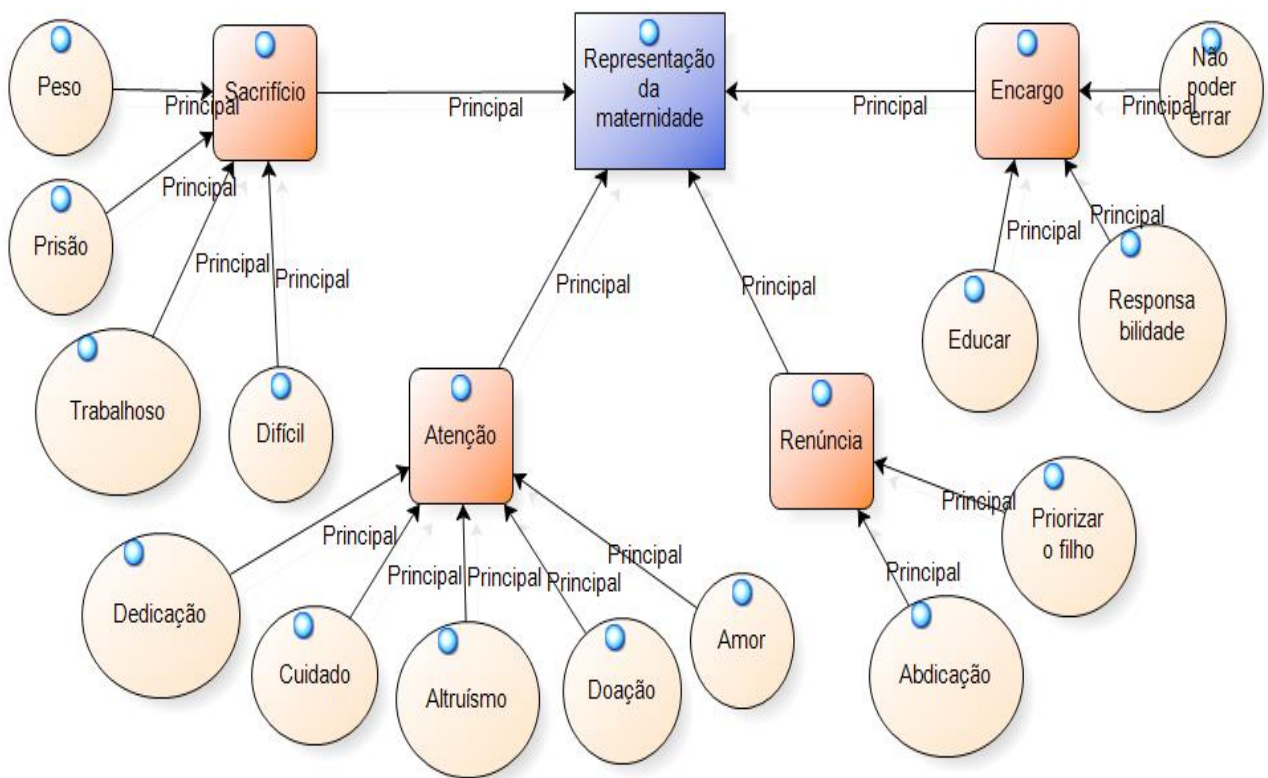


Figura 4: Esquema de codificação da categoria Representação de maternidade

A análise frequencial das URs das subcategorias referente a representação de maternidade é apresentada na Figura 5 e 6. Estes gráficos permite-nos ver com clareza que as representações mais recorrentes foram atenção (35,7% de todas as URs) e sacrifício (28,5%), seguidas de encargo (21,5%) e renúncia (14,3%).

É válido ressaltar que apesar de ter sido uma das subcategorias com menor número de URs, encargo foi a mais recorrente no maior número de entrevistas, sendo referida em todas exceto em uma. A atenção além de muito frequente, foi abordada também por um grande número de participantes, sendo mencionada em 14 das 16 entrevistas (87,5%). No entanto, sacrífico, apesar de ter sido a subcategoria com segundo maior número total de URs, foi a subcategoria menos mencionada pelas participantes (62,5%). A figura 6 permite-nos uma visão mais clara das subcategorias mais mencionadas.

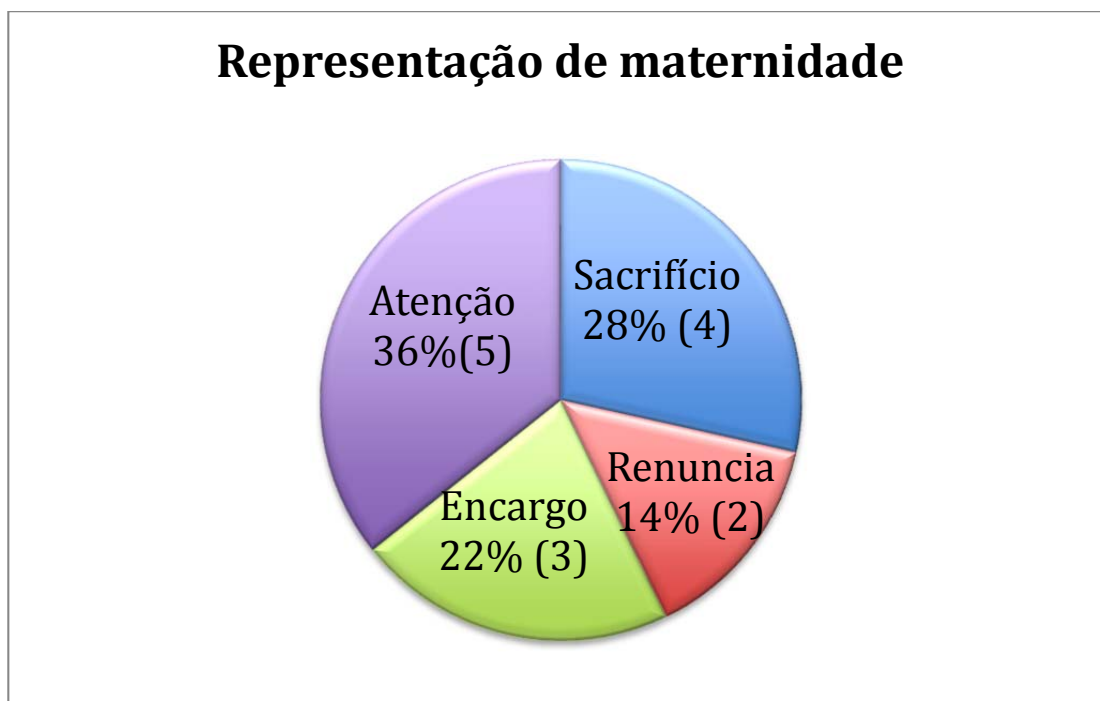


Figura 5: Descrição das Representações de maternidade – Número total de URs de cada subcategoria.

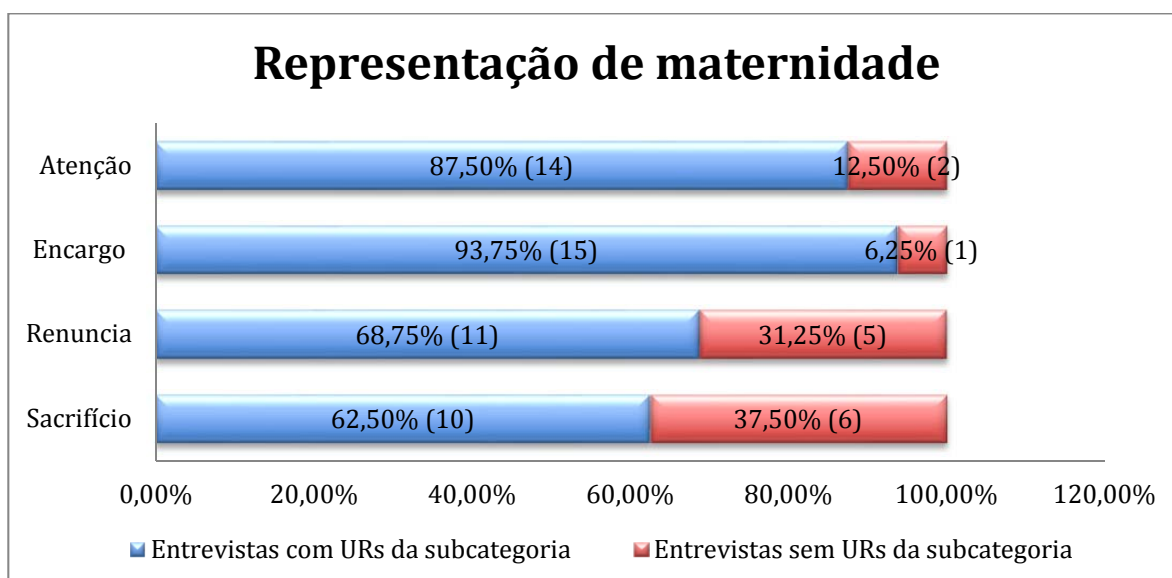


Figura 6: Descrição das Representações de maternidade – Número de entrevistas com e sem URs de cada subcategoria

Diante da importância desta categoria, é válido ressaltar quais foram as URs mais referidas pelas participantes. Responsabilidade foi a UR mais mencionada surgindo em 13 das 16 entrevistas (representando 81,25% das participantes), na sequência abdicação foi a segunda

mais mencionada aparecendo em 11 das 16 entrevistas (68,75%), em terceiro lugar está o cuidado surgindo em 10 das 16 entrevistas (62,5%) e em quarto lugar trabalhoso que representa 8 das 16 entrevistas (50%). A figura 7, permite-nos ter uma visão das URs mais mencionadas da categoria.

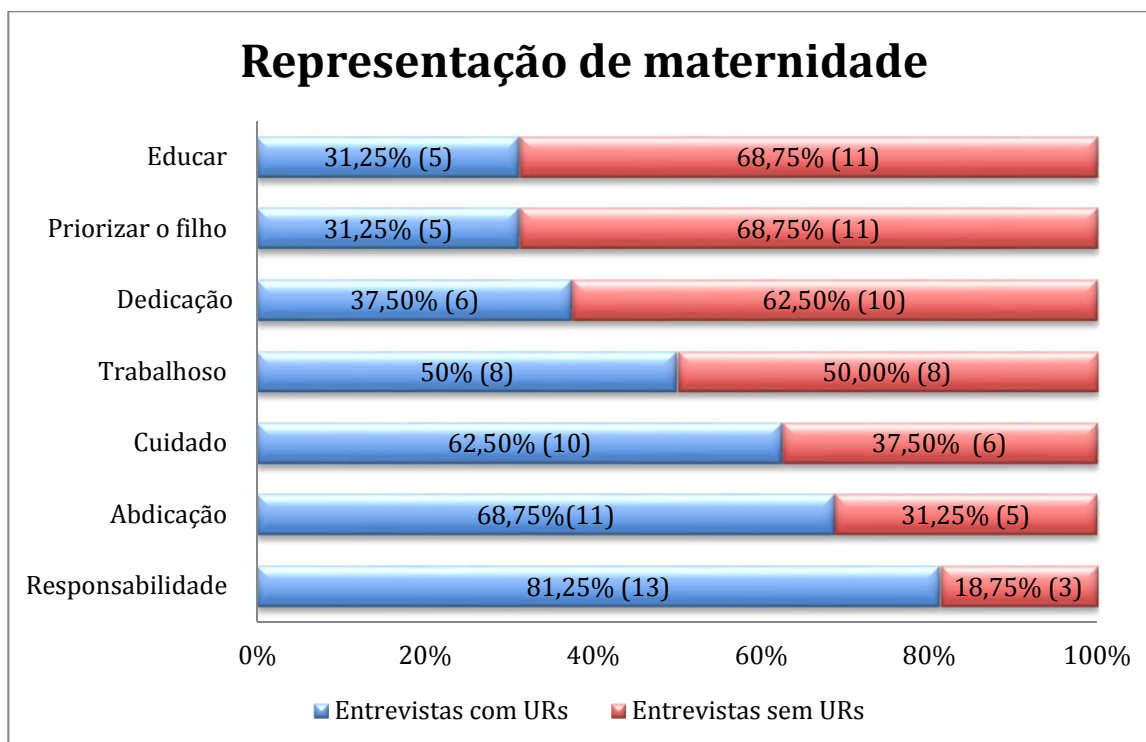


Figura 7: Descrição das Representações de maternidade - Número de entrevistas com e sem URs da categoria.

Representação de social da maternidade

Esta categoria foi dividida em duas subcategorias que abarcam atributos diferentes: cobrança social e funções sociais. A primeira provém da pergunta “você sentiu alguma cobrança para ser mãe?” e tem o objetivo de identificar se as participantes sentiram alguma cobrança, seja por parte dos amigos, conhecidos ou familiares, para exercer a maternidade. Já a segunda, não é reflexo de uma pergunta direta, mas de um tema que foi surgindo durante algumas entrevistas e reflete a percepção de uma representação social de que toda mulher naturalmente deve ser mãe e de que é esperado dela que seja uma boa mãe através da total devoção à seus filhos. Através da figura 8 podemos ver o esquema de codificação desta categoria com suas subcategorias e respectivas URs.

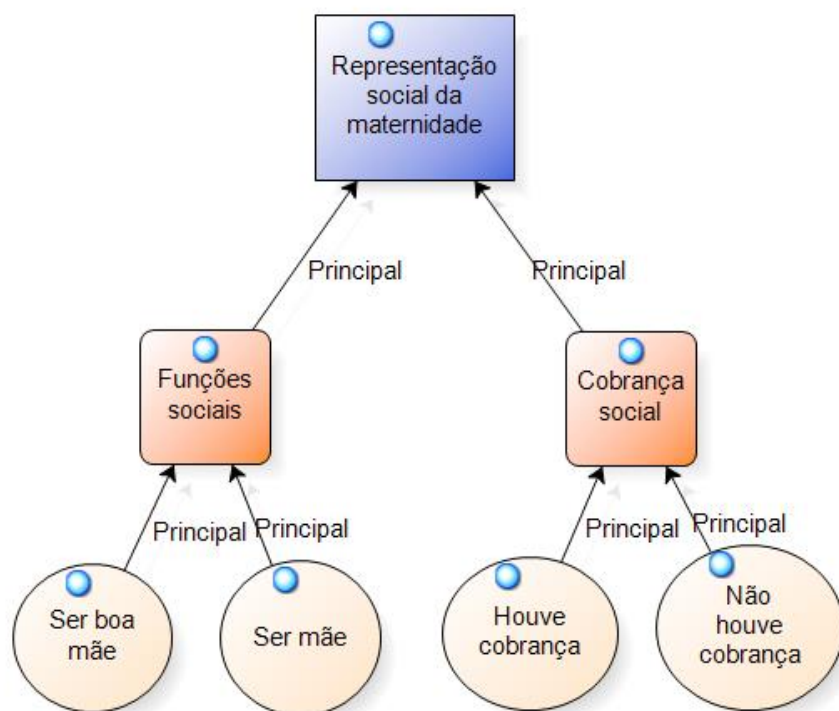


Figura 8: Esquema de codificação da categoria Representação social da maternidade

A figura 9 ilustra a porcentagem de participantes que relataram ter sentido cobrança por parte da sociedade para exercer a maternidade, 10 das 16 entrevistas (62%) disseram ter sentido essa cobrança, enquanto que 6 das 16 entrevistas (38%) relatam não terem sido cobradas. Esse índice mostra como de certa forma as mulheres ainda são cobradas para exercer a função de mãe. É válido ressaltar também que das 6 mulheres que relataram não sentir cobrança, 5 não são casadas, diante disso podemos pensar que a sociedade cobra que a mulher exerça o papel de mãe, no entanto, essa cobrança é mais evidente em mulheres casadas.

A figura 10 ilustra o número total de entrevistas que surgiram nas URs “ser mãe” e “ser boa mãe”. A primeira surgiu em 11 das 16 entrevistas (totalizando 69%) revelando que um grande número de participantes acredita que a maternidade, de certa forma, é considerada socialmente como natural. A segunda surgiu em 10 das 16 entrevistas (62,5%), aparecendo em um número menor de participantes, mas ainda sim, ilustrando que boa parte das participantes percebem a existência de uma expectativa social para que as mulheres sejam boas mães para seus filhos.

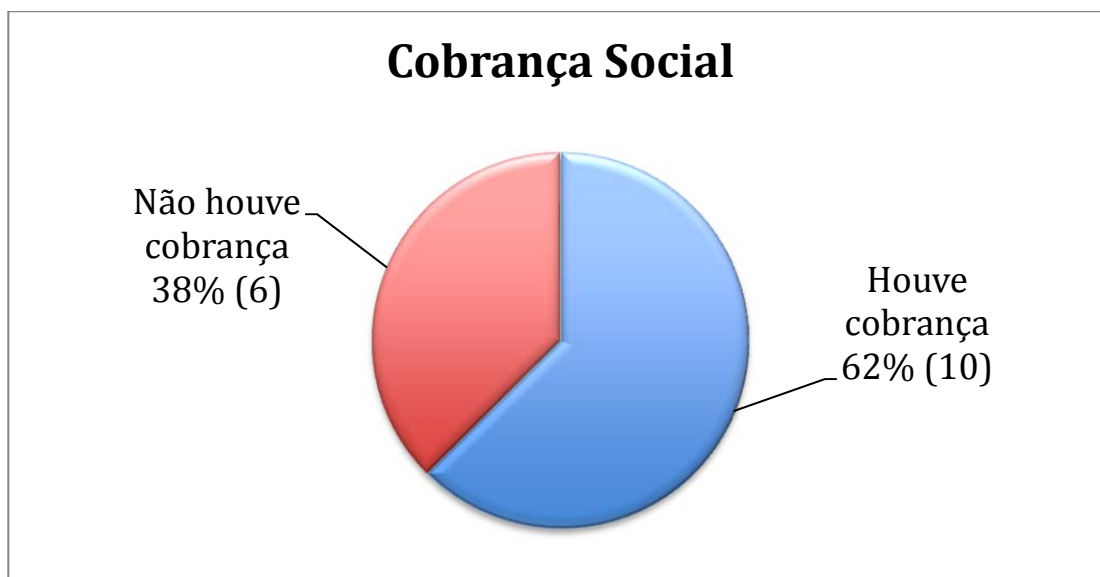


Figura 9: Cobrança social – Porcentagem de participantes que sentiram e não sentiram cobrança.

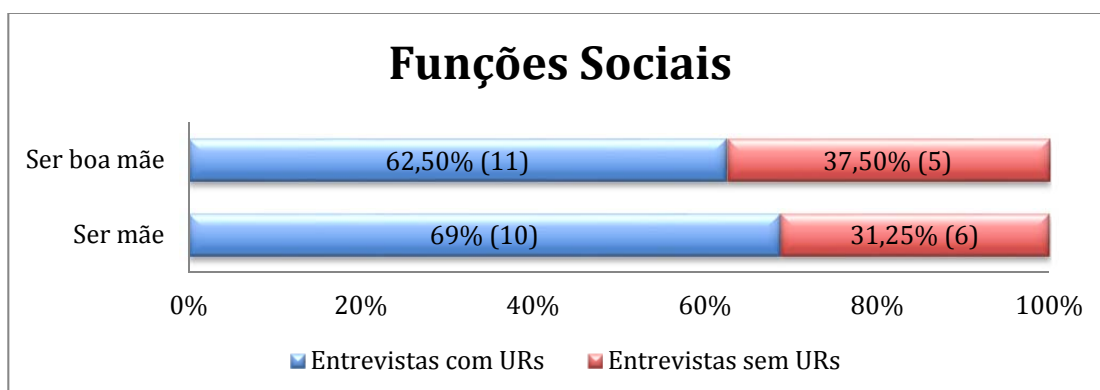


Figura 10: Funções Sociais: Número de entrevistas com e sem URs.

Condições gerais para maternidade

Esta categoria foi formada através da pergunta “o que é preciso para ter um filho?” e tem o objetivo de enumerar os principais aspectos que estas mulheres colocam como sendo importantes para a maternidade. Dividimos esta categoria em duas subcategorias: âmbito pessoal, no qual estão as URs relacionadas com os aspectos pessoais necessários para a maternidade; e âmbito profissional, no qual estão as URs relacionadas com os aspectos profissionais necessários para se ter um filho.

Durante as entrevistas emergiram cinco situações identificadas como necessárias para a maternidade: o desejo de ser mãe, estrutura emocional, ter parceiro, conciliação com o trabalho e estrutura financeira. Esses temas se assemelham com algumas ideias que emergiram na categoria razão para não-maternidade, na qual, dentro dos motivos que as participantes trouxeram estão: o desinteresse pela maternidade, a falta de parceiro, a não conciliação com o trabalho e a falta de condições financeiras, como sendo um dos responsáveis pela escolha de não-maternidade. A figura 11 ilustra o esquema de codificação desta categoria com suas subcategorias e respectivas URs.

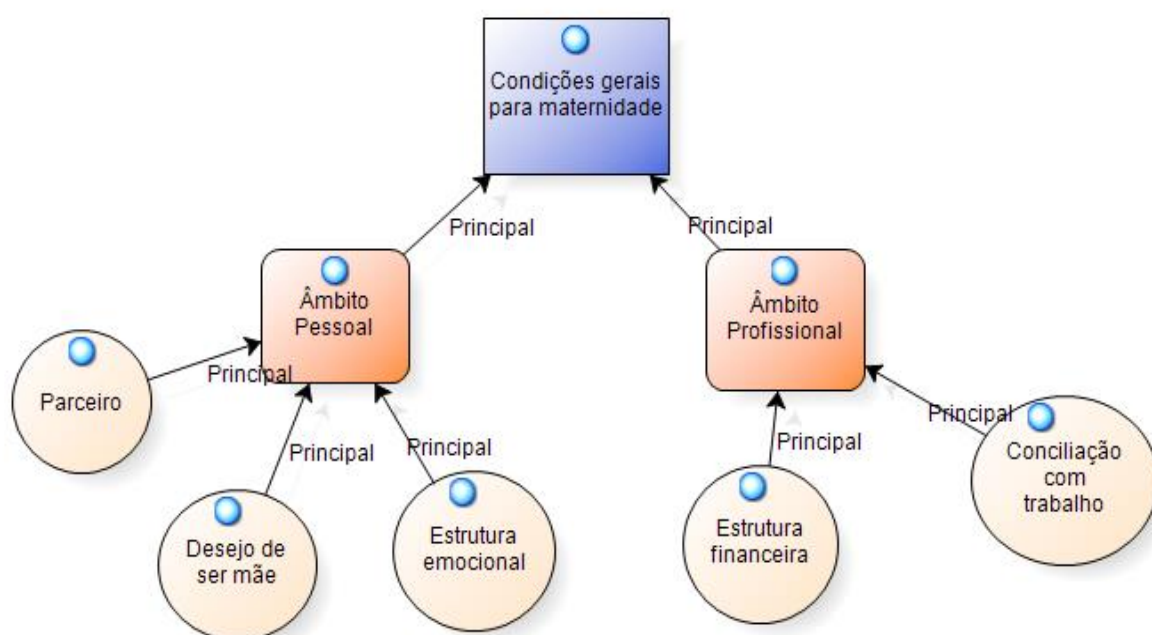


Figura 11: Esquema de codificação da categoria Condições gerais para maternidade.

A partir da análise frequencial podemos perceber que o âmbito pessoal teve uma recorrência maior (60% de todas as URs) do que o âmbito profissional (40%), no entanto, essa diferença é de apenas uma UR. A figura 12 ilustra o número total de URs para cada subcategoria.

No diz respeito as URs desta categoria, a figura 13 ilustra que a UR mais mencionada pelas participantes foi estrutura financeira, surgindo em 14 das 16 entrevistas (87,5%), seguida de parceiro que apareceu em 11 das 16 entrevistas (68,75%) e desejo de ser mãe apontado em 7 das 16 entrevistas (43,75%). A necessidade de conciliação com o trabalho e estrutura

emocional foram as menos citadas, surgindo em 2 (12,5%) e 6 (37,5%) das 16 entrevistas, respectivamente.

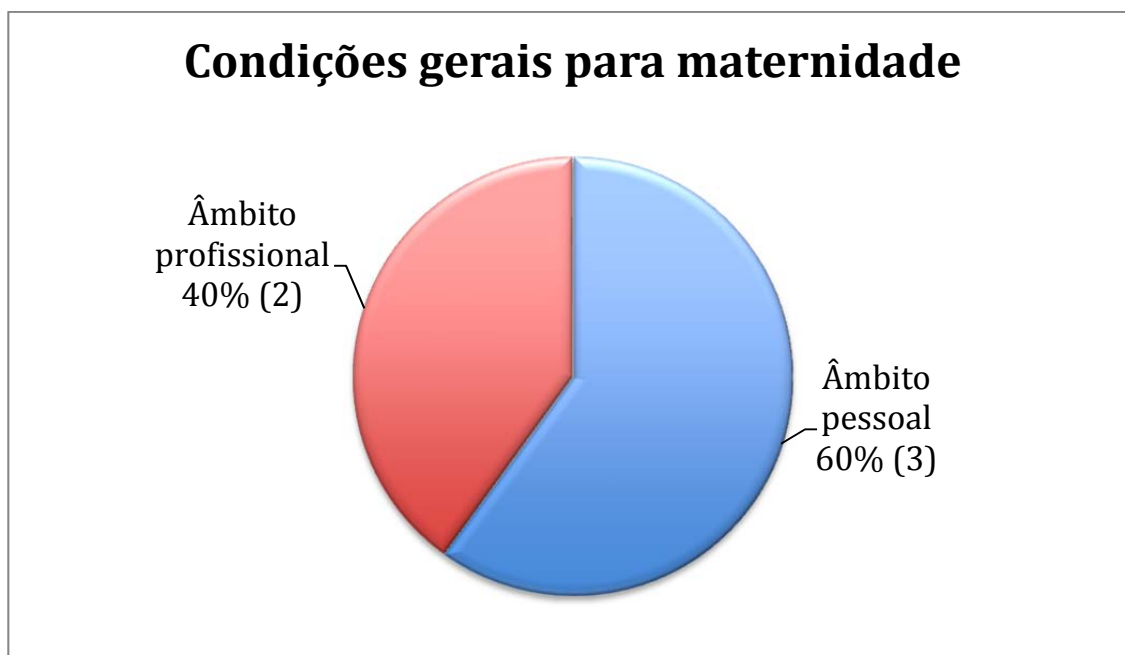


Figura 12: Percepção do que é necessário para ter um filho – Número total de URs de cada subcategoria.

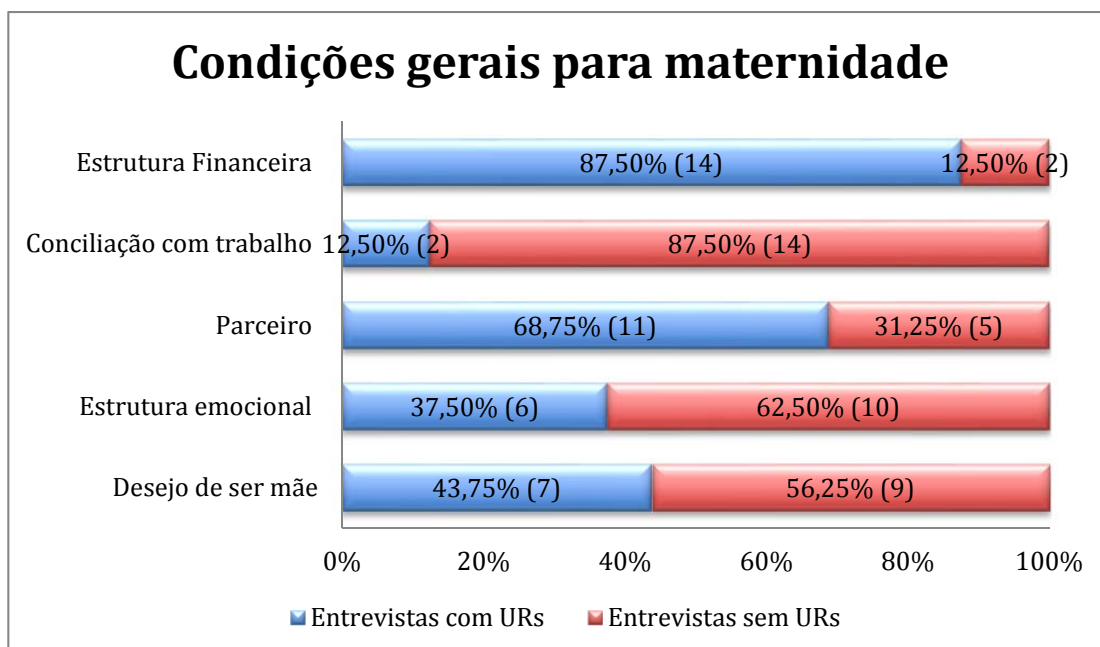


Figura 13: Percepção do que é necessário para ter um filho - Número de entrevistas com e sem URs da categoria.

Sentimento associado a não-maternidade

Esta categoria corresponde a pergunta “como você vivencia a experiência de não ser mãe?” e tem o objetivo de compreender como as mulheres se sentem diante da não-maternidade, se foi algo vivenciado de uma maneira positiva ou não. Durante as entrevistas emergiram cinco URs referentes a esta categoria: incompletude, frustração, tristeza, tranquilidade e liberdade. A partir destas URs formulamos duas subcategorias: conflitivo, na qual inserimos as URs que refletiam uma experiência negativa e conflituosa diante da não-maternidade e não-conflitivo, na qual colocamos as URs que representavam uma experiência positiva e não conflituosa diante não-maternidade. A figura 14 ilustra o esquema de codificação com as subcategorias e respectivas URs da categoria.

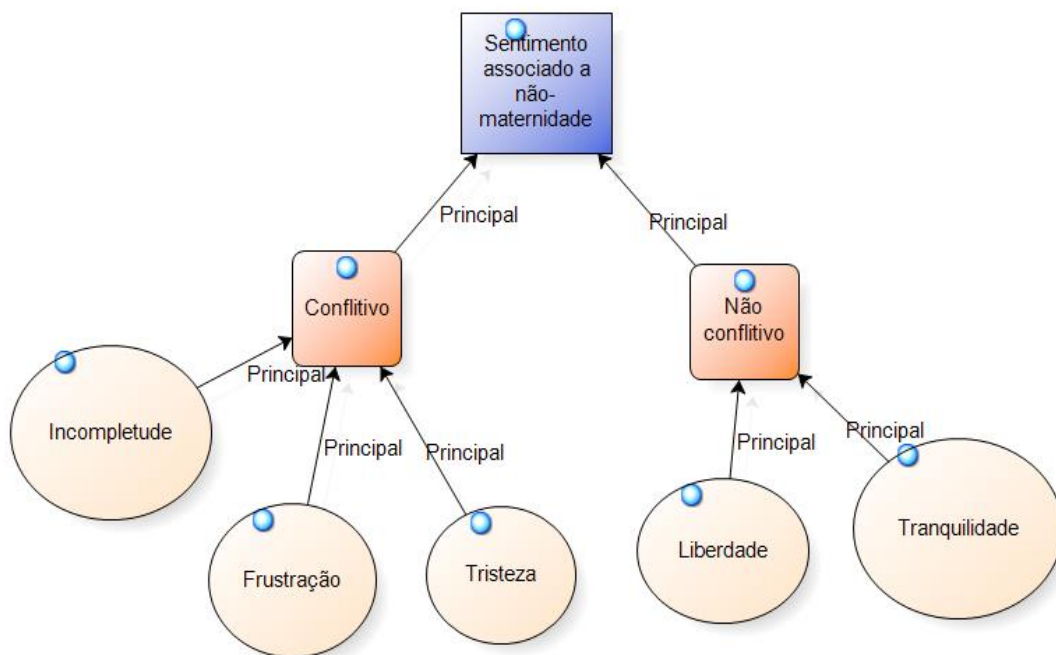


Figura 14: Esquema de codificação da categoria Sentimento associado a não-maternidade.

A análise frequencial das URs das subcategorias referentes a descrição dos sentimentos relacionados a não-maternidade é apresentada na Figura 15 e 16. Este gráfico permite-nos ver com clareza que os sentimentos conflitivos foram mais referidos (60% de todas as URs) do que os não conflitivos (40%), no entanto, a diferença foi de apenas uma UR.

Os sentimentos não conflitivos, por sua vez, surgiram em 13 das 16 entrevistas (81,25%) sendo de longe a subcategoria mais mencionada, enquanto que os conflitivos

surgiram em apenas 3 das 16 entrevistas. Significa isto que, os sentimentos conflitivos foram mais referidos do que os não conflitivos, entretanto, estes foram de longe muito mais mencionados pelo conjunto da amostra do que os sentimentos conflitivos. A Figura 16 permite-nos ter uma visualização mais clara das subcategorias mais mencionadas pelas participantes.



Figura 15: Sentimento associado a não-maternidade – Número total de URs

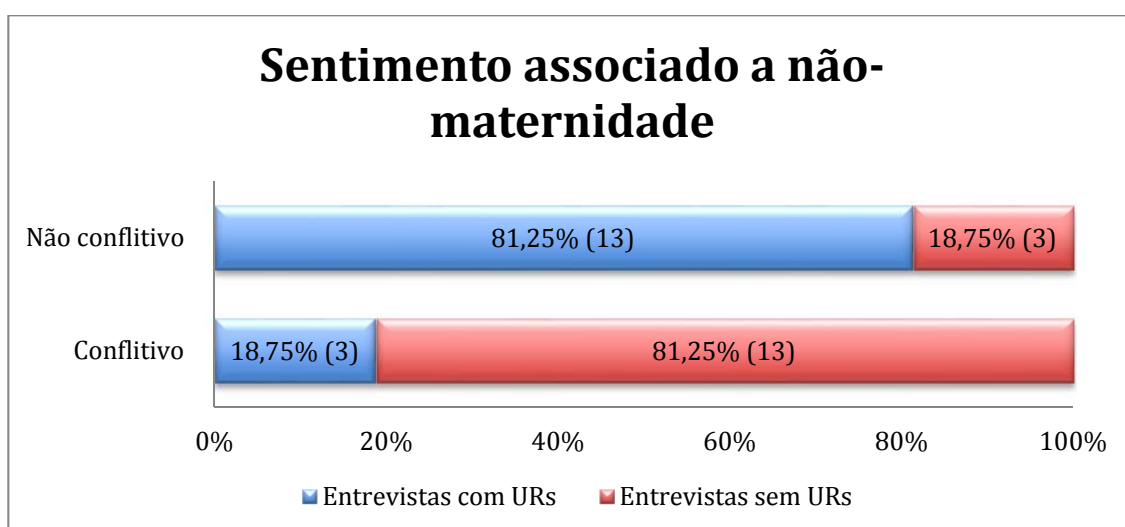


Figura 16 : Sentimento associado a não-maternidade - Número de entrevistas com e sem URs de cada subcategoria.

No que diz respeito às URs, a mais mencionada pelas participantes foi a tranquilidade, surgindo em 12 das 16 entrevistas (75%) e liberdade, aparecendo em 8 das 16 entrevistas (50%). As menos mencionadas foram tristeza, sendo abordada por apenas 1 participante, seguida de incompletude e frustração, ambas surgindo em apenas 2 das 16 entrevistas. A Figura 17 ilustra o número de entrevistas para cada UR.

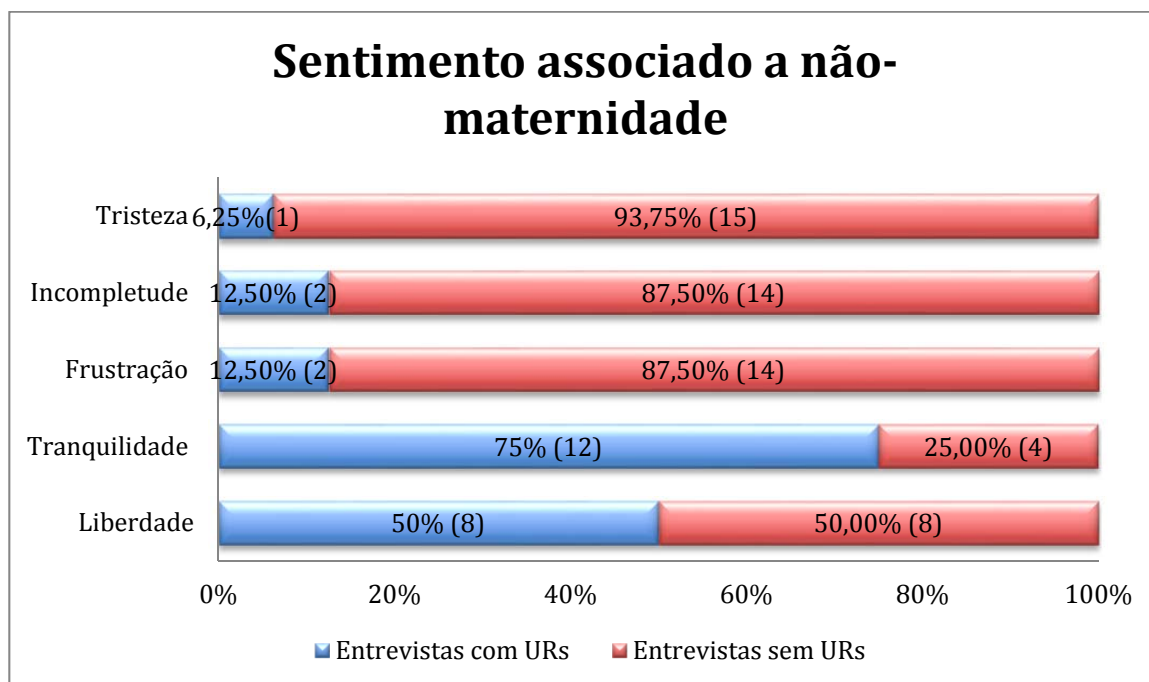


Figura 17: Sentimento associado a não-maternidade - Número de entrevistas com e sem URs da categoria.

De maneira geral, as mulheres vivenciam a não-maternidade de uma maneira positiva e não conflituosa, principalmente para aquelas que expressaram não ter o desejo pela maternidade. Os sentimentos conflituosos emergiram da entrevista de apenas três participantes, exatamente as únicas três participantes que relataram ter o desejo pela maternidade. Significa isto dizer que o sentimento associado a não-maternidade é vivenciado de maneira negativa para aquelas que a desejam.

DISCUSSÃO

A não-maternidade é um fenômeno multifacetado que engloba diversos fatores, perpassando por questões subjetivas complexas, pelo contexto familiar, por fatores históricos e culturais. Principalmente numa sociedade que valoriza tanto esse papel e critica tanto aquelas que lhe viram as costas, não existe um só fator que leva a escolha de não ter filhos, como dizem algumas participantes:

“Exatamente, foi a junção de múltiplos fatores” (Entrevista 1)

“Nunca é uma coisa só né? É uma decisão que envolve muitos fatores” (entrevista 2)

“São vários fatores, casamento, trabalho, vontade, nada é isolado” (Entrevista 4)

Diante dos resultados encontrados pudemos identificar os principais motivos ligados à escolha da não-maternidade e a sua frequência. Os nossos resultados mostraram que a maioria das razões são concernentes com algumas já encontradas na literatura, como os relacionados com a condição financeira, situação conjugal, ausência de desejo pela maternidade, questões financeiras, insegurança diante da maternidade, entre outros.

O motivo mais frequente trazido pelas participantes foi o desinteresse pela maternidade, consideramos nessa subcategoria as mulheres que expuseram tanto a falta de desejo (totalizando 81% das participantes), quanto o desinteresse de exercer funções maternas (75%), como uma das razões para não se ter filhos. Como Tobin (1999) e Canavarro (2001) descrevem, o desejo de ser mãe não é instintivo, não é nato, a mulher nasce (se tudo correr bem) com a capacidade biológica de ser mãe, mas não necessariamente com o desejo de exercer a maternidade. No entanto, no senso comum, tentemos a ver a maternidade como natural e “instintiva”, ate mesmo a maioria das mulheres sentem que ser mãe é fundamental para sua realização pessoal, principalmente para aquelas que vivem num contexto como o nosso, no qual a maternidade é muito valorizada.

Nosso estudo apresentou um resultado de 81% das mulheres revelando a falta de desejo pela maternidade. Da mesma forma que o desejo é condição primordial para que a maternidade aconteça, para aquelas que tem mais que tudo o desejo de serem mães, provavelmente farão de tudo para que seu sonho seja realizado, com casamento ou não, com dinheiro ou não, com estabilidade profissional ou não, demonstrando como o desejo é fator primordial para que o projeto maternidade se concretize. Esta ideia esta presente nas seguintes falas:

“Eu acho que pra você ter filho a primeira coisa é ter vontade de ter filho, você tem que querer aquilo, ter vontade de ter um filho” (Entrevista 16)

“Tem que ter um desejo de ser mãe, de estar nesse papel” (Entrevista 11)

“Eu acho que você tem que querer, se você quer você vai atrás e vai dar o seu jeito de conseguir entendeu” (Entrevista 15)

“Eu acho que primeiramente é necessário o desejo, a primeira coisa necessária é o desejo de ter um filho” (Entrevista 3)

“Pra ter um filho tem que querer ser mãe” (Entrevista 5)

“Tem que ter muita vontade pra encarar a maternidade” (Entrevista 9)

Diante deste resultado podemos fazer uma relação com os encontrados na categoria Representação social da maternidade, na qual 62% das participantes relatam ter sentido cobrança para serem mães; 69% das mulheres relatam existir uma cobrança social para que as mulheres em algum momento de suas vida sejam mães; e 63% relatam sentir existir uma representação em torno das funções maternas, na qual são impostas total devoção e sacrifícios para se seja considerada uma boa mãe.

Tendo em vista que o discurso dominante em nossa sociedade tem sido construído de forma a atrelar a feminilidade à maternidade, percebemos que hoje uma das principais funções sociais da mulher é ser mãe. Diversos estudos mostram como esses valores da logica patriarcal ainda estão enraizados em nossa cultura, exemplo disto são os de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), Souza e Ferreira (2005), Trindade e Enumo (2002), Mansur (2003), Canavarro (2001), Moura e Araújo (2004), Bartlett (1995), demonstrando que a visão da maternidade como algo essencial da condição feminina ainda está presente nas representações sociais de grande parte das mulheres.

Apesar de não ter sido feita uma pergunta direta sobre a naturalidade da maternidade, algumas participantes falaram em seu discurso como este pensamento ainda está arraigado em nossa sociedade, seja pelos familiares ou amigos, como se fosse uma imposição exercer a maternidade e até mesmo deseja-lá:

“Se você casa ai começa a cobrança ‘e os filhos?’, como se toda mulher tivesse que ter filhos” (Entrevista 1)

“Em determinado momento eu falei pra ele ‘você não acha que a gente deveria ter filho, já que esta todo mundo tento filho’, aquela coisa assim, e tipo o que a gente vê assim na

sociedade, as pessoas se formam, casam e tem filhos e etc, e ai assim, eu achava que a gente tinha que ser normal né” (Entrevista 10)

“As pessoas achavam que eu ia mudar de ideia, elas não acreditavam que eu não tinha filho porque eu não queria” (Entrevista 14)

“Você sente no semblante das pessoas como se fosse uma coisa absurda você não querer ter filho” (Entrevista 16)

“Na sociedade você sempre se depara com esse tipo de fala: ‘ah, se você não é mãe, então não é mulher’ (...) isso é reforçado seja pela escola, pela igreja, pelas instituições, então como isso está muito arraigado em nos, essa coisa da maternidade é muito forte né? são valores ligados mesmo a questão da própria natureza da mulher, né” (Entrevista 2)

“As pessoas de fora que falam ‘ah, tem que ter filho’ (...) muita gente tem filho por ter, porque é obrigação, porque a sociedade obriga você a ter filho, eu acho que tem muita gente assim” (Entrevista 8)

“Todo mundo fala que eu ainda vou querer ter filho, como se toda mulher tivesse que querer” (Entrevista 9)

Não é por acaso que a própria cobrança para ser mãe também foi algo bastante presente em nosso estudo, 62% das participantes relataram sentir cobrança por parte da família e amigos para exercer a maternidade, como podemos observar nas seguintes falas:

“Sim, senti cobrança mesmo, todo mundo me perguntando ‘porque você não teve filho?’” (Entrevista 10)

“Senti muita cobrança, ate hoje, família, colegas, amigos” (Entrevista 13)

“As pessoas me cobravam, todo mundo me cobrava, minha mãe, meu pai, todo mundo entendeu” (Entrevista 14)

“Ate hoje a cobrança existe, eu vou ficar velha e as pessoas me cobrando isso” (Entrevista 15)

“Sinto cobrança ate hoje, as pessoas cobram, a sociedade cobra bastante isso (Entrevista 16) porque as pessoas cobram muito, a família cobra, as pessoas cobram” (Entrevista 3)

“Muita, muita cobrança.. Principalmente da família (...) mas a família é o tempo todo, todo encontro de família que tem ‘e ai, ainda não casou, ainda não teve filho?’” (Entrevista 7)

“A sociedade cobra sim, nossa, todo tempo. Ate hoje, ate hoje cobram, é.. mas a sociedade ‘mas você não tem filho?’, é, é, sempre cobram ‘mulher, como é que pode não ter filho?’” (Entrevista 8)

Além da cobrança para ser mãe, a entrevistada 15 relata sentir uma crítica pela escolha da não-maternidade e pelo estilo de vida que escolheu levar:

“Mas assim eu me sinto, ainda hoje, muito cobrada por isso e de certa forma não é cobrada só, é como se fosse criticada, pela vida que eu tenho tranquila, e assim, eu estou tranquila com relação a isso, mas ninguém quer que eu seja, é engraçado” (Entrevista 15)

No entanto, as mulheres que escolhem se ocupar só da maternidade são criticadas e desvalorizadas socialmente, apresenta-se hoje à mulher uma valorização da sua permanência também no meio público, a mulher ideal tem sucesso profissional e deve ser independente, ao mesmo tempo que a maternidade ainda é considerada a mais alta realização da feminilidade.

Antes vista como consequência inevitável do casamento, hoje é vista como uma opção de vida que envolve questões mais complexas, as mulheres esperam tudo, esperam terminarem os estudos, conseguirem um bom emprego, terem uma boa estabilidade profissional, um parceiro, uma série de requisitos que acabam levando o projeto maternidade para mais tarde, ou em alguns casos para nunca (Rocha-Coutinho & Barbosa, 2007; Badinter, 2010).

No nosso estudo, além da ausência de desejo pela maternidade, um dos motivos mais frequentes relacionados com a escolha de não ter filhos estava ligado à aspectos conjugais e profissionais (63% e 75% respectivamente). No âmbito conjugal, temos como conjuntura principal, as mulheres que desejam partilhar a maternidade e os deveres paternos com alguém, revelando-se o desejo maior de ter um parceiro do que de ser mãe. Como podemos observar na fala de algumas participantes:

“Eu não tive assim, um parceiro pra estar do meu lado (...) talvez essa vontade de ser mãe não foi mais forte do que eu acho que a vontade de ter um companheiro de ter uma família num contexto, talvez a vontade de ter um companheiro tivesse sido mais forte e por não ter conseguido um companheiro, não quis ter um filho sozinha (...) eu vinculei um filho a um contexto de família, eu não consegui colocar filho como se fosse assim um desejo separado” (Entrevista 7)

“O meu sonho era estudar, ter o meu emprego, me manter e encontrar uma pessoa que dividisse comigo a minha vida, ser feliz encontrar o amor verdadeiro digamos assim, aí sim o filho seria uma consequência (...) e do meu lado aquela pessoa que me dá suporte pra tudo, isso sempre foi a base pra mim” (Entrevista 15)

“Na minha vida, a minha prioridade maior era ter uma pessoa, eu sempre quis ter uma pessoa, no caso de encontrar uma pessoa que eu pudesse casar, que eu tivesse uma relação bacana” (Entrevista 16)

“Eu não queria uma produção independente de jeito nenhum (...) foi por falta de um parceiro mesmo ter aparecido em outro momento da minha vida” (Entrevista 1)

“Terminei não casando (...) depois eu pensei em ter um filho independente, ai depois eu pensei ‘um filho sem pai é complicado’, aí eu cheguei a conclusão que assim eu não queria” (Entrevista 6)

“Acho que foi mais por falta de um pai descente, um parceiro certo na hora certa (...) eu nunca quis ser, tipo assim, mãe solteira, produção independente, sabe, isso eu sempre fui super contra” (Entrevista10)

“Foi mais a questão amorosa mesmo, os possíveis que apareceram, assim, alguns já tinham filhos, e tal e não queriam mais, então acabou que não aconteceu” (Entrevista 5)

No profissional, por sua vez, percebeu-se que houve um adiamento da maternidade em decorrência do desejo de crescimento profissional, da dificuldade de conciliação do trabalho com a possível maternidade e da grande realização no campo profissional. Das participantes que alegaram aspectos profissionais como um dos motivos para a não maternidade, 67% relataram terem focalizado primeiro sua vida profissional, 59% falaram que teriam dificuldades de conciliar sua vida profissional com a maternidade, enquanto que 25% afirmaram sentir uma realização tão grande com o trabalho que o projeto maternidade não fazia sentido.

Ao mesmo tempo que as mulheres são cobradas para serem mães, são cobradas para terem também sucesso profissional e muitas vezes o projeto maternidade é postergado, além disso, quando se abre novas possibilidades para as mulheres, se abre um leque de possibilidades que podem não englobar a maternidade, como podemos observar no discurso de algumas participantes:

“A minha historia era fazer minha carreira, eu assim estudava muito também, ai terminei medicina aqui em natal, depois fui fazer residência, pós-graduação, essa coisa toda” (Entrevista 10)

“Pra mim profissão, trabalho, dinheiro, sucesso, contas pagas, sempre estive na frente (...) então eu me foquei mais na minha parte profissional pra ter melhores condições financeiras

(...) o meu sonho era estudar, ter o meu emprego, me manter e meu foco foi esse” (Entrevista 15)

“Sempre fui muito focada no meu trabalho e na maneira que eu ia ganhar dinheiro pra me sustentar (...) com meus 30 anos eu tinha acabado de me formar, tinha conseguido um trabalho na minha área, eu estava muito mais voltada para este mundo, descobrindo capacidade de trabalho, de envolvimento, de atuação, de trabalho, de força de trabalho” (Entrevista 2)

“Eu sempre priorizei trabalhar” (Entrevista 16)

“Pra mim era assim, ir pra faculdade era como pra você ir na escola primaria, não passava outra coisa na minha cabeça, eu não pensava em me casar logo não, até oportunidade teve, mas eu não estava motivada pra isso, eu queria estudar e eu gostava muito de estudar, muito mesmo, aí tive a oportunidade, entrei na faculdade e foquei na minha vida profissional (...) meu próprio ambiente estimulava isso, quer dizer, a mulher ter uma realização pessoal, independente da maternidade, no meu caso foi uma realização muito grande com o meu trabalho (...) não era tanto o tempo que competia com a maternidade, era o trabalho que eu estava fazendo que estava me realizando” (Entrevista 4)

“Eu sempre achei assim que pra mim existiam outros caminhos, eu achava que eu tinha muito mais a fazer, eu tive uma dedicação muito grande, um foco assim, ao meu trabalho, a todas as coisas que eu escolhi, do tipo assim, eu estou aqui desde de manha, direto, se eu fosse mãe nesse momento, provavelmente eu não estaria, entendeu? (...) mas não é que eu adiei a maternidade por conta da vida profissional, mas foi sempre um sentimento que eu tinha outras realizações que não essa, outras coisas que eu tinha um sentimento assim muito mais profundo, de alguma coisa do tipo eu tenho outras coisas pra realizar na vida e que me realizam mais do que a maternidade” (Entrevista 3)

“Acontece é que o lado profissional se destacou mais e aí realmente a gente, sou dessa geração agora que você trabalha, trabalha, trabalha e vai pensando depois ne, em ser mãe e tal, você deixa isso pra depois” (Entrevista 5)

“Desde cedo focalizei no meu trabalho, que é a coisa mais importante pra mim” (Entrevista 9)

“Minha vida sempre foi muito preenchida, porque eu sempre gostei de trabalho voluntario, mas esse trabalho de dedicar, de ficar com as pessoas, de orientar, aconselhamento, sempre foi muito assim, minha vida, então isso eu acho que preencheu muito” (Entrevista 11)

Parece existir um conflito entre a maternidade e objetivos pessoais, como se estes não fossem conciliáveis e houvesse a necessidade existir uma decisão entre sucesso profissional e

maternidade, de maneira que um tivesse que anular o outro. Como refere Badinter (2010) “o ideal maternal colide frontalmente com as obrigações cada vez mais duras do trabalho” (p. 121). Às mulheres é muito difícil assumir a responsabilidade de ter um filho junto com grandes responsabilidades profissionais, afinal, não é fácil se responsabilizar pelos cuidados que demanda uma criança quando se tem longas jornadas de trabalho.

Além da expectativa social de exercer a maternidade, temos também algo que pesa ainda mais. Sabemos que cada cultura apresenta um modelo maternal ideal que muda ao longo dos anos, só que hoje esse modelo é mais exigente do que nunca, como já referido em linhas pretéritas, a modernidade delineou uma nova relação da mulher com a maternidade, a total devoção em prol de seus filhos fazem parte do discurso social como valores inerentes à natureza feminina e essenciais à concepção de boa mãe (Moura e Araújo, 2004). Com relação ao cuidado materno, à mãe, não coube apenas os cuidados físicos dos filhos, mas também o psicológico e social, sendo responsabilidade da mulher assegurar o bom desenvolvimento e bem-estar físico, cognitivo e afetivo da criança (Badinter, 2010; Meyer, 2003).

A representação do que é uma boa mãe está associada a sacrifícios e priorização das necessidades da criança, a maternidade representa hoje um trabalho integral e sem descanso, além disso, parece existir uma concepção de tudo ou nada, ou as mulheres abdicam de tudo e são boas mães, ou são consideradas péssimas mães (Badinter, 2010). Não existem limites para o que uma boa mãe pode fazer, sendo capaz de sacrificar suas necessidades pessoais em prol do seu filho, mas afinal, a maternidade não se torna uma atividade impossível quando imaginada pela fantasia idealizada de boa mãe? (Canavarro, 2001; Tobin, 1999). Percebemos que na própria concepção das participantes do que uma mãe deve fazer, esta ideia de boa mãe se faz presente:

“Eu acho que você tem que ter essa consciência, porque se você tem você tem que se dedicar mesmo, você tem que assumir uma responsabilidade total, não é só financeira, é responsabilidade de você criar, de educar, de amar, de estar ali, eu acho que você tem que ter uma consciência, de prover o melhor pro seu filho (...) a educação, se você é mãe tem que nortear aquela pessoa, a personalidade dela, você é responsável por isso” (Entrevista 16)

“A maternidade reúne todos os atributos que uma pessoa tem que desenvolver dentro dela porque ela é responsável pela formação de caráter desse ser que está chegando, sabe? se a gente não tiver uma maternidade adequada, a nação vai viver uma situação complicada” (Entrevista 2)

“A sociedade coloca isso, você tem que ter todo um cuidado voltado pro filho, tem que ser o suporte emocional e físico da criança (...) você sempre tem que pensar no melhor pra criança em todos os sentidos” (Entrevista 4)

“Se você for mãe, é sua obrigação você fazer, você se dedicar, então é dedicação pro resto da vida (...) porque a partir do momento que você tem filho, você tem a obrigação de se dedicar aquela pessoa, é uma pessoa que vai depender de você o resto da sua vida, entendeu” (Entrevista 9)

“Quem tem filho não tem mais vida, a vida é o filho né, você vai comprar algo pra você? não, uma boa mãe compra primeiro pro filho” (Entrevista 14)

No seu estudo sobre as mulheres sem filhos, a socióloga americana Kristin Park retomou grande parte dos estudos feitos sobre as mulheres sem filhos nos últimos 20 anos e identificou que um dos motivos mais pertinentes para não-maternidade era a liberdade (Park, 2005). A liberdade das obrigações maternas, a possibilidade de realizar sua autonomia como bem entender, parecem ser coisas que as mulheres mães não conseguem ter, ou pelo menos não deveriam, ao custo de serem julgadas como péssimas cuidadoras de seus filhos. No nosso estudo não foi diferente, 75% das mulheres relataram não querer exercer as funções e ter as responsabilidades ligadas à maternidade e esse fato foi apresentado como um dos motivos que levaram a escolha de não-maternidade:

“Eu gosto muito de ler, gosto muito de ouvir musica, tenho uma vida cultural, intelectual assim, sabe, gosto de ir ao teatro, a gente tem uma vida social também, tenho muitos amigos, não sei,.. ai eu acho aquela coisa, toda vez que passa isso na cabeça, é, passa toda essa historia na cabeça de ter que abdicar dessa vidinha equilibrada, tranquila que eu levo ne, eu não quero, não sinto vontade de abrir mão dela” (Entrevista 10)

“É tanta responsabilidade a maternidade que me assusta, que não quero isso pra mim, então isso me prendeu a não ser mãe (...) um dos motivos de não ter sido mãe foi o medo de perder minha liberdade, eu não queria perder minha liberdade” (Entrevista 13)

“Eu sou uma pessoa que sou muito egoísta nas coisas que eu gosto, assim eu gosto muito de viajar, eu gosto muito de dormir depois do almoço, eu gosto da minha tranquilidade, eu não queria abrir mão de nada disso por um filho (...) um filho tira totalmente essa liberdade, pra mim tiraria totalmente e eu não queria perder essa liberdade” (Entrevista 14)

“Um filho é uma mudança radical de vida e eu adoro a minha vida do jeito que está, a minha liberdade, tudo, eu olhava aquilo e não queria abdicar do meu conforto (...) eu acho que não

querer abrir mão de tudo isso contribuiu pro fato de eu não ter ainda ido atrás” (Entrevista 15)

“Eu gosto de sair, eu gosto de viajar, eu e meu marido, então a gente esta aqui e fala assim ‘amanha vamos pra SP, vamos’, eu tô falando da liberdade, eu não quis perder isso (...) eu tenho uma vida muito, o meu perfil é assim de sair muito, de viajar, não é uma coisa assim monótona, eu teria que mudar totalmente o meu estilo e isso eu não queria (...) pra mim eu ia ter que mudar minha vida totalmente e eu não quero mudar minha vida” (Entrevista 16)

“Ao ver a batalha de minha irmã, vi que assim, nossa, que coisa, não queria isso pra mim” (Entrevista 2)

“E ter um filho significava ter que fazer tudo isso pra eles né, ter que cuidar, ter responsabilidade, eu não queria muito” (Entrevista 4)

“E por gostar de viajar me deu assim uma vontade de ter essa liberdade de ir pra onde eu quisesse, sem ter que dar satisfação a ninguém e a maternidade não permite isso” (Entrevista 6)

“Eu não quero abrir mão de viagem, abrir mão de uma profissão pra ter um filho (...) ai eu pensei ‘quer saber de uma? Eu não quero ter filho não, pra que que eu vou ter filho? É muito trabalho pra mim, é muita responsabilidade, eu não quero’, então eu decidi não ter filho (...) quando eu lembro do trabalho que é ter um filho eu digo ‘eu não vou nessa não, Ave Maria, não quero não’” (Entrevista 8)

“Não é uma coisa que eu quero ficar vivendo esse momento 24h dias, 365 dias no ano, eu não quero ter a obrigação de me dedicar totalmente e a responsabilidade de criar” (Entrevista 9)

Com tanto peso colocado em cima da mulher-mãe, é esperado que com novas possibilidades nas mãos, algumas mulheres busquem sua realização em outros âmbitos de sua vida que não a maternidade, principalmente aquelas que relatam não ter esse desejo. Ora, com uma visão social tão sobrecarregada da maternidade, é natural que muitas mulheres achem incongruente a conciliação de seus desejos pessoais com suas obrigações maternas.

Diante disso, não é de se admirar que a representação da maternidade das participantes deste estudo seja sobrecarregada. Como referem os resultados, as mulheres apresentaram visões negativas sobre a maternidade, sendo responsabilidade e abdicação as representações mais frequentes (com 81,25% e 68,75% respectivamente). No final das contas, de tanto se sobrecarregar as funções maternas, parece que aumentaram-se as contradições entre o projeto maternidade e os desejos pessoais.

As visões dessas mulheres é portanto negativa, a maternidade para elas está associada a um fardo e uma serie de perdas em relação a sua vida pessoal, o filho é sinônimo de sacrifícios e de obrigações. Claro que a maternidade envolve múltiplas faces, todos sabemos que uma criança demanda de cuidado e de atenção por longos anos, no entanto, também existe um lado positivo, o lado que envolve os benefícios e prazeres da maternidade e em algum momento de sua vida, a mulher vai fazer um balanço dos seus pontos positivos e negativos, entretanto, o que parece ocorrer é o foco nos sacrifícios impostos e nos aspectos negativos do ser mãe, não se tornando mais um projeto relevante para a felicidade.

Algumas pensam duas vezes antes de assumirem esse papel, mas no final das contas o que pesa nesta decisão? Podemos observar que através dos resultados, as mulheres deste estudo apresentam uma visão ligada aos aspectos negativos e as perdas relacionadas com o ser mãe, dessa forma, de alguma maneira a representação que elas tem da maternidade parece ter influenciado para a escolha da não-maternidade, pois a partir do momento que as mulheres veem a maternidade com olhos de fardo e na balança pesa muito mais o lado negativo de ser mãe, parece haver um investimento em outras aéreas que possam trazer realização longe da maternidade, principalmente quando hoje a maternidade é uma questão de escolha e não mais de destino.

Na figura 18, que representa uma nuvem de palavras com as 30 palavras mais citadas pelas participantes na categoria Representação de maternidade, onde as que estão em maior destaque representam maior frequência, podemos ver que “responsabilidade”, “abdicar” e “cuidar” foram as palavras mais citadas, assim como “difícil”, “dedicação”, “trabalho”, foram também palavras muito frequentes.

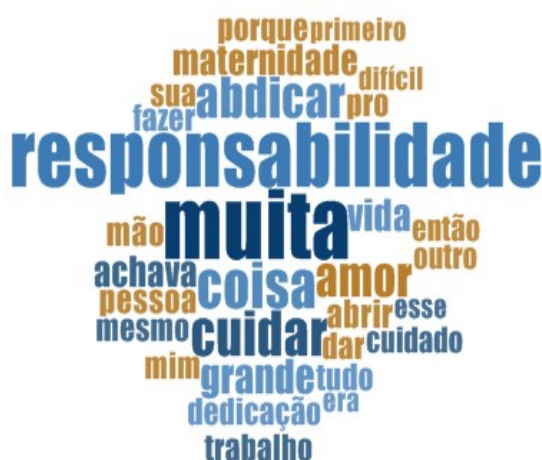


Figura 18: Nuvem de palavras da categoria Representação da maternidade

No que concerne às experiências das participantes relacionadas com a maternidade, seja pela própria vivência com a mãe, cuidando irmã, ou sobrinhos, percebemos que algumas trazem histórias que estão ligadas às dificuldades e sacrifícios. É válido lembrar que não é a situação em si que tem ligação direta com a percepção de maternidade, mas provavelmente a maneira pela qual essa experiência é interpretada e internalizada, que pode influenciar na formação da representação de maternidade. Alguns trechos mostram a vivência de algumas participantes:

“Como eu era a mais velha de muitos irmãos, eu gostava dos meus irmãos, mas eu tinha que cuidar dos meus irmãos e eu via o trabalho que minha mãe tinha de criar os filhos”
(Entrevista 11)

“Eu não sei é porque lá em casa foi muita gente ne, e eu, era um trabalho danado e tudo”
(Entrevista 14)

“Tive um tempo presente com minha sobrinha e dá um trabalho louco, mas dá um trabalho louco, eu não via a hora de quando os pais chegavam também e levavam pra casa”
(Entrevista 15)

“Numa casa de muito irmão e muita irmã, você vai vendo a irmã mais velha tendo filho, passando umas dificuldades, vê que não é fácil” (Entrevista 2)

“Então assim, o que eu vivi, o que minha mãe viveu me criando sem pai, foi muito sofrimento, foi muito trabalho” (Entrevista 7)

“É justamente pelo fato de ter vivenciado os primeiros anos da vida da minha sobrinha, ao lado dela, convivendo no dia-a-dia, que eu vi o que é criar um filho” (Entrevista 9)

Entretanto, fugir dessa “normalidade” não é fácil, não sendo como as demais, a mulher não estabelece sua pertinência no que é considerado o mundo feminino, não ocupando assim, o lugar reservado a ela no âmbito social (Mansur, 2003). A mulher que escolhe não ter filho é alvo de muitas críticas ou até mesmo de pena por não ter conseguido desenvolver o papel mais alto da identidade feminina, são vistas muitas vezes com desconforto e condescendência e os estereótipos são dos mais diversos: egoístas, incompletas, carreiristas, materialistas, etc (Badinter, 2010). As entrevistadas 3 e 10 trouxeram em suas falas essa concepção social das mulheres que não são mães:

“As pessoas tem pena, pensam que a gente sofre porque ‘coitadinha não tem filho’, eu digo ‘não tenha pena de mim não porque eu não tenho o menor sofrimento com relação a isso” (Entrevista 3)

“As pessoas olham pra mim com pena ne, aquela coisa assim de dizer ‘tadinha, você não foi mãe’ ai eu olho, na entendo nada falo ‘ah, deixa pra lá” (Entrevista 10)

Além disso a não-mãe é constantemente intimada a justificar-se de sua escolha, como se afirmar a não maternidade fosse trazer prejuízos irreparáveis à sociedade, como se ter filhos fosse uma questão de dever para com a sociedade e não uma questão de escolha. De fato esta escolha vai de encontro com o papel social mais importante da mulher e um dos pilares mais firmes da identidade feminina: o de ser mãe, mas a maternidade deveria ser deixada para as que a desejam, assim, quem sabe, evitaríamos muitos filhos abandonados, mal cuidados e mal amados.

No entanto, o discurso social não caminha do mesmo lado, criticamos aquelas que tem a coragem de ir de encontro com a maior função social destinada a mulher ou ate as que assumem não querer a responsabilidade dos cuidados maternos, mas não questionamos quando a mais irresponsável das mulheres decide realizar-se na maternidade. Não nos interrogamos sobre a legitimidade de se desejar ter um filho, mas os estragos que uma mãe irresponsável ou sem vontade de ser mãe pode trazer são inquestionáveis. Afinal, parece que a identidade da mulher foi substituída pela de ser mãe.

Apesar de não desejarem a maternidade, muitas mulheres inclusive se questionam ao longo da vida se deveriam ou não ter filhos, como se não querer exercer a maternidade fosse algo “anormal” ou estranho. As entrevistadas 15 e 16 afirmam terem apresentado esse desejo diante da cobrança social para que fossem mães, apresentando dificuldade de entender o que era o desejo real e o que era reflexo de um desejo social:

“O desejo veio quando eu me casei, com a cobrança, meu marido é militar, o meio militar é um meio materno, as mulheres tem filhos, como é um circulo meio fechado, as mulheres casam novas ne, cedo, eles casa muito cedo, um ou outro que demora pra casar, então casou, começa a própria cobrança, tanto da família quanto do próprio meio, filho, filho filho... ai a vontade veio com isso..” (Entrevista 15)

“Mas a cobrança da sociedade em si fazia eu me questionar e ter duvida porque eu pensava ‘poxa, e ai? Todo mundo fala que tem que ter filho (...) a sociedade cobra bastante isso e faz ate você ficar na duvida, porque ai você fica “meu Deus, será que eu estou certa mesmo?”

Será que eu estou fazendo alguma coisa errada? Será que vou me arrepender?’ então você sempre fica naquela duvida (...) então existe isso muito também com certeza, e a minha duvida, o meu pensamento era em função de cobranças mesmo, de família, de questionamentos” (Entrevista 16)

Apesar da forma que a sociedade enxerga a mulher sem filhos, estas parecem não sentirem essa incompletude que tantos falam, 81,25% das participantes relatam viver a experiência da maternidade de uma maneira não conflitiva, sentimentos como tranquilidade e liberdade foram os mais frequentes no seus discursos (75% e 50% respectivamente). É válido ressaltar que as únicas três participantes que relataram ter um sentimento conflitivo diante da não-maternidade são exatamente as três mulheres que tinham desejo de serem mães, revelando que a experiência de não ser mãe pode ser vivida de maneira não conflitiva, principalmente entre aquelas que não apresentavam o desejo e a realização pessoal através da maternidade.



Figura 19: Nuvem de palavras da subcategoria Sentimento associado a não-maternidade

Na figura 19, que representa uma nuvem de palavras com as 30 palavras mais citadas pelas participantes na categoria Sentimento associado a não-maternidade, onde as que estão em maior destaque representam maior frequência, podemos observar que as palavras mais frequentes foram “liberdade” e “tranquilo”, seguidas de palavras como “consciente”, “libertador” e “decisão” que denotam uma experiência não conflitiva diante da não-maternidade.

No que diz respeito aos resultados obtidos na categoria Condições gerais para maternidade, percebemos que as condições trazidas pelas participantes como essenciais para o projeto de maternidade, de alguma forma se relacionam com as encontradas na categoria Razões para não-maternidade, pois perpassam por alguns motivos indicados pelas participantes para a escolha de não ter filhos, como considerações acerca da situação financeira e a falta de parceiro (87,5% e 68,75% respectivamente).

Na figura 20, que representa uma nuvem de palavras com as 30 palavras mais citadas pelas participantes na categoria Condições gerais para maternidade, onde as que estão em maior destaque representam maior frequência, podemos observar que as palavras mais frequentes foram “financeira”, “pai”, “parceiro”, “preciso”, “família”, demonstrando que existe uma grande relevância da condição financeira e conjugal para o projeto maternidade.



Figura 20: Nuvem de palavras da subcategoria Condições gerais para maternidade.

A não-maternidade é um fenômeno complexo e multifacetado, e vemos que atualmente está cada vez mais presente nas sociedades ocidentais. Novas formas de realizações pessoais foram proporcionadas às mulheres e hoje, diante de tantas possibilidades, muitas estão se realizando longe da maternidade. Diferente da forma como a sociedade enxerga as mulheres não mães, vemos neste estudo que existe uma gama de mulheres que escolheram não ter filhos e que não se sentem tristes ou incompletas por isso, pelo contrario, a grande maioria das nossas participantes apresentam sentimentos positivos diante desta escolha, apreciando a liberdade e tranquilidade de uma vida sem filhos.

Sabemos que os prazeres da maternidade são imensos, um filho pode ser uma fonte insaciável de prazer para muitas mulheres, mas pode apresentar-se como um peso e sobrecarga para outras, parece que algumas mulheres estão se dando conta que os benefícios da não-maternidade são também, de certa forma, tentadores. Ainda que os governos invistam em diversas políticas natalistas que beneficiem a mãe financeiramente e que deem suporte para uma maior conciliação com o trabalho, parece que o problema da não-maternidade vai mais além, perpassando também pelo entendimento do que é ser mãe para cada mulher e da expectativa social em torno do que é considerado uma boa mãe.

Próximas pesquisas podiam incluir participantes homens, no intuito de perceber como encaram a paternidade, as funções paternas e as razões pelas quais não querem ser pais. Além disso, poderia ser interessante também analisar como as mulheres que tem filhos encaram suas funções maternas e como se sentem exercendo esse papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente a maternidade foi construída como o maior ideal feminino, considerada um sentimento inato a toda mulher, frequentemente ouvimos termos como “instinto” e “impulso” associados ao ser mãe. Para algumas mulheres representa uma das maiores realizações pessoais, no entanto, para outras está associada a sacrifícios, responsabilidades e perda de liberdade, e está longe de ser prioridade. Neste estudo fomos buscar o que pensam as mulheres que tinham todas as possibilidades biológicas de exercer a maternidade em suas mãos e escolheram percorrer outros caminhos. Os motivos são dos mais diversos e complexos, mas concluímos que, de certa forma, eles são regados também pelas representações que envolvem o ser mãe e as funções maternas para cada mulher.

Este é um momento de nos interrogarmos sobre a legitimidade do desejo de ter filhos, afinal, porque temos a tendência de analisar a escolha da maternidade em termos de normalidade e desvio? A maternidade deve ser considerada apenas um aspecto da identidade feminina e não condição básica para aquisição de um sentimento de plenitude. Valorizamos tanto as mulheres que escolhem ser mães, mas infelizmente, muitas crianças nascem no intuito de salvar um casamento ou de ser um sistema compensatório para suas mães.

Em contrapartida, que estranhas são essas mulheres que fogem à norma, sempre intimadas a explicar suas razões, enquanto que não faz sentido perguntar os motivos que levaram uma mulher a querer a maternidade ainda que ela seja a mais irresponsável das mulheres. A sociedade parece julgar mais aquelas que medem suas responsabilidades do que aquelas que as ignoram, principalmente quando estas decidem realizar o papel mais importante da identidade feminina: ser mãe.

Devemos questionar as obrigações que impomos às nossas mulheres para que exerçam de forma satisfatória o seu papel na sociedade. Além de mãe, a elas ficou a responsabilidade de criação e cuidado dos filhos, enquanto os pais ainda não conseguiram chegar nem a uma igualdade das tarefas domésticas. Parece não haver limites para o que uma boa mãe pode e deve fazer em prol dos seus filhos, mesmo que essa dedicação venha em detrimento de seus sonhos e realizações pessoais.

Diante de tanto peso, as representações do que é ser mãe são das mais negativas possíveis. Todos sabemos que a maternidade envolve múltiplas faces, uma criança demanda de cuidado e de atenção por longos anos, no entanto, também existe um lado positivo, o lado que envolve os seus benefícios e prazeres, mas o que parece ocorrer é o foco nos sacrifícios e

nos aspectos negativos do ser mãe, e quando a maternidade passa a ser uma questão de escolha e não mais de destino, começam a surgir muitas que escolhem não exercer esse papel.

Muitas mudanças aconteceram no papel da mulher na sociedade e muitos direitos foram conquistados, mas enquanto virmos a maternidade com tanto peso, com a visão de tudo ou nada, continuaremos cada vez mais tendo mulheres em conflito com seus desejos de ser mãe e os seus desejos pessoais, pensando mais na balança a realização em outros âmbitos de suas vidas, do que o custo de envolver tantos sacrifícios e abdições para criação de um filho.

Aquelas que não se veem e não se encaixam nesse modelo provavelmente tenderão a dar as costas para a maternidade. Precisamos ver a maternidade com menos peso e reconhecer os múltiplos papeis femininos, onde ser mãe não implique na condição de não ser antes de tudo mulher, dessa forma, haverá uma conciliação maior entre a mulher e a mãe, e quem sabe, teremos mais mulheres dispostas a tentar a experiência da maternidade ou ate mesmo de renová-la.

REFERÊNCIAS

- Abranches, M.R.J. (1990). Maternidade: sim ou não? Por que? Dissertação de mestrado, centro de pós-graduação de psicologia, Instituto superior de estudos e pesquisas, FGV, Rio de Janeiro.
- Ariés, P. (1981). Historia social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC.
- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (2010). O conflito: a mulher e a mãe. Lisboa: Relógio d'água.
- Barbosa, P.Z., & Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 163-185. doi:10.1590/S0103-56652007000100012.
- Bardin, L. (2014). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições setenta.
- Bartellet, J. (1995). Will you be a mother?: Woman who choose to say no. London: Virago.
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In Leal, I., *Psicologia da gravidez e da maternidade*. (p. 317-343). Lisboa: Fim de Século.
- Beavoir. S. (1967). O segundo sexo. A experiência vivida. (Vol. 2). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Características da investigação qualitativa. In Bogdan, R. & Biklen, S., *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (p. 47-51) Porto: Porto Editora.
- Boldarine, R.F. (2010). Representações, narrativas e práticas de leitura: um estudo com professores de uma escola pública. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista, UNESP.
- Breakwell, G.M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, A. (2010). Métodos de pesquisa em Psicologia. Porto Alegre: Artmed.
- Canavarro, M.C. (1999). Relações afectivas e saúde mental. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. C. (2001). Psicologia da gravidez e maternidade. Coimbra: Quarteto Editora.
- Coutinho, C.P. (2011). Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e pratica. Coimbra: Almedina.
- Colling, A. (2004). A construção histórica do feminino e masculino. In Strey, M.N., Cabdeda, S.L., & Prehn, D.R., *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (p. 13-37) Porto Alegre: Edipucrs.

- Graham, M., Hill, E., Shelley, J., & Taket, A. (2013). Why are childless women childless? Findings from an exploratory study in Victoria, Australia. *Journal of Social Inclusion*, 4(1), 70-89.
- Donati, P. (2000). Ne pas avoir d'enfant, construction sociale des choix et des contraintes à travers les trajectoires d'hommes et de femmes. *Dossier d'études*, 11, Allocations familiales.
- Gerson, K. (1985). *Hard Choices: How women decide about work, career and motherhood*. Berkeley: University of California Press.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gillespie, R. (2003). Childfree and feminine: understanding the gender identity of voluntary childless woman. *Gender and society*, 17(1):122-136. doi: 10.1177/0891243202238982.
- Houseknecht, S.K. (1982). Voluntary childlessness: Toward a theoretical integration. *Journal of Family Issues*, 3, 459-71.
- Houseknecht, S.K., (1987). Voluntary childlessness. In *Handbook of Marriage and the Family*. Marvin B., Steinmetz, S.K. (Eds.) New York: Plenum Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2009). Censo demográfico. Acesso em 18 de fevereiro de 2015, em www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf
- Jodelet, D. (1989). *Folie et représentations sociales*. Paris: PUF.
- Kitzinger, S. (1978). *Mães: Um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Presença.
- Leal, I., (2005). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Leal, I. (1990). Nota de abertura. *Análise Psicológica*, VIII (4), 365-366.
- Leal, I. (1995-b). O feminino e o masculino: Ensaio sobre a violência e ordem social. *Análise psicológica*, XIII (1/2), 3-4.
- Moraes, R. (1999) Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37):7-32.
- Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 24(1): 44 – 55. doi: 10.1590/S1414-98932004000100006
- Mansur, L.H.B. (2003) Experiência de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia, ciência e profissão*, 23 (4), 2-11. doi: 10.1590/S1414-98932003000400002
- May, E.T. (1995). *Barren in the promised land: Childless americans and the pursuit of happiness*. New York: Basic Books.
- Meyer, D.E. (2003). Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. *Movimento*, 9(3) 33-58.

- McAllister, F., & Clarke, L., (1998). A study of childlessness in Britain. Family Policy Studies Centre, Joseph Rowntree Foundation.
- Minayo, M.C.S. (2008). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes.
- Morrisette, H., & Spain, A. (1991). Voluntary childlessness: A critical review of the literature. *Canadian Journal of Counseling*, 25(4), 422-432.
- Moscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: Investigação em psicologia social*. Petrópolis, Vozes.
- Oliveira, D.C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de enfermagem*, Rio de Janeiro, 16(4):569-76
- Patias, N.D., & Buaes, C.S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações da maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia e Sociedade*, 24(2):300-306. doi: 10.1590/S0102-71822012000200007
- Park, K. (2005) Choosing childlessness: Weber’s typology of action and motives of the voluntary childless. *Sociological Inquiry*, 4(1), 34-47.
- Rios, M.G., & Gomes, I.C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de Psicologia*, 26(2):215-225. doi: 10.1590/S0103-166X2009000200009.
- Rocha-Coutinho, M.L.R. (1994). *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Scavone, L. (1985). As múltiplas faces da maternidade. *Cadernos de Pesquisa*, 54,37-49.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface – Comunicação, saúde, educação*, 5(8):47-60. doi: 10.1590/S1414-32832001000100004.
- Shapiro, G. (2014). Voluntary childlessness: A critical review of the literature. *Studies in the Maternal*, 6(1), 1-15.
- Silva, C.R., Gobbi, B.C., & Simão, A.A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações rurais e agroindustriais*, Lavras, 7(1),70-81.
- Silva, A.H., & Fossá, M.I.T. (2013). Análise de conteúdo: exemplos de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *IV encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade*.

- Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos: Segurança, protecção e desenvolvimento da regulação emocional no contexto da relação mãe-bebé. In Canavarro, C. (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 75-104). Coimbra: Quarteto.
- Souza, D.B.L. & Ferreira, M.C. (2005). Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. *Psicologia em estudo*, 10(1), 19-25. doi: 10.1590/S1413-73722005000100004.
- Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Tobin, P.Z. (1999). *Motherhood optional: A psychological journey*. London: Jason Aronson.
- Trindade, Z.A., & Enumo, S.R.F. (2002). Triste e Incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia USP*, 13(2), 151-182. doi: 10.1590/S0103-65642002000200010.
- United Nations – Department of economic and social affairs. Acesso em 25 de fevereiro de 2015 em <http://esa.un.org/wpp/Excel-Data/fertility.htm>
- Vala, J., & Monteiro, M.B. (1993). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbeklian.
- Wagner, M. (2000). Childless by choice? Ambivalence and the female identity. *Feminism & Psychology*, 10, 389-395.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: um introdução teórica e conceitual. In Silva, T.T., Hall, S., & Woodward, K., *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (p. 7-72), Petrópolis, Vozes.

ANEXOS

Anexo 1: Categoria Representação de maternidade

Subcategoria: Atenção

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Altruísmo	“É entrega, sem esperar recompensa, sem esperar nada em troca” (E. 11)
	“Ser mãe é viver a plenitude do amor sem nada em troca, porque eu acho que esse é o verdadeiro amor, quando você se entrega e não espera” (E. 11)
	“Eu acho que maternidade é uma coisa de muito amor, tem que ter muito amor” (E. 11)
	“É um amor mais desinteressado, sem esperar nada em troca” (E. 5)
Amor	“Eu acho que maternidade é uma coisa de muito amor, tem que ter muito amor” (E. 11)
	“Eu acho que mãe é manifestar essa consciência do amor, ser mãe é ter um amor incondicional, um amor muito grande” (E. 11)
	“Eu acho que ser mãe, ser pai, é despertar essa consciência amorosa” (E. 11)
	“Mãe é amor” (E.15)
	“Aquela que dá amor” (E. 16)
	“Eu acho que deve ser um amor muito grande, é um amor incondicional” (E. 8)
	“Então tem que ser um amor incondicional sabe, muito grande pra fazer tudo isso” (E. 8)
Cuidado	“Ser mãe é cuidar, é cuidar do outro profundamente” (E. 11)
	“Ser mãe é poder cuidar de alguém, mãe é aquela que cuida” (E. 12)
	“Então pra mim ser mãe é cuidar, qualquer pessoa que cuida de alguém esta exercendo maternidade” (E. 12)
	“Ser mãe é cuidar” (E. 14)
	“Mãe é aquela que cuida” (E. 16)
	“É você cuidar” (E. 16)
	“Ser mãe é cuidar” (E. 2)
	“Ser mãe é cumprir um papel de cuidar de alguém” (E. 3)
	“A maternidade está muito ligada a isso, ao cuidado do outro” (E. 4)
	“Ser mãe é um cuidar amoroso” (E. 5)
	“Acho que ser mãe é cuidado” (E. 7)
	“Eu acho que é cuidado, é cuidar” (E. 7)
	“Eu acho que o ser mãe é ser isso, é ter sempre esse cuidado com o outro sabe?” (E. 7)
“É o cuidado, é o zelo” (E. 9)	
Dedicação	“É muita dedicação (E. 1)
	“Eu achava que era uma coisa que pra você ser mãe era uma coisa de muita dedicação” (E. 11)
	“É você saber que não tem hora pra acordar, nem pra dormir, você não pode acordar qualquer hora, é.. é.. dedicação” (E. 11)

	“É muita dedicação” (E. 15)
	“Você tem que se dedicar mesmo” (E. 16)
	“Então eu acho que o filho tem isso, você tem que ter dedicação total mesmo” (E. 16)
	“Tem que ter muita dedicação” (E. 5)
	“Ser mãe é se dedicar a uma só pessoa” (E. 8)
Doação	“Acho que é doação, se for resumir tudo numa palavra acho que seria doação” (E. 13)
	Mãe é doação (E. 15)

Subcategoria: Encargo

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Educar	“Ser mãe é educar, é fazer com que a criatura seja uma criatura melhor né e tudo mais” (E. 10)
	“Maternidade é saber dar o contorno, saber dar o limite” (E. 13)
	“Que da educação” (E. 16)
	“Passar ensinamento, você vai ser a base referencial daquela pessoa” (E. 16)
	“Ser mãe é dar educação também, dar limite” (E. 16)
	“Ser mãe é orientar, dar direção a vida de um ser pra que ele seja um ser humano melhor” (E. 3)
	“Então acho que esta muito relacionado ao educar” (E. 3)
	“Ser mãe é dar uma orientação” (E. 7)
	“É orientar, é orientar mesmo né, no todo, de ajudar o filho, de abrir os olhos né” (E. 7)
Não poder errar	“Ser mãe é estar num lugar onde eu não posso errar” (E. 13)
	“Mas o meu filho eu acho que é uma responsabilidade que eu não poderia errar” (E. 13)
	“Eu acho que maternidade pra mim é uma coisa de não poder errar” (E. 13)
Responsabilidade	“É uma responsabilidade muito grande” (E. 1)
	“Eu acho que responsabilidade seria a principal” (E. 10)
	“Eu achava muita, muita responsabilidade” (E. 11)
	“Eu acho que ser mãe é a maior responsabilidade que um ser humano pode ter na vida” (E. 13)
	“Ser mãe é muita responsabilidade, muita, muita responsabilidade, talvez a maior responsabilidade” (E. 13)
	“Ser mãe é muita responsabilidade, responsabilidade principalmente” (E. 14)
	“Muita responsabilidade mesmo pro resto da vida” (E. 15)
	“É muita responsabilidade” (E. 15)
“Eu acho que ter filho é muita responsabilidade” (E. 16)	

	“Ter filho é uma muita responsabilidade” (E. 16)
	“Ser mãe é uma grande responsabilidade” (E. 2)
	“Ser mãe é uma responsabilidade tão grande que nos mulheres ainda não temos a consciência disso” (E. 2)
	“Você botar uma criança no mundo é uma responsabilidade muito grande né” (E. 4)
	“Eu acho que é um papel que você deve assumir com muita responsabilidade, porque é uma pessoa totalmente dependente de você” (E. 4)
	“Eu acho assim uma responsabilidade, eu acho muita responsabilidade você botar uma criança no mundo sabe” (E. 4)
	“Ser mãe envolve grande responsabilidade né” (E. 5)
	“Ser mãe é muita responsabilidade” (E. 6)
	“Eu também achava que era uma responsabilidade muito grande ter filho (E. 8)
	“Eu acho que ter um filho é muita responsabilidade” (E. 8)
	“É muita responsabilidade, entendeu, é muita responsabilidade” (E. 9)

Subcategoria: Renúncia

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Abdicação	“Ser mãe é abdicar de muita coisa também” (E. 10)
	“Maternidade é renúncia, abdicação de muitas coisas” (E. 11)
	“É abdicar de muita coisa, deixar de fazer as coisas pra você pra fazer para o filho” (E. 14)
	“É abdicar de muita coisa” (E. 15)
	“Mãe é abdicação” (E. 15)
	“Eu acho que você abre mão de muita coisa” (E. 16)
	“Você vai abrir mão de você sair, abrir mão de viajar” (E. 16)
	“Ser mãe é abdicar de muita coisa” (E. 2)
	“É um desprendimento né, porque tem que abdicar de muita coisa” (E. 5)
	“Ser mãe é abdicar de muitas coisas da vida né, por um filho” (E. 6)
	“Acho que uma mãe, é como se fosse assim, abrir mão de sua vida por um filho, é como sempre minha mãe falava ‘uma mãe de verdade se anula pelo filho, abdica tudo por um filho’” (E. 7)
	“É você ter esse olhar pro outro, principalmente né, de abdicar mesmo de sua vida (E. 7)
	“Ter filho é você ter que abrir mão de tudo, de varias coisas” (E. 8)
	“É tudo, é você abrir mão da sua própria vida em função de uma pessoa, entendeu” (E. 9)
“Eu acho que é abrir mão de muita coisa que você levou anos pra conquistar, então é complicado” (E. 9)	

Priorizar o filho	“Você esquece de como você está para o bem do outro” (E. 11)
	“É você deixar de fazer as coisas pra você pra fazer pro filho, primeiro é pro filho, sempre o filho em primeiro lugar” (E. 14)
	“Pra mim você ter um filho você primeiro perde a sua individualidade, no sentindo tipo assim, a sua prioridade agora não é você” (E. 16)
	“Você perde um pouco a sua vida, a prioridade passa a ser o filho” (E. 16)
	“Na hora que você é mãe ou pai, você se coloca em segundo lugar né” (E. 5)
	“Da gente não ser muito egoísta, porque eu digo que se é mãe, se é mãe de fato, você não pode ser egoísta, individualista, você tem que sempre pensar no filho primeiro” (E. 7)

Subcategoria: Sacrifício

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Difícil	“É muito difícil” (E. 1)
	“Muito difícil” (E. 11)
	“Ser mãe é difícil” (E. 15)
	“É difícil né” (E. 16)
	“Ser mãe não é fácil” (E. 2)
Peso	“É uma coisa que pesa mesmo, pra mim é um peso” (E. 16)
	“Você ter filho com esse peso, dessa forma não é legal” (E. 2)
	“Eu acho que seria um peso pra mim ter filho, muito grande, criar um filho, botar no mundo, seria um peso pra mim” (E. 8)
Prisão	“Eu acho que a maternidade é algo que prende muito a pessoa” (E. 13)
	“A maternidade ela é algo que prende” (E. 13)
Trabalhoso	“ O trabalho que dá é muito grande” (E. 1)
	“Achava muito trabalhoso ter filho” (E. 11)
	“Eu achava aquilo um trabalho danado” (E. 14)
	“Eu achava muito trabalho” (E. 15)
	“É muito trabalho” (E. 15)
	“É muito trabalhoso” (E. 16)
	“Eu achava que ser mãe era tão trabalhoso” (E. 7)
	“Mas eu acho que criança dá muito trabalho” (E. 8)
	“Porque é muito trabalhoso ter filho, é trabalho pro resto da vida, porque é desde quando você pari até a pessoa ficar independente” (E. 8)
“É muito trabalho envolvido” (E. 9)	

Anexo 2: Categoria Razões para não-maternidade

Subcategoria: Condição financeira

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Não querer abrir mão da condição financeira	“Eu particularmente se tivesse um filho, eu não ia estar fazendo as coisas que eu faço hoje, até porque financeiramente ia pesar muito, então financeiramente eu ia ter que abrir mão de algumas coisas, é uma coisa que você põe balança e eu vi que não é isso que eu quero” (E. 16)
	Eu não quero abdicar de tanta coisa que construí com muito esforço (E. 9)
Não ter condições financeiras	“Essa estrutura financeira que eu julgava necessária eu só conquistei muito tarde” (E. 12)
	“Porque enquanto eu não tive essa condição financeira da minha parte, que pra mim era essencial para a maternidade, fui postergando, porque só queria um filho com uma vida estável” (E. 12)
	“Eu evitava porque na época eu também sempre fui muito preocupada com o financeiro né, e assim, na época eu ganhava ruim, no início de tudo ele também não ganhava essas coisas, eu achava que um filho ia tumultuar mais ainda” (E. 15)
	“Diante de múltiplos fatores como fatores econômicos” (E. 2)
	“Eu nasci de uma geração que mal a condição econômica dava pra você subsistir, eu vou colocar filho no mundo? Mas não vou mesmo! Eu não dou conta nem de mim” (E. 2)
	“A gente sem condições de ganhar bem, eu falei 'eu que não vou por filho no mundo, jamais'” (E. 2)
	“O que me influenciou foi a consciência, ter noção da situação econômica do país, quando a gente começa a ter contato com a informação, ela vai forçando a gente a começar a tomar decisões na vida, eu acho que isso foi uma das coisas que, porque o salário sempre foi pouco né? O custo de vida do nosso país é alto” (E. 2)

Subcategoria: Desinteresse

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Desinteresse pela maternidade	“A minha vontade de ser mãe não era forte o suficiente para ter uma produção independente” (E. 1)
	“Eu não tinha essa vontade de ser mãe” (E. 1)

	“Quando eu era adolescente, assim novinha, nunca senti vontade” (E. 10)
	“Eu nunca tive esse desejo de ser mãe, desde adolescente, de jovem assim, nunca tive não” (E. 10)
	“Eu nunca senti vontade, nem adolescente, eu nunca me visualizei sendo mãe, nunca” (E. 11)
	“Eu não tinha esse desejo de ser mãe” (E. 11)
	“Eu nunca tive vontade de ser mãe” (E. 13)
	“Eu mesma, opção minha, eu nunca quis, nunca me vi nessa situação né, nunca quis ser mãe” (E. 14)
	“Eu dizia ‘não, não quero nem um’” (E. 14)
	“Adoro criança, só não queria pra mim” (E. 14)
	“Eu nunca quis isso pra mim, entendeu, só não queria pra mim” (E. 14)
	“Eu nunca tive esse sonho de ser mãe, de ter filhos” (E. 15)
	“Mas não era um sonho, se tivesse sido um sonho eu teria tido” (E. 15)
	“Nunca foi meu sonho de vida” (E. 15)
	“Mas eu nunca tive um sonho, nunca foi assim o sonho da minha vida ser mãe” (E. 16)
	“Nunca foi uma coisa tão forte em mim esse desejo” (E. 16)
	“Adorava criança, adoro criança, brinco, eu só não queria aquilo pra mim” (E. 16)
	“Eu nunca tive essa coisa de querer ter filho, então eu acho que você vai colocando em segundo plano” (E. 16)
	“Mas como eu também não tinha a maternidade como um sonho, optei por não ter” (E. 2)
	“E eu também não tinha essa necessidade de ser mãe, de realizar a minha maternidade” (E. 3)
	“Eu nunca tive assim muito não, eu diria que não era um sonho mesmo” (E. 4)
	“Eu também não tinha um sonho de ser mãe” (E. 4)
	“O desejo de maternidade não era tão forte assim, não era algo que eu sonhava quando era adolescente não” (E. 4)
	“Como eu não tinha esse desejo tão forte, não era um sonho, acabou não acontecendo” (E. 6)
	“Eu acho que realmente o motivo principal foi a falta de vontade, não era tão grande entendeu, não era uma coisa imprescindível na minha vida” (E. 6)
	“Eu nunca senti essa vontade não” (E. 8)
	“Nunca senti essa coisa da criança mesmo, de eu convivendo com criança, não, não” (E. 8)
	“Nunca tive vontade de ter filho não, nunca, eu nunca tive muito encanto, sabe assim pela maternidade, nunca” (E. 8)
	“Mas eu não tenho vontade de ter filho não, tenho não” (E. 8)
	“Eu não tenho vontade né, nunca tive muito sonho” (E. 8)
	“Eu nunca senti vontade de ser mãe, desde pequena, adolescente também, esse desejo nunca veio” (E. 9)
Não querer exercer funções maternas	“Eu gosto muito de ler, gosto muito de ouvir musica, tenho uma vida cultural, intelectual assim, sabe, gosto de ir ao teatro, a gente tem uma vida social também, tenho muitos amigos, não sei, ai eu acho aquela coisa, toda vez que passa isso na cabeça, é, passa toda essa historia na

	cabeça de ter que abdicar dessa vidinha equilibrada, tranquila que eu levo né, eu não quero, não sinto vontade” (E. 10)
Não querer exercer funções maternas	“É muito complicada a questão de ser mãe, eu sou a filha mais velha de seis filhos, ai foi muito trabalho muita coisa.. eu dizia 'meu Deus do céu eu não quero!’” (E. 11)
	“É tanta responsabilidade a maternidade que me assusta, que não quero isso pra mim, então isso me prendeu a não ser mãe” (E. 13)
	“Um dos motivos de não ter sido mãe foi o medo de perder minha liberdade, eu não queria perder minha liberdade” (E. 13)
	“Eu sou uma pessoa que sou muito egoísta nas coisas que eu gosto, assim, eu gosto muito de viajar, eu gosto muito de dormir depois do almoço, eu gosto da minha tranquilidade, eu não queria abrir mão de nada disso por um filho” (E. 14)
	“Eu pedia muito ‘me deixe sem menino porque eu não quero, não tenho esse dom, não quero atrapalhar minha vida porque minha vida é muito boa’” (E. 14)
	“Um filho tira totalmente essa liberdade, pra mim tiraria totalmente e eu não queria perder essa liberdade” (E. 14)
	“Eu não quero essa obrigação pra mim” (E. 14)
	“Eu só não quero essa responsabilidade pra mim, eu não quero é cuidar” (E. 14)
	“E eu não sou assim, não quero, pra mim tem que ser eu em primeiro lugar” (E. 14)
	“Mas que não dependa diretamente de mim, isso é o que eu não queria, não queria de jeito nenhum” (E. 14)
	“Um filho é uma mudança radical de vida e eu adoro a minha vida do jeito que está, a minha liberdade, tudo, eu olhava aquilo e não queria abdicar do meu conforto” (E. 15)
	“Eu sempre achei a vida com filho muito complicada, pra mim entendeu, eu olhava aquilo ali e eu não queria aquilo pra mim” (E. 15)
	“Eu acho que não querer abrir mão de tudo isso contribuiu pro fato de eu não ter ainda ido atrás” (E. 15)
	“Mas eu achava muito trabalho, ai eu preferi ficar assim do jeito que está, me acomodei a minha vida tranquila, não quis mudar isso” (E. 15)
	“Se eu tivesse um filho agora isso dai ia acabar, então são prioridades que você vai botando na balança e eu não quis abrir mão” (E. 16)
	“Eu tenho uma vida muito, o meu perfil é assim de sair muito, de viajar, não é uma coisa assim monótona, eu teria que mudar totalmente o meu estilo e isso eu não queria” (E. 16)
	“Eu fiz as coisas que eu queria fazer, eu queria curtir, eu queria viajar, eu queria pular carnavais, eu sempre fui muito de animada de sair, de ter isso e aquilo, então minha vida, eu era feliz dessa forma, então eu não queria de jeito nenhum eu engravidar pra ter que viver essa vida de ficar em casa cuidando de filho” (E. 16)
“Pra mim eu ia ter que mudar minha vida totalmente e eu não quero mudar minha vida” (E. 16)	
“Eu gosto de sair, eu gosto de viajar, eu e meu marido, então a gente está aqui e fala assim ‘amanhã vamos pra São Paulo, vamos’, eu estou falando da liberdade, eu não quis perder isso” (E. 16)	
“É o meu estilo de vida, eu gosto disso, eu gosto de trabalhar, chegar em	

	<p>casa, nas minhas férias estar viajando, não ter horário pra nada e eu sei que com filho não da pra ter isso” (E. 16)</p>
<p>Não querer exercer funções maternas</p>	<p>“Ai você vai reavaliando, será que é isso que eu quero pra minha vida? Eu percebi que não” (E. 2)</p>
	<p>“Ao ver a batalha de minha irmã, vi que assim, nossa, que coisa, não queria isso pra mim” (E. 2)</p>
	<p>“Eu achava que tinha muito mais a fazer, eu queria fazer outras coisas que não fosse me ocupar de ser mãe e fazer as tarefas de mãe” (E. 3)</p>
	<p>“Eu gosto de criança, curto meus sobrinhos, mas pra ter um filho em casa o tempo todo ia mudar um pouco o ritmo de vida da gente, eu não queria, então a gente decidiu deixar como estava” (E. 4)</p>
	<p>“E ter um filho significava fazer tudo isso pra eles né, ter que cuidar, ter responsabilidade” (E. 4)</p>
	<p>“Por gostar de viajar me deu assim uma vontade de ter essa liberdade de ir pra onde eu quisesse, sem ter que dar satisfação a ninguém e a maternidade não permite isso” (E. 6)</p>
	<p>“Eu pensei ‘quer saber de uma? Eu não quero ter filho não, pra que que eu vou ter filho? É muito trabalho pra mim, é muita responsabilidade, eu não quero’, então eu decidi não ter filho” (E. 8)</p>
	<p>“Eu não estou disposta” (E. 8)</p>
	<p>“Eu não quero abrir mão de viagem, abrir mão de uma profissão pra ter um filho” (E. 8)</p>
	<p>“Quando eu lembro do trabalho que é ter um filho eu digo ‘eu não vou nessa não, não quero não’” (E. 8)</p>
	<p>“Não é uma coisa que eu quero ficar vivendo esse momento 24 horas por dia, 365 dias no ano, eu não quero ter a obrigação de me dedicar e a responsabilidade de criar” (E. 9)</p>
	<p>“Então, por ter passado essa experiência é que eu me digo que não é realmente isso que eu quero pra mim” (E. 9)</p>
<p>“Eu acho que eu sou muito individualista nesse ponto” (E. 9)</p>	

Subcategoria: Idade

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
<p>Não ter mais idade</p>	<p>“Aos 35 anos lógico que a gente sabe de história até de gente mais nova que teve filho com problema, mas a gente sabe que a genética, numa questão de uma idade dessa já corre um certo risco, entendeu? De você ter um filho com problema” (E. 1)</p>
	<p>“Quando me casei eu já estava com uma idade mais avançada” (E. 1)</p>
	<p>“Eu ainda pensei ‘poxa, se eu me casar com uma pessoa legal, antes dos 40, eu ainda vou pensar nisso, vou pensar nessa possibilidade’, mas ai como não apareceu nenhuma pessoa legal” (E. 10)</p>
	<p>“Eu conheço muita gente que tem altas complicações depois dos 40 anos</p>

Não ter mais idade	né, então assim, era uma coisa assim que era muito definida na minha vida, eu só vou ter filho ate no máximo 39, 40, passou dai, acabou, fechou” (E. 10)
	“Quando eu pude me sentir capaz de ter uma família, de mim né, de eu poder construir isso, foi aos 33, 34 anos e isso complicou eu conseguir engravidar” (E. 12)
	“Porque acho que passou a idade” (E. 16)
	“Eu já estava com 38 anos, vou ter filho nada, nem pensar! Ainda correndo o risco de vir com problema mental, porque isso você pensa, e era a minha área, a minha área de atuação era a saúde mental, ali você estudava todo o leque, eu falei ‘mas ai é que eu não tenho coragem mesmo, não quero’” (E. 2)
	“Imagine, há quase 40 anos atrás, hoje em dia com 34 anos pode-se ter filho numa boa, a medicina é outra coisa, não era o caso naquela época, depois dos 35 já era uma coisa menos segura se ter filho, então a gente resolveu não ter mesmo” (E. 4)

Subcategoria: Insegurança

Unidade de Analise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Achar que não tem capacidade	“Eu acho que eu não estou apta para essa responsabilidade, eu não acho que sou capaz disso, eu não me sinto segura o suficiente pra isso” (E. 13)
	“Como eu não me acho capaz de ser mãe eu não tive filhos” (E. 13)
	“Eu achar que não posso errar no exercício da maternidade é o que talvez mais me segura pra não ser mãe, quando se tratou de ser o meu, de não poder errar, eu acho que foi o que me segurou” (E. 13)
	“Eu acho que eu sou é uma irresponsável, não acho que eu tenho condições de criar uma criança” (E. 14)
	“Então eu acho que a responsabilidade, a maneira que eu ia conduzir essa coisa, talvez eu me sentisse com muita responsabilidade e isso me fizesse muito insegura de conduzir a maternidade, de não conseguir, não me sentir capaz” (E. 4)
Medo	“Eu tenho um medo da responsabilidade, de não dar conta, de machucar meu filho” (E. 13)
	“Depois que tem não tem volta, eu acho que foi isso, esse negocio de ter e não ter mais volta, filho é pra sempre, dando certo ou não, então acho que eu tive medo desse compromisso” (E. 15)
	“Eu tenho muito medo dessa responsabilidade” (E. 8)

Subcategoria: Situação Conjugal

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Desinteresse do parceiro	“Não tive incentivo, o meu marido não queria ter filhos” (E. 15)
	“Meu próprio parceiro tinha um filho e tudo e também não tinha vontade de ter” (E. 16)
	“No caso do meu marido, ele não tinha vontade de ter outro filho, então talvez isso tenha inibido mais ainda” (E. 16)
	“Meu marido ele nunca teve assim essa vontade de ser pai” (E. 3)
Falta de parceiro	“Eu não encontrei um companheiro antes, as minhas relações antes do meu marido não foram concretas e estabilizadas” (E. 1)
	“Foi por falta de um parceiro mesmo ter aparecido em outro momento da minha vida” (E. 1)
	“Não apareceu ninguém legal na minha vida depois, entendeu, se tivesse aparecido um, por exemplo, meu marido de hoje, provavelmente teria tido um filho com ele” (E. 10)
	“Acho que foi mais por falta de um pai descente, um parceiro certo na hora certa” (E. 10)
	“Só que com essa idade eu não tive o companheiro” (E. 2)
	“Eu me casei com meu atual marido, eu estava com 37 anos, quando era mais nova eu não tive parceiro mesmo pra ter um filho” (E. 2)
	“Foi mais por não ter encontrado um parceiro” (E. 5)
	“Foi mais a questão amorosa mesmo, os possíveis que apareceram, assim, alguns já tinham filhos e tal, então acabou que não aconteceu” (E. 5)
	“E realmente por não ter encontrado um parceiro que também quisesse, né” (E. 5)
	“Terminei não casando” (E. 6)
	“No meu caso eu acho que o tempo foi passando, foi passando e eu não encontrei um parceiro que tivesse me apaixonado” (E. 6)
	Os namorados que eu tive na vida, assim não foram pra frente, teve um até que queria muito ter um filho mas eu não achava que ele não tinha responsabilidade pra criar o filho entendeu” (E. 6)
	“Vai criando a expectativa de que ainda vai ter algum parceiro, depois a gente vai perdendo essa expectativa, ai não, fui perdendo a coragem, os relacionamentos não davam certo” (E. 7)
	“Eu não tive assim, um parceiro pra estar do meu lado” (E. 7)
	“Meus relacionamentos assim sempre foram muito ‘não acertei’ e acabei não encontrando o parceiro” (E. 7)
	“Não surgia nenhum relacionamento assim mais seguro mesmo, alguém que me desse essa estabilidade, essa coisa de casamento, de relacionamento, assim mais organizada como eu te falei, de contexto familiar, ai eu fui deixando, fui deixando e não aconteceu” (E. 7)
“Como eu não consegui esse companheiro, conseqüentemente não tive esse filho” (E. 7)	
	“O casamento entrou numa crise terrível e eu não quis e disse ‘agora não quero, não quero, não quero’” (E. 10)

Insatisfação com casamento	“Era essa meta assim minha, ou eu tinha um casamento legal e ai caberia um filho, ou se eu não tivesse um casamento legal, eu não tive sorte, não tive um casamento legal, então pronto, não tive filho” (E. 10)
	“Ai você fica pensando ‘ih, e agora? Ele é musico, e agora?’, artista a gente já sabe como é né, não tem uma vida estável, não é uma pessoa presente, eu falei ‘ah, mas ai é que eu não vou querer filhos mesmo” (E. 2)
Não querer maternidade sozinha	“Eu não queria uma produção independente de jeito nenhum” (E. 1)
	“Eu nunca quis ser, tipo assim, mãe solteira, produção independente, sabe, isso eu sempre fui super contra” (E. 10)
	“Eu jamais colocaria um filho no mundo sem ter um pai, não queria de jeito nenhum” (E. 10)
	“Eu não vou admitir criar e educar um filho sozinha, eu não quero” (E. 2)
	“Depois eu pensei em ter um filho independente, ai depois eu pensei ‘um filho sem pai é complicado’, aí eu cheguei a conclusão que assim eu não queria” (E. 6)
	“Eu nunca quis fazer uma produção independente e acabei não tendo” (E. 7)
	“Não quis ter filho pra ser sozinha” (E. 7)
	“É, eu não queria mesmo ser mãe solteira” (E. 7)
Prejudicar a relação	“Eu só queria mesmo ter um filho quando eu tivesse todo um conjunto, de família, marido e mulher” (E. 7)
	“Eu não queria viver a maternidade sozinha” (E. 5)
	“Como casamento da gente sempre foi muito bacana, eu e ele, ele e eu, então eu acho que os filhos foram ficando né, eu acho que a gente foi se suprimdo, filhos provavelmente iam mudar nosso casamento” (E. 15)
	“Teria que mudar totalmente o nosso estilo e eu acho que isso talvez prejudicaria a nossa relação” (E. 16)
	“Meu marido é uma pessoa que gosta de ser o centro das atenções, ai dois professores da universidade, toda saída da gente é junta, nada se faz separado, a gente faz tudo junto, então talvez um filho mudasse nossa relação” (E. 4)

Subcategoria: Vida profissional

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Difícil conciliação com trabalho	“Eu tinha uma vida, na verdade eu sempre tive uma vida muito, muito corrida, de muito serviço, não tinha tempo livre e nem tempo pra ter uma criança” (E. 11)
	“Então eu sempre tive uma vida muito dedicada a trabalhos voluntários, a fazer isso tudo e minha vida era muito sem tempo, muito ocupada sabe, muito ocupada, passei muito tempo sendo voluntaria e como eu não tinha tempo durante o dia, eu tirava plantão a noite” (E. 11)

Difícil conciliação com trabalho	“Como eu disse eu sou uma pessoa muito ocupada” (E. 11)
	“Filho iria atrapalhar, porque primeiro, eu trabalho viajando, já seria um empecilho né” (E. 14)
	“Eu evitava porque eu trabalhava e viajava muito como viajo ate hoje” (E. 15)
	“O meu estilo de vida com ele, de trabalho, eu trabalho o dia todo, ele também” (E. 16)
	“Eu sempre trabalhei o dia todo” (E. 16)
	“Coisa de trabalho mesmo, sempre me achei muito sem tempo pras coisas, sempre fui de trabalhar o dia todo fora, aquele pique todo e sempre achava que não era o momento agora, porque não tinha como conciliar” (E. 16)
	“Eu sempre me achei sem tempo” (E. 16)
	“Eu sinto que assim, eu por exemplo, trabalho o dia todo, tenho certeza que eu ia ficar dividida, tenho certeza que ia atrapalhar meu trabalho” (E. 16)
	“Eu ficava preocupada com essa coisa de mudar um pouco a minha disponibilidade no trabalho, porque de certa forma muda” (E. 16)
	“Eu sempre trabalhei o dia todo, eu sempre fiz aquela coisa de não ter restrição nenhuma de tempo, de nada” (E. 16)
	“No começo do casamento tive muitas oportunidades, porque a universidade surgindo e tivemos um envolvimento muito bem sucedido, muito grande com o trabalho. Então comentamos um com o outro ‘vamos continuar como está’, porque se naquele momento eu tivesse ficado grávida, eu sabia que não ia ficar trabalhando em tempo integral e então optamos para ficar como estava mesmo” (E. 4)
	“Com 23 anos comecei a trabalhar como secretária, eu tinha horário pra entrar na empresa, mas não tinha horário pra sair, eu muitas e muitas vezes ia sair e tinha alguma programação, a empresa me segurava, eu tinha que ficar, então aquilo pra mim era meu dia-a-dia, meu trabalho, trabalhei nessa empresa durante 12 anos, então eu era escrava do meu trabalho, então isso também foi mais um motivo pra eu também tirar esse foco daquela coisa de ser mãe” (E. 7)
	“Eu não tinha essa organização, eu não tinha férias, então eu não tinha programação, isso pra mim foi ruim nesse aspecto, eu realizei essa questão que foram importantes pra minha vida, mas em outras coisas, como a maternidade, deixou a desejar” (E. 7)
	“O meu problema maior é porque eu trabalho viajando, entrei numa empresa que eu trabalhava viajando, ate hoje eu trabalho viajando” (E. 8)
	“Eu teria que parar tudo né, porque eu não ia ter filho e continuar viajando, então assim, ai foi adiando, foi adiando” (E. 8)
	“Teve influencia por conta que eu sou muito ocupada” (E. 8)
	“Eu sou muito ocupada, eu não tenho tempo, só meu fim de semana, então teve isso também, isso juntou” (E. 8)
“Eu dizia ‘é, não sei, vou estudar, vou fazer medicina e tal e depois eu vejo” (E. 10)	
“Ai a minha historia era fazer minha carreira, eu assim estudava muito também, ai terminei medicina, depois fui fazer residência, pós-graduação, essa coisa toda” (E. 10)	

Foco na vida profissional	“O meu sonho era estudar, ter o meu emprego, me manter e meu foco foi esse” (E. 15)
	“Então eu me foquei mais na minha parte profissional pra ter melhores condições financeiras” (E. 15)
	“Pra mim profissão, trabalho, dinheiro, sucesso, contas pagas, sempre estive na frente” (E. 15)
	“Mas trabalho, eu acho que eu poderia dizer que trabalho me move muito, eu ter o meu trabalho é meu foco, sempre me moveu muito” (E. 15)
	“Eu sempre priorizei trabalhar” (E. 16)
	“Se eu não vou ficar morando com meus pais, eu não vou ficar dependendo financeiramente dos meus pais, qual o caminho? Estudar. Eu voltei a estudar, fiz uma universidade” (E. 2)
	“Sempre fui muito focada no meu trabalho e na maneira que eu ia ganhar dinheiro pra me sustentar” (E. 2)
	“Com meus 30 anos eu tinha acabado de me formar, tinha conseguido um trabalho na minha área, eu estava muito mais voltada para este mundo, descobrindo capacidade de trabalho, de envolvimento, de atuação, de trabalho, de força de trabalho” (E. 2)
	“Eu sempre achei assim que pra mim existiam outros caminhos, eu achava que eu tinha muito mais a fazer, eu tive uma dedicação muito grande, um foco assim, ao meu trabalho, a todas as coisas que eu escolhi, do tipo assim, eu estou aqui desde de manhã, direto, se eu fosse mãe nesse momento, provavelmente eu não estaria, entendeu?” (E. 3)
	“Pra mim era assim, ir pra faculdade era como pra você ir na escola primaria, não passava outra coisa na minha cabeça, eu não pensava em me casar logo não, até oportunidade teve, mas eu não estava motivada pra isso, eu queria estudar e eu gostava muito de estudar, muito mesmo, ai tive a oportunidade, entrei na faculdade e foquei na minha vida profissional” (E. 4)
“A vida vai lhe colocando outras prioridades né, e assim, foi uma escolha, ou uma coisa ou outra, então eu tive que escolher e eu acabei optando mais pela parte profissional” (E. 5)	
“Acontece é que o lado profissional se destacou mais e ai realmente a gente, sou dessa geração agora que você trabalha, trabalha, trabalha e vai pensando depois né, em ser mãe e tal, você deixa isso pra depois” (E. 5)	
“Desde cedo focalizei no meu trabalho, que é a coisa mais importante pra mim” (E. 9)	
Realização com trabalho	“Eu acho que fazer esse trabalho de serviço voluntário e tal, foi uma coisa que sempre me preencheu muito” (E. 11)
	“Minha vida sempre foi muito preenchida, porque eu sempre gostei de trabalho voluntário, mas esse trabalho de dedicar, de ficar com as pessoas, de orientar, aconselhamento, sempre foi muito assim, minha vida, então isso eu acho que preencheu muito” (E. 11)
	“Essa minha vida, meu trabalho me preenche muito, não sinto falta de uma outra pessoa não” (E. 11)
	“Mas não é que eu adiei a maternidade por conta da vida profissional, mas foi sempre um sentimento que eu tinha outras realizações que não essa, outras coisas que eu tinha um sentimento assim muito mais profundo, de alguma coisa do tipo eu tenho outras coisas pra realizar na

	vida e que me realizam mais do que a maternidade” (E. 3)
	“Meu próprio ambiente estimulava isso, quer dizer, a mulher ter uma realização pessoal, independente da maternidade, no meu caso foi uma realização muito grande com o meu trabalho” (E. 4)
	“O meu trabalho interferiu principalmente num aspecto, não pelo volume de trabalho, de ser cansativo, de estar cansada para o meu filho, não em termos da quantidade de trabalho, mas principalmente porque eu era muitíssimo realizada no meu trabalho, eu era altamente envolvida no trabalho” (E. 4)
	“Não era tanto o tempo que competia com a maternidade, era o trabalho que eu estava fazendo que estava me realizando” (E. 4)

Anexo 3: Condições gerais para maternidade

Subcategoria: Âmbito pessoal

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Desejo de ser mãe	“Tem que ter um desejo de ser mãe, de estar nesse papel” (E. 11)
	“Eu acho que tem que querer” (E. 15)
	“Eu acho que você tem que querer, se você quer você vai atrás e vai dar o seu jeito de conseguir entendeu” (E. 15)
	“Eu acho que pra você ter filho a primeira coisa é ter vontade de ter filho, você tem que querer aquilo, ter vontade de ter um filho” (E. 16)
	“Tem que ter desejo, tem que se perguntar ‘eu quero ter filho?’” (E. 2)
	“Eu acho que primeiramente é necessário o desejo, a primeira coisa necessária é o desejo de ter um filho” (E. 3)
	“Pra ter um filho tem que querer ser mãe” (E. 5)
Estrutura emocional	“Tem que ter muita vontade pra encarar a maternidade” (E. 9)
	“Estrutura psicológica, se você não tem uma estrutura estável, não tem condições” (E. 10)
	“Ter um estrutura emocional também é importante” (E. 4)
	“Ter uma estrutura emocional primeiro” (E. 5)
	“Acho que tem que ter estrutura emocional” (E. 6)
	“Ter estabilidade psicológica pra discernir qual é o seu real desejo” (E. 8)
Parceiro	“É preciso ter estrutura psicológica, emocional” (E. 9)
	“Primeiro tem que ter um companheiro, né?” (E. 1)
	“A maternidade é uma experiência que tem que ser compartilhada a dois” (E. 1)
	“Porque eu acho que é muita irresponsabilidade você botar um filho no mundo sem um pai, a maternidade tem que ser dividida e eu acho que um filho precisa de uma referência paterna né, essa coisa toda” (E. 10)
	“Eu achava que pra ter filhos tinha que ter uma estrutura de família, que englobasse um parceiro” (E. 12)
	“Primeiro ter uma estrutura de família com marido, porque eu acho que uma criança precisa de pai” (E. 13)
	“Não faria uma produção independente não, poderia não ficar com o pai da criança, entende, mas não, não é uma coisa de ficar casada com a pessoa, é da criança ter um pai, um pai que queira também isso entendeu” (E. 13)
	“Eu acho que parceiro é muito importante, porque é muito difícil criar um filho sozinha, eu não teria sem parceiro, de jeito nenhum” (E. 14)
	“Eu acho que tem que ter parceiro, eu só teria com parceiro, não teria sozinha não” (E. 16)
	“O parceiro também é preciso, o parceiro na maternidade tem uma importância fundamental” (E. 2)
“Nem pensava em ter uma produção independente, eu não sou dessa	

	linha não, pra mim filho tem que criar com pai e mãe, essa historia de sem pai isso tudo é balela” (E. 2)
Parceiro	“Eu não acredito em filho que é educado só por mãe, eu fui educada com pai e mãe, ali do lado, eu acho que o pai tem que estar ali presente” (E. 2)
	“Eu acho que filho não deve vir de forma alguma sem um casamento, eu não pensava como algumas mulheres ‘se eu não casar até tal idade eu vou ter um filho’, eu ria assim porque isso não fazia o menor sentido, pra mim é preciso um marido” (E. 4)
	“É muito importante ter um parceiro, dentro da minha perspectiva eu acho que, eu defendo uma família nos moldes mais tradicionais sabe, que tenha um pai, que tenha uma mãe, sabe, eu defendo isso, eu acho que é importante ter uma estrutura familiar” (E. 4)
	“Teria que ter um bom companheiro pra acompanhar tudo isso” (E. 5)
	“No meu caso realmente ter um parceiro é necessário” (E. 5)
	“E eu pensava, se eu for ter filho eu queria que fosse com um pai, por tudo, pela parte emocional, financeira, de cuidado, eu já via os casais na família e eu via, assim, quanto era importante né, a criança ter a presença do pai e da mãe” (E. 6)
	“Tem que ter um parceiro” (E. 6)
	“Eu achava esse conjunto de família necessário para ter um filho, mesmo que depois não desse certo, mas eu só iria construir, ter um filho quando eu tivesse esse contexto familiar de marido” (E. 7)
“Eu vinculei um filho a um contexto de família, eu não consegui colocar filho como se fosse assim um desejo separado” (E. 7)	

Subcategoria: Âmbito profissional

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Conciliação com trabalho	“É necessário também conciliação com o trabalho, se você tem um trabalho que suga todo seu tempo, você não tem como dar todos os cuidados de mãe” (E. 7)
	“Eu acho que estabilidade profissional tem que ter, isso é o mínimo, você botar uma criança no mundo, você tem que ter condições de conciliar isso com o seu trabalho” (E. 8)
Estrutura financeira	“A vida da gente tem que estar muito organizada financeiramente” (E. 1)
	“Tem que ter as condições financeiras, ter um filho é muito gasto, é um ser humano totalmente dependente financeiramente por muitos anos” (E. 1)
	“Pra mim é preciso também uma condição de financeira, de poder ter casa, trabalho, isso era estrutura financeira da minha parte” (E. 12)
	“A estrutura financeira era necessária porque era necessário uma estrutura financeira pra cuidar de uma criança, porque sem essa estrutura

	a família desintegra” (E. 12)
Estrutura financeira	“Então eu precisava ter uma estrutura, eu como mãe, não só física, mas financeira pra que essa criança, quando esse casamento acabasse, eu não precisasse dar essa criança pra alguém cuidar” (E. 12)
	“É preciso uma estrutura socioeconômica que permita a construção dessa criança né” (E. 13)
	“Tem que ter uma boa condição financeira” (E. 14)
	“A questão financeira pesa muito pra mim” (E. 15)
	“Eu acho que uma boa condição financeira é preciso também” (E. 16)
	“Se eu quero ter um filho eu preciso ter condição financeira pra isso” (E. 16)
	“A questão econômica vai pesar, na era que a gente está, isso pesa, pesa mesmo, como eu vou ser ingênua a ponto de achar que isso não vai ser problema pra cuidar, o filho vai se alimentar de luz?” (E. 2)
	“Acho que é importante estabilidade mesmo de segurança financeira, não precisa ser rico, mas assim uma estabilidade que você tenha pelo menos onde morar, o que comer, que vai lhe dar o mínimo de conforto” (E. 3)
	“Eu acho que a situação financeira pesa porque você tem que ver a possibilidade de dar uma vida digna aquele ser que depende de você né” (E. 4)
	“Tem que ter uma boa estrutura financeira porque desde a hora que gera, ate ele se tornar maior de idade assim, é um investimento a longo prazo né” (E. 5)
	“Tem que ter estrutura financeira” (E. 6)
	“É preciso ter um condições financeiras pra poder ter filho nesse país” (E. 7)
	“Ter estabilidade financeira” (E. 8)
“Uma estrutura financeira, porque minha senhora, ter filho é caro, é muito caro, um filho é mais caro do que você manter um carro” (E. 9)	

Anexo 4: Categoria Representação social da maternidade

Subcategoria: Cobrança social

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Houve cobrança	“Sim, senti cobrança mesmo, todo mundo me perguntando ‘porque você não teve filho?’, aí as pessoas olham pra mim com pena” (E. 10)
	“Senti muita cobrança, até hoje, família, colegas, amigos, eu dou risada” (E. 13)
	“As pessoas me cobravam, todo mundo me cobrava, minha mãe, meu pai, todo mundo entendeu” (E. 14)
	“A cobrança é terrível, quando você namora já é a cobrança pra casar, aí quando casa é quando vai ter o filho, as pessoas sempre esperam alguma coisa da gente, é impressionante” (E. 14)
	“A família cobrava muito” (E. 14)
	“A cobrança de fora, é muito ruim, as pessoas dizem ‘ah, você não tem porque não quer’ aí ficam dizendo ‘olhe, não se vive assim, a mulher tem que ter um filho’, eu acho que o pior nisso tudo é a cobrança” (E. 14)
	“A cobrança é muito grande, ainda hoje com essa idade o povo me cobra” (E. 15)
	“Até hoje a cobrança existe, eu vou ficar velha e as pessoas me cobrando isso” (E. 15)
	“Até hoje, eu acho que vou ficar velha, de bengala, cabelo branco e o povo querendo que eu tenha um filho, é incrível” (E. 15)
	“Existe uma pressão, por parte de todo mundo, então existe muita cobrança também com certeza, e a minha dúvida, o meu pensamento era em função de cobranças mesmo, de família, de questionamentos” (E. 16)
	“Sinto cobrança até hoje, as pessoas cobram, a sociedade cobra bastante isso e faz até você ficar na dúvida” (E. 16)
	“As pessoas cobram muito, as pessoas perguntavam se eu não ia ter filhos” (E. 2)
	“Porque as pessoas cobram muito, a família cobra, as pessoas cobram, as pessoas tem pena, pensam que a gente sofre porque ‘coitadinha não tem filho’” (E. 3)
	“Eu senti, as pessoas cobravam, a minha família não, mas a sociedade sim” (E. 6)
“Muita, muita cobrança, principalmente da família, porque os amigos cobram menos isso né, principalmente se são do mesmo nível, mas a família é o tempo todo, todo encontro de família que tem ‘e aí, ainda não casou, ainda não teve filho?’, agora a gente vai ficando mais velha e a coisa começa a diluir, mas quando eu era mais nova era demais” (E. 7)	
“Eu me sentia um pouco pressionada, uma coisa porque mulher tem que ter maternidade e sempre as pessoas falam assim, a família cobrava isso” (E. 8)	

	<p>“A sociedade cobra sim, nossa, todo tempo, ate hoje, ate hoje cobram, é, mas a sociedade ‘mas você não tem filho?’, é, é, sempre cobram ‘mulher, como é que pode não ter filho? Esse amor, você não vai descobrir esse amor’” (E. 8)</p>
Não sentiu cobrança	<p>“A mim não me cobrou um filho porque como eu era solteira, não me cobrava, porque assim vai cobrar ser mãe solteira? Não, a mim não” (E. 1)</p>
	<p>Não, não senti cobrança, porque as pessoas só cobram da gente uma coisa quando aquilo não esta bem resolvido dentro da gente, quando você faz uma coisa que você esta bem com você, o outro não te cobra não, só há cobrança quando você não esta bem, entendeu?” (E. 11)</p>
	<p>“Não, não sinto cobrança, eu sinto mais surpresa das pessoas, eu acho que as pessoa se surpreendem, ainda não é muito comum, as pessoas já supõem que você tem filhos, tipo assim ‘qual a doença que você tem? Você não tem filho?’” (E. 12)</p>
	<p>“Eu não me senti cobrada não, tinha assim aquela coisa ‘casou, cadê, vai chegar o menino?’, no começo ainda perguntavam, sabe, depois deixaram, eu senti mais a expectativa do inicio, sabe, depois todo mundo tranquilo, o pessoal não ficou me cobrando muito não” (E. 4)</p>
	<p>“Não, não senti cobrança, porque eu acho que minha geração foi aquela que realmente pensou primeiro em trabalhar, estudar, se formar, então isso veio depois assim, não teve essa cobrança” (E. 5)</p>
	<p>“Assim, eu sou tão, eu sou tão, tão, como é que eu falo, tão sincera em relação a isso, tão decidida em relação a isso que ninguém me cobra isso” (E. 9)</p>

Subcategoria: Funções sociais

Unidade de Analise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Ser mãe	<p>“A sociedade ela cobra muito o casamento pra mulher, entendeu? Se você casa ai começa a cobrança ‘e os filhos?’, como se toda mulher tivesse que ter filhos” (E. 1)</p>
	<p>“Ai em determinado momento eu falei pra ele ‘você não acha que a gente deveria ter filho, já que esta todo mundo tento filho’, aquela coisa assim, e tipo o que a gente vê assim na sociedade, as pessoas se formam, casam e tem filhos e etc, e ai assim, eu achava que a gente tinha que ser normal né” (E. 10)</p>
	<p>“Quando chegou perto dos 40 né, todas as minhas amigas diziam ‘você vai entrar em crise existencial, você vai ter traumas’ porque você não foi mãe e tal e tal, e ai cheguei pra minha psicóloga e disse ‘olhe, eu preciso trabalhar isso na minha cabeça, porque está todo mundo dizendo que eu vou ter uma crise existencial e eu não quero ter crise existencial nenhuma’” (E. 10)</p>

	<p>“As pessoas achavam que eu ia mudar de ideia, elas não acreditavam que eu não tinha filho porque eu não queria” (E. 14)</p>
Ser mãe	<p>“O desejo veio quando eu me casei, com a cobrança, meu marido é militar, o meio militar é um meio materno, as mulheres tem filhos, como é um circulo meio fechado, as mulheres casam novas né, então casou, começa a própria cobrança, tanto da família quanto do próprio meio, filho, filho filho, ai a vontade veio com isso (E. 15)</p>
	<p>“Quando você é mais novo, você é meio que um produto ali do seu meio, então se todos ao seu redor tem filhos, estão casando e tem filhos, você vai também casar e querer ter filhos, é da nossa cultura, você já cresce desde criancinha ouvindo isso, então é uma coisa que você não sabe nem se você quer, mas você já nasce com essa coisa” (E. 15)</p>
	<p>“As vezes as pessoas acham que pra você ser feliz você tem que ter aquele rotulo, você tem que casar, você tem que ter filho, você tem que ter isso e aquilo” (E. 16)</p>
	<p>“Todo mundo acha que você tem que casar, que você tem que ter filho, eu acho assim, nem tudo esta dentro daquele, desse quadrado que é moldado pela própria sociedade que a gente vive” (E. 16)</p>
	<p>“Mas a cobrança da sociedade em si fazia eu me questionar e ter duvida porque eu pensava ‘poxa, e ai? Todo mundo fala que tem que ter filho’” (E. 16)</p>
	<p>“Você sente no semblante das pessoas como se fosse uma coisa absurda você não querer ter filho” (E. 16)</p>
	<p>“Hoje em dia tem crescido muito o numero de casais sem filhos e de mulheres que optaram por não ter filho e isso é uma coisa que vem crescendo muito, porque antigamente era a coisa mais forçada mesmo, você tinha que casar, ter filho, mais imposta, mas nos tempos modernos, você já vê muitas mulheres que optaram por não ter filho” (E. 16)</p>
	<p>“Ele ficava preocupado, dizia ‘minha filha, você morando em São Paulo e não quer ter filhos?’ e quantas vezes eu não falava ‘pai, olhe, a gente tem que entender que nessa vida a gente não é feliz só se casar ou se tiver filhos, se acontecer acontece, tudo bem, ótimo, mas não eu vou colocar a minha razão de existência nessa terra por causa disso’” (E. 2)</p>
	<p>“Logico que na adolescência a maternidade está latente na gente, isso é normal” (E. 2)</p>
	<p>“A maternidade tem uma data específica que ela é a florada na gente, eu não fui diferente de nenhuma outra mulher” (E. 2)</p>
	<p>“Na sociedade você sempre se depara com esse tipo de fala: ‘ah, se você não é mãe, então não é mulher’” (E. 2)</p>
	<p>“Questões de ordens culturais do tipo ‘ah, mas se você não tem filho você não é mulher’” (E. 2)</p>
	<p>“Isso é reforçado seja pela escola, pela igreja, pelas instituições, então como isso está muito arraigado em nós, essa coisa da maternidade é muito forte né? São valores ligados mesmo a questão da própria natureza da mulher, né” (E. 2)</p>
	<p>“Muitas querem ter filhos, mas eu acho que antigamente pra mulher era isso que restava, casar, ser dona de casa, cuidar dos filhos e do marido né, a mulher se preparava pra isso, talvez a grande parte da minha geração viveu assim” (E. 4)</p>
<p>“Minha avó sempre falava ‘não, mulher tem que ter filho’, eu fui criada</p>	

	com minha avó, ela sempre falava ‘mulher tem que ter filho’” (E. 8)
	“As pessoas de fora que falam ‘ah, tem que ter filho’” (E. 8)
	“Porque tem gente que bota filho no mundo porque acha que é uma obrigação, de qualquer jeito” (E. 8)
	“Muita gente tem filho por ter, porque é obrigação, porque a sociedade obriga você a ter filho, eu acho que tem muita gente assim” (E. 8)
	“Esse é um dos motivos, que as pessoas criam por criar como se fosse uma obrigação botar alguém no mundo, que eu tenho que ter filho, vou ter e crio de qualquer jeito” (E. 8)
	“Todo mundo fala que eu ainda vou querer ter filho, como se toda mulher tivesse que querer” (E. 9)
Ser boa mãe	“Ser mãe é a maior função, quando você não é capaz, é melhor você não ser mãe, do que você botar criança no mundo e a criança ser desajustada, de fazer a criança sofrer” (E. 13)
	“É melhor não ter um filho desajustado do que, é como se assim, se eu não seria uma boa mãe, eu faria uma criança sofrer” (E. 13)
	“Quem tem filho não tem mais vida, a vida é o filho né, você vai comprar algo pra você? Não, uma boa mãe compra primeiro pro filho” (E. 14)
	“Eu acho que você tem que ter essa consciência, porque se você tem você tem que se dedicar mesmo, você tem que assumir uma responsabilidade total, não é só financeira, é responsabilidade de você criar, de educar, de amar, de estar ali, eu acho que você tem que ter uma consciência, de prover o melhor pro seu filho” (E. 16)
	“Então é melhor você não ter do que ser uma mãe ruim” (E. 16)
	“A educação, se você é mãe tem que nortear aquela pessoa, a personalidade dela, você é responsável por isso” (E. 16)
	“A mulher tem que ter uma energia dentro dela pra voltar praquilo, pro cuidado daquela criança, aquele ser não da pra se cuidar de qualquer jeito, então quando ela vai se distanciando dessa energia vital, ela vai já vendo outros horizontes” (E. 2)
	“A maternidade reúne todos os atributos que uma pessoa tem que desenvolver dentro dela porque ela é responsável pela formação de caráter desse ser que está chegando, sabe? Se a gente não tiver uma maternidade adequada, a nação vai viver uma situação complicada” (E. 2)
	“A sociedade coloca isso, você tem que ter todo um cuidado voltado pro filho, tem que ser o suporte emocional e físico da criança” (E. 4)
	“Você sempre tem que pensar no melhor pra criança em todos os sentidos” (E. 4)
	“Mas eu não sei assim, tem que também ter limites, senão realmente eu acredito que as mães elas são muito, as que gostam mesmo de ser mãe realmente se dedicam, sei lá, 25, 30 horas por dia” (E. 5)
	“Se você for mãe, é sua obrigação você fazer, você se dedicar, então é dedicação pro resto da vida” (E. 8)
	“Porque a partir do momento que você tem filho, você tem a obrigação de se dedicar aquela pessoa, é uma pessoa que vai depender de você o resto da sua vida, entendeu, então é complicado” (E. 9)
“Tem que ter um cuidado muito grande, você é responsável pela constituição daquela criança, tem que dar o seu melhor” (E. 3)	

	“A sociedade mesmo trás isso, todos os atributos que você tem que ter pra ser uma mãe, uma boa mãe” (E. 10)
--	---

Anexo 5: Categoria Sentimento associado a não-maternidade

Subcategoria: Conflitivo

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Frustração	“Me sinto um pouco frustrada, aquela sensação de que eu não consegui (E. 5)
	“É uma sensação assim meio de frustração, eu acho que é frustração, foi justamente de frustração” (E. 7)
	“Uma frustração, eu não consegui, como se fosse assim, uma sequencia de mim, um prolongamento da família, uma continuação” (E. 7)
Incompletude	“Me sinto incompleta por não ter me realizado como mãe” (E. 5)
Tristeza	“Esse sentimento de vazio, sabe, de não completo, da não plenitude como mulher” (E. 7)
	“Foi muito ruim, muito ruim, tristeza, aquela tristeza de ‘poxa, eu queria’” (E. 12)

Subcategoria: Não conflitivo

Unidade de Análise	
Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Liberdade	“Acho libertador, viajo pra onde eu quero, saio a hora que eu quero, vou pedalar, volto, quando eu chego em casa cansada do trabalho posso dormir, não tem ninguém pra me perturbar, não tem ninguém chorando, não tem ninguém que dependa de mim, eu acho ótimo, uma liberdade maravilhosa” (E. 10)
	“Hoje eu por não ser mãe me sinto um pouco livre né, eu sou livre pra fazer tudo, não eu não tenho a responsabilidade de fazer nada” (E. 13)
	“A não-maternidade me deixa livre e eu gosto dessa liberdade, de ir e vir, essa liberdade é algo muito bacana pra mim, hoje eu não tenho filhos pra me impedir de não fazer nada, não tenho isso, sou livre, não tenho esse filho que me impede de fazer outras coisas” (E. 13)
	“É libertador, hoje não tenho ninguém pra atrapalhar minha vida, eu vou pra onde eu quero, eu faço o que eu quero” (E. 14)
	“Eu sinto que tenho muita liberdade entendeu, minha liberdade pra mim é tudo, qualquer coisa que tire minha liberdade já odeio, quer me ver brava, tire minha liberdade de alguma maneira” (E. 14)
	“Liberdade, faço o que eu quero, na hora que eu quero, não me preocupo, assim é a minha vida, eu faço as minhas coisas, eu trabalho, eu faço as minhas atividades, saio com as amigas, eu saio com o marido,

	ai pronto, sem aquela preocupação, eu acho que é liberdade mesmo, despreocupação, é libertador” (E. 15)
	“Pra mim não ser mãe me da um sentimento muito bom de liberdade, então assim, a questão da liberdade é algo assim que também traz pra vida da gente muito prazer” (E. 3)
	“Respondendo sua pergunta o que eu posso lhe dizer é liberdade” (E. 3)
	“É libertador, eu gosto muito de liberdade, logo cedo eu comecei a viajar muito” (E. 6)
	“Me senti livre, como se tivesse tirando um peso da minha consciência sabe, é, um peso nas minhas costas” (E. 8)
	“É libertador, eu faço tudo na hora que eu quero, como eu quero, não tenho obrigação de nada” (E. 9)
Tranquilidade	“Foi de tranquilidade, ficar triste pra que né?” (E. 1)
	“Muita tranquilidade, muita tranquilidade” (E. 10)
	“Eu sou muito tranquila com relação a isso” (E. 10)
	“Vivencio de maneira tranquila, não fiquei com trauma nenhum, pelo contrario, quando vejo minha amigas sem puderem fazer alguma coisa e tal, ai eu falo ‘ai meu Deus, muito obrigada porque desse mar eu não padeço’, então assim tranquilo” (E. 10)
	“Essa questão de não ter filhos pra mim é muito tranquila, ficou muito bem fechado” (E. 10)
	“De forma muito tranquila, é algo muito consciente” (E. 11)
	“É tranquilo, eu não sinto tristeza não, foi uma decisão bem consciente” (E. 13)
	“Estou tranquila há muito tempo” (E. 15)
	“Foi de muita tranquilidade porque foi uma decisão bem consciente” (E. 16)
	“Mas eu estou muito tranquila, nunca tive dor de cabeça por causa disso não” (E. 2)
	“É bem tranquilo sabe, bem tranquilo” (E. 2)
	“Tem estado muito tranquilo, até agora está tranquilo” (E. 2)
	“Muita tranquilidade” (E. 3)
	“Eu sou muita tranquila com a minha decisão” (E. 4)
	“É muito tranquilo, bem tranquilo mesmo” (E. 6)
	“Eu vivencio com tranquilidade, problema algum, até porque foi uma decisão minha, problema algum” (E. 8)
	“É muito tranquilo, foi uma decisão consciente” (E. 9)
	“O coração esta tranquilo, a mente esta tranquila” (E. 9)